

INSTITUTO SUPERIOR ANÍSIO TEIXEIRA

Anderson Xavier Duarte Junior

**A TRADUÇÃO DA GÍRIA NAS LEGENDAS
DA PRIMEIRA TEMPORADA DA SÉRIE *INSECURE* DA HBO**

São Gonçalo – RJ
2020

Anderson Xavier Duarte Junior

**A TRADUÇÃO DA GÍRIA NAS LEGENDAS
DA PRIMEIRA TEMPORADA DA SÉRIE *INSECURE* DA HBO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Letras Tradução Português- Inglês do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Português- Inglês.

Orientador: Prof. M.^e José Manuel da Silva

São Gonçalo – RJ
2020

Anderson Xavier Duarte Junior

**A TRADUÇÃO DA GÍRIA NAS LEGENDAS
DA PRIMEIRA TEMPORADA DA SÉRIE *INSECURE* DA HBO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Letras Tradução Português-Inglês do Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Português-Inglês.

Orientador: Prof. M.^º José Manuel da Silva

Prof. M.^º José Manuel da Silva – ISAT

São Gonçalo, RJ, 20 de julho de 2020.

DEDICATÓRIA

In memoriam. À minha avó, Idalina Valadares dos Santos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me capacitar, por me fortalecer e por ser meu refúgio em tempos tão difíceis. Sem Ele, nada disso teria sido possível.

Aos meus pais, Valéria Valadares dos Santos e Anderson Xavier Duarte, pelo incentivo.

À minha irmã, Thaiene dos Santos Duarte, pelo apoio emocional, pelo encorajamento e por ser o maior e melhor exemplo de determinação e persistência que eu poderia ter.

À Luana Figueiredo. Sua amizade e companheirismo foram essenciais durante o processo de elaboração desse trabalho. Agradeço imensamente por todo apoio emocional, pelo encorajamento e por todas as vezes que me lembrou do meu potencial, da minha essência e do motivo pelo qual eu escolhi esse caminho.

Ao meu líder e amigo, Éden Maicon Alves de Souza, pelo aconselhamento espiritual, pelo direcionamento, pela amizade, pela paciência, pelo encorajamento e por sempre me impulsionar a ser melhor.

Ao meu grupo de crescimento, GC NEXT Colubandê, por todo amor, carinho e suporte durante tempos difíceis.

À Camilla Bauerfeldt, Clara Amaral e Julianna Bauerfeldt pela amizade incrível, pelo apoio emocional, por todas as palavras de incentivo e por transformarem os anos na faculdade suportáveis e inesquecíveis.

Aos meus amigos pela paciência e compreensão durante todos os momentos em que estive ausente. Aos colegas de curso por todo companheirismo e momentos incríveis.

Ao meu orientador, Prof. M.^e José Manuel da Silva, pela paciência, pelo incentivo, pelas inúmeras instruções, correções e revisões e por toda contribuição ao longo do curso.

À Prof. Dra. Beatriz Damasceno por contribuir imensamente para o meu crescimento acadêmico e por ser uma grande inspiração profissional e pessoal. Por fim, mas não menos importante, aos demais professores que contribuíram, de alguma forma, para o meu crescimento acadêmico e profissional.

*i walk on two bridges everyday
one is easy; like my mother tongue
the other is scary; like a foreign language
it creaks
and my soul is split
between these two bridges
i cannot stop sounding
like the language i grew up with
and i cannot stop speaking
this foreign language
for it helps me
survive*

Noor Unnahar

RESUMO

A indústria de *streaming* de vídeo no Brasil cresceu notavelmente nos últimos anos. Como consequência disto, a população está cada vez mais conectada com outras culturas e línguas por meio de filmes, documentários e séries de TV. Essa conexão, no entanto, é estabelecida por meio da tradução audiovisual (TAV) – área da tradução responsável por transmitir a mensagem de um vídeo, a qual é originalmente falada, de uma língua-fonte para uma língua-meta. Considerando que o telespectador busca entretenimento ao assistir um vídeo e que, muitas vezes, este depende da tradução audiovisual para ter acesso à mensagem original da obra em questão, este trabalho tem como objetivo analisar a tradução das legendas do inglês para o português brasileiro da primeira temporada da série da HBO chamada *Insecure*, que foi criada por Issa Rae. No entanto, o foco estará na tradução da linguagem gíria – a qual pode contribuir para que um indivíduo conecte-se com seu meio social – com o intuito de verificar como se deu a conversão dos vocábulos gírios da língua inglesa para o português.

Palavras-chave: streaming. tradução audiovisual. TAV. legendas. Issa Rae. *Insecure*. gíria.

ABSTRACT

The video streaming industry in Brazil has grown significantly over the past few years. As a result, the population has been increasingly connected to other cultures and languages through movies, documentaries and TV series. However, this connection is established via audiovisual translation (AVT) – the field of translation responsible for conveying the message of a video, which is originally spoken, from a source language to a target language. Considering that viewers seek entertainment when watching a video and that, many times, they depend on audiovisual translation to have access to the original message of a work, this work aims to analyze the translation of subtitles from English into Brazilian Portuguese of the first season of HBO's series *Insecure*, which was created by Issa Rae. However, the focus will be on the translation of the slang in the series – which can contribute for individuals to connect with their social environment – in order to analyze how the translation of slang from English into Portuguese took place.

Key words: streaming. audiovisual translation. AVT. subtitles. Issa Rae. *Insecure*. slang.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de ocorrências por categoria com repetições.....	100
Gráfico 2 – Avaliação das ocorrências analisadas	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações sobre as legendas	57
Quadro 2 – Exemplo 1	58
Quadro 3 – Exemplo 2	59
Quadro 4 – Exemplo 3	60
Quadro 5 – Exemplo 4	61
Quadro 6 – Exemplo 5	62
Quadro 7 – Exemplo 6	63
Quadro 8 – Exemplo 7	64
Quadro 9 – Exemplo 8	64
Quadro 10 – Exemplo 9	65
Quadro 11 – Exemplo 10	66
Quadro 12 – Exemplo 11	67
Quadro 13 – Exemplo 12	68
Quadro 14 – Exemplo 13	69
Quadro 15 – Exemplo 14	70
Quadro 16 – Exemplo 15	70
Quadro 17 – Exemplo 16	71
Quadro 18 – Exemplo 17	72
Quadro 19 – Exemplo 18	73
Quadro 20 – Exemplo 19	74
Quadro 21 – Exemplo 20	75
Quadro 22 – Exemplo 21	76
Quadro 23 – Exemplo 22	77
Quadro 24 – Exemplo 23	77
Quadro 25 – Exemplo 24	78
Quadro 26 – Exemplo 25	79
Quadro 27 – Exemplo 26	79
Quadro 28 – Exemplo 27	80
Quadro 29 – Exemplo 28	80
Quadro 30 – Exemplo 29	82
Quadro 31 – Exemplo 30	83
Quadro 32 – Exemplo 31	83

Quadro 33 – Exemplo 32	88
Quadro 34 – Exemplo 33	88
Quadro 35 – Exemplo 34	90
Quadro 36 – Exemplo 35	91
Quadro 37 – Exemplo 36	92
Quadro 38 – Exemplo 37	93
Quadro 39 – Exemplo 38	94
Quadro 40 – Exemplo 39	95
Quadro 41 – Exemplo 40	96
Quadro 42 – Vocábulo gírios analisados.....	99
Quadro 43 – Número de ocorrências por categoria com repetições	99
Quadro 44 – Avaliação das ocorrências analisadas.....	100

LISTA DE SIGLAS

LF – língua-fonte

LM – língua-meta

TAV – tradução audiovisual

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TRADUÇÃO	16
2.1 Breve contextualização histórica da tradução	16
2.2 A tradução e o tradutor	18
2.3 Tipos de tradução	20
2.3.1 <i>A interpretação</i>	23
3 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL (TAV)	26
3.1 Modalidades da TAV	28
3.2 A TAV no Brasil	30
4 LEGENDAÇÃO E LEGENDAGEM	32
4.1 Conceitos e procedimentos	32
4.1.1 <i>A legenda e o telespectador</i>	35
5 <i>INSECURE</i>	38
5.1 A série	38
5.2 Personagens principais	39
5.2.1 <i>Issa</i>	39
5.2.2 <i>Molly</i>	40
5.2.3 <i>Lawrence</i>	40
5.2.4 <i>Daniel</i>	41
6 LÍNGUA E CULTURA	42
6.1 Gíria	44
6.1.1 <i>Gíria de grupo</i>	47
6.1.2 <i>Gíria comum</i>	51
6.1.3 <i>A gíria sob outra perspectiva</i>	53
7 A TRADUÇÃO DA GÍRIA EM <i>INSECURE</i>	56
7.1 Gíria depreciativa	58
7.2 Gíria neutra	75
7.3 Gíria positiva	81
7.4 Gíria expletiva	92
8 CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

1 INTRODUÇÃO

Considerando que a televisão por assinatura possibilitou aos telespectadores brasileiros o acesso a uma lista extensiva de títulos internacionais dublados e legendados, é possível afirmar que ela exerceu um papel importantíssimo no crescimento do campo da tradução audiovisual (TAV) no Brasil. No entanto, a TAV tem apresentado um crescimento e desenvolvimento elevado no mercado audiovisual por conta das empresas de *streaming* de vídeo que estão surgindo. Como consequência disto, cada vez mais pessoas estão conectadas a obras visuais traduzidas.

É importante apontar que a TAV possui duas modalidades populares: a tradução para dublagem e a tradução para legendagem. De modo geral, a tradução para dublagem consiste na conversão de um texto originalmente escrito em um texto que será falado, enquanto a tradução para legendagem – ou legendação, segundo Alvarenga (1998 apud ARAÚJO, 2016) – consiste na conversão de um texto originalmente falado em um texto escrito.

De acordo com Paganine e Fonseca (2015 apud OLIVEIRA, 2018), a língua falada é mais suscetível a mudanças que a língua escrita. Desta forma, é possível afirmar que a tradução para legendagem, objeto deste trabalho, pode representar desafio para um tradutor, já que este terá que representar na língua escrita – que costuma ser mais formal – uma mensagem originalmente falada, que costuma ser mais coloquial. (OLIVEIRA, 2018). Ainda segundo Oliveira (2018):

Na fala, o falante pode usar alguns recursos, como gestos e expressões faciais, evitando que haja qualquer perda de compreensão por parte do ouvinte, que está presente no ato da fala. Na língua escrita, por outro lado, não é possível utilizar esses recursos. (OLIVEIRA, 2018).

Além disso, vale citar que a tradução para legendagem também pode ser considerada desafiadora, porque, de acordo com Martinez (2007), há uma diferença entre a velocidade com que uma mensagem falada é emitida e a velocidade que o telespectador leva para ler uma mensagem escrita.

Com isso em mente, esta pesquisa tem como intuito analisar a tradução da gíria nas legendas da série *Insecure* da HBO, considerando que a gíria é um recurso predominantemente da língua falada, que, além de fazer parte do vocabulário de muitos falantes – se não todos –, é utilizada para reforçar laços sociais e para reafirmar a identidade de uma pessoa. (PRETI, 2000).

Entretanto, antes de apresentar a análise, faz-se necessário explicar conceitos, procedimentos e particularidades que contribuirão para o entendimento das observações realizadas acerca da tradução, da tradução audiovisual, da série *Insecure* e da gíria. Assim, o Capítulo 2 irá apresentar uma breve contextualização acerca da tradução, buscando, assim, indicar sua evolução histórica e seu surgimento, suas possíveis definições, sua relação com o tradutor e suas possíveis divisões.

O Capítulo 3, por sua vez, tem como finalidade abordar a TAV detalhadamente. Logo, serão apresentadas as modalidades da TAV e suas características. Vale apontar que este capítulo abordará a tradução para dublagem e a tradução para legendagem – uma vez que estas são as principais modalidades da TAV –, pretendendo, assim, estabelecer as principais diferenças entre elas. Além disso, serão apresentadas informações básicas sobre o surgimento e desenvolvimento da TAV no Brasil.

O Capítulo 4 abordará as particularidades da tradução para legendagem, que será o objeto deste trabalho. Além de explicitar o que é conhecido por legendação e por legendagem, serão apresentados os conceitos, os procedimentos e profissionais responsáveis por cada atividade. Ademais, será discutida a relação entre telespectador e legenda, que é crucial para a elaboração de uma boa legenda.

O Capítulo 5 apresentará um resumo da primeira temporada da série *Insecure* e trará informações sobre os personagens principais da obra. O Capítulo 6, após comentar sobre a relação entre língua e cultura – dois aspectos cruciais para que seja possível entender a gíria –, apresentará com mais detalhes os conceitos, as características e as diferentes divisões e classificações da gíria.

O Capítulo 7 irá analisar a tradução – do inglês para o português – dos vocábulos gírios encontrados nas legendas da primeira temporada da série *Insecure*. O intuito desta análise é observar se as soluções tradutórias trazem outros vocábulos gírios ou palavras padrão da língua e se essas soluções apresentam ou não características e significados similares aos da gíria no original.

Por fim, o Capítulo 8 apresentará as conclusões deste trabalho.

2 TRADUÇÃO

Seja em um *app* para celular ou em séries via *streaming*, as pessoas estão cada vez mais cercadas de conteúdos traduzidos. A tradução ajuda na criação de um mundo universalizado, permitindo que pessoas de línguas e culturas diversas possam estabelecer diferentes tipos de conexões, facilitando o acesso a informações globais, propagando diferentes produções literárias, audiovisuais e culturais; por isso, a tradução tem crescido cada vez mais e se tornado um dos principais fatores para a globalização. Em virtude desse crescimento, os estudos da tradução estão se expandindo de modo a estabelecer pontos de partida para pesquisadores e profissionais da área, a esclarecer dúvidas e até mesmo a avaliar o que está circulando pelos meios de comunicação.

Este capítulo tem como objetivo, considerando a finalidade desta pesquisa, definir o que é tradução, como surgiu, e, com isso, falar sobre o papel do tradutor, além de apresentar os diferentes tipos de tradução para que seja possível abordar o campo da tradução audiovisual, o qual será o foco principal.

2.1 Breve contextualização histórica da tradução

A tradução esteve presente na vida das pessoas antes mesmo do surgimento da escrita; isso porque os povos de línguas diferentes precisavam de intérpretes para estabelecerem comunicação entre si. (BRITTO, 2012). Segundo Campos (1987), um dos documentos mais populares da prática tradutória é a Pedra de Roseta, um fragmento encontrado em 1799 durante uma escavação feita na cidade de Roseta, no Egito. O fragmento “continha grafias em três diferentes maneiras: grego, antigos hieróglifos egípcios e demótico egípcio”. (BONACIN; SCHÄFFEL, 2010).

Outro importante marco na história da tradução é a *Septuaginta*, nome pelo qual ficou conhecida a tradução do Antigo Testamento da Bíblia do hebraico para o grego, realizada por 72 sábios do Egito. (CAMPOS, 1987). O Novo Testamento da Bíblia, por outro lado, foi traduzido por São Jerônimo para o latim a pedido do Papa Dâmaso. (REIS, 2013).

Levando em consideração as contribuições de traduções de textos religiosos para a história da tradução, é importante citar Eugene Albert Nida, teórico que

contribuiu para os estudos da tradução por meio da sua experiência com tradução de textos bíblicos. Sua obra *Toward a Science of Translation* (1964) traz a ideia de que tradutores bíblicos devem se ater à mensagem e utilizar todo e qualquer recurso disponível para tornar a mensagem bíblica clara para o leitor. Uma das principais preocupações de Nida (1964 apud GENTZLER, 2009) quanto à tradução bíblica era transmitir a mensagem do texto original, ainda que modificações precisassem ser feitas a fim de que o leitor do texto traduzido tivesse a mesma sensação que o leitor do texto original.

Nida (1964 apud GENTZLER, 2009) não era o único tradutor disposto a “sacrificar” o conteúdo do texto original em busca da equivalência. Algumas traduções, no século XVII, na Europa, ficaram conhecidas como “as belas infiéis”, pois se preocupavam principalmente com o conteúdo do texto e não necessariamente com a sua forma. (CAMPOS, 1987).

John Cunnison Catford (s.d. apud CAMPOS, 1987) afirma que “tradução é a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra”. Entretanto, a busca pela equivalência irá variar de acordo com o propósito desejado pelo responsável pela tradução. De um lado, há teóricos que acreditam que a noção de equivalência está ligada à reprodução do texto original, a qual é feita normalmente por meio da tradução literal. Newmark (1988 apud SOUZA, 1998) é um dos teóricos que acredita que esta é a forma de tradução correta, porque ajuda na alusão ao conteúdo original.

De outro ponto de vista, há teóricos que acreditam que a noção de equivalência está ligada à reprodução do sentido presente no texto original. Sendo assim, o tradutor buscará, então, aproximar o leitor desse sentido, ainda que ache necessário mudar a forma do texto original, o que alguns tradutores irão considerar como “traição”.

André Lefevere não deixa a questão da equivalência do sentido fora de suas teorias, afirmando que:

A tarefa do tradutor é, justamente, transmitir o texto-fonte, a interpretação original do autor de um determinado tema expresso em um número de variações, acessível a leitores não familiarizados com essas variações, substituindo a variação do autor original por seus equivalentes em uma língua, tempo, local e tradição diferentes. Uma ênfase especial deve ser dada ao fato de que o tradutor tem de substituir todas as variações contidas no texto-fonte por seus equivalentes. (LEFEVERE, 1975 apud GENTZLER, 2009).

Todavia, ainda que a equivalência tenha sido bastante discutida, a questão da fidelidade também foi um assunto bastante comentado. Britto (2012) afirma que um tradutor não é capaz de atingir a fidelidade absoluta em uma tradução por diversas razões. Segundo ele, “um mesmo original pode dar margem a uma multiplicidade de leituras diferentes, sem que tenhamos um meio de determinar de modo absolutamente inquestionável qual delas seria a correta”. Além disso, é importante citar que as línguas possuem sistemas diferentes e que nem tudo que é dito em uma língua pode ser reproduzido com totalidade em outra.

A questão da equivalência e da fidelidade está ligada, especialmente, à questão da tradução literal vs. tradução livre. A tradução literal é, segundo Aubert (1987 apud BARBOSA, 2004), “aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfossintaxe às normas gramaticais da LT [língua da tradução]”. Sendo assim, o tradutor buscará, principalmente, a equivalência da forma do texto. Por outro lado, a tradução livre é aquela que busca manter o sentido presente no texto original. Neste caso, o tradutor buscará a equivalência da mensagem original, usando ferramentas e técnicas para que possa dizer “a mesma coisa” em outro idioma.

A partir disso, fica claro que tradutores e teóricos divergem quanto ao que acreditam ser a forma correta ou mais indicada de traduzir, ainda que possuam o mesmo objetivo: conseguir executar uma boa tradução.

No entanto, outras discussões surgiram, principalmente a partir de 1970, ano em que a tradução passou a ser considerada como área de estudos independente. (BRITTO, 2012). Anteriormente, segundo Mary Snell-Hornby (2006 apud BRITTO, 2012), os estudos da tradução eram subdivididos: enquanto a linguística estudava a parte da tradução técnica, a literatura comparada estudava o que diz respeito à tradução literária. Contudo, a evolução dos estudos da tradução contribuiu para o avanço da área e possibilitou que novas abordagens pudessem ser feitas, resultando em estudos mais específicos para cada subárea da tradução.

2.2 A tradução e o tradutor

Campos (1987) diz que “o verbo ‘traduzir’ vem do verbo latino *traducere*, que significa ‘conduzir ou fazer passar de um lado para o outro’”. Considerando isto, entende-se por tradução a ação de transmitir a mensagem de uma língua-fonte (LF)

para uma língua-meta (LM). Jules Legras (s.d. apud RÓNAI, 2012) defende esta ideia, afirmando que “traduzir consiste em conduzir determinado texto para o domínio de outra língua que não aquela em que está escrito”.

Apesar de a população consumir tradução o tempo todo, seja por meio dos cinemas, da literatura ou da tecnologia, o trabalho do tradutor é pouco reconhecido. Além de não reconhecerem a importância da tradução para o processo de globalização, as pessoas tendem a ter uma visão superficial do ato tradutório. Uma das maiores comprovações acerca dessa visão superficial é a crença de que a tradução se resume ao conhecimento de dois idiomas. No entanto, é importante dizer que não basta conhecer um par de idiomas para conseguir executar uma tradução.

Além de o conhecimento de um par de idiomas fazer parte de uma das principais habilidades que um tradutor precisa possuir, o ato tradutório não se resume a esta habilidade. Para executar uma tradução, o tradutor precisa, por exemplo, ter competência linguística, ou seja, ser capaz de dominar as línguas com que trabalha tanto para a compreensão quanto para a transmissão de uma mensagem.

É importante levar em consideração que um texto pode trazer significados muito mais profundos e subjetivos do que as palavras nele presentes podem carregar. Por isso, o tradutor precisa ser capaz de compreender o texto da LF e ter uma boa redação na LM, pois a qualidade da tradução dependerá da capacidade do tradutor de dizer na LM o que o autor quis dizer na LF. Em certos casos, o tradutor precisará ter conhecimento cultural do par de línguas com que irá trabalhar, pois o texto pode conter referências que influenciarão diretamente o entendimento da mensagem original. Vale mencionar ainda que o tradutor deve distanciar-se do texto que irá traduzir. Isso porque suas crenças não devem influenciar a maneira com que enxerga o texto.

O tradutor também precisa ser um bom pesquisador, seja para encontrar a tradução de uma palavra ou termo equivalente, seja para recorrer a dicionários e glossários ou até mesmo para buscar ter uma melhor compreensão de um determinado assunto e contribuir, possivelmente, para o crescimento do seu vocabulário.

Cabe ressaltar que tão importante quanto traduzir é saber fazer boa revisão. Há diversos aspectos que precisam ser levados em consideração durante a revisão,

como possíveis erros de digitação e de tradução, inadequações, consistência do texto, clareza da mensagem e formatação.

No entanto, é fundamental apontar que, para ser um tradutor profissional, além do que foi mencionado acima, o indivíduo também precisa adquirir habilidades e conhecimentos mais especializados. A formação em tradução faz com que o profissional não seja apenas um bilíngue e proporciona a aprendizagem de tais habilidades e conhecimentos específicos, como, por exemplo, o domínio gramatical das duas línguas com que irá trabalhar, o conhecimento de diferentes aspectos culturais que possam exercer influência sobre a mensagem que será traduzida, a elaboração e o uso de glossários que facilitam as traduções, o uso de *CAT tools* – ferramentas de tradução assistida por computador –, como *Wordfast* e *Trados*, as quais auxiliam, mas não isentam o tradutor do seu trabalho. Além disso, é importante apontar que a formação em tradução também auxilia o tradutor a reconhecer possíveis fatores extralinguísticos que podem exercer influência sobre a mensagem, como, por exemplo, espaço geográfico, meio social, etnia e sexo.

Por isso, é crucial que o tradutor tenha formação em tradução, para que ele adquira as habilidades e conhecimento que irão capacitá-lo a exercer o ofício da tradução de forma mais eficaz, pois conforme já foi mencionado, o ato tradutório não se resume ao conhecimento de um par de idiomas.

2.3 Tipos de tradução

Roman Jakobson (s.d. apud GENTZLER, 2009) subdivide a tradução em: tradução interlingual, tradução intralingual e tradução intersemiótica. A tradução interlingual, que é definida por Rónai (2012) como “reformulação de uma mensagem num idioma diferente daquele em que foi concebida”, é a mais utilizada atualmente, tendo em mente que, como vivemos em um mundo globalizado, a necessidade de comunicação entre os povos de diferentes línguas faz-se essencial.

A tradução intralingual é a reescrita de sinais em uma língua com sinais da mesma língua. Neste caso, pode ser citada como exemplo a interpretação em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), a qual se faz necessária quando se precisa comunicar a mensagem de um ouvinte para um surdo. As versões da Bíblia para mulheres, para jovens e para crianças também são exemplos de tradução

intralingual. Além disso, este tipo de tradução também ocorre quando uma pessoa explica com outras palavras algo que foi dito anteriormente na mesma língua.

Por outro lado, a tradução intersemiótica seria a interpretação de sinais de uma língua para outro sistema de sinais. Como exemplo desta última, é possível citar a adaptação de um livro para uma peça teatral ou para um filme. (JAKOBSON, s.d. apud GENTZLER, 2009).

Apesar de essa subdivisão de Jakobson (s.d. apud GENTZLER, 2009) falar sobre diferentes maneiras de executar uma tradução, há também a subdivisão das áreas da tradução, as quais definem quais tipos de textos serão traduzidos. Dentre os tipos, é importante citar a tradução literária, a tradução técnica e a tradução audiovisual, os quais serão abordados ainda em 2.3.

É importante citar que os leitores são grandes responsáveis, ainda que indiretamente, pelo crescimento e pela disseminação da tradução, pois o aumento do consumo de obras traduzidas faz com que aumente a quantidade de pesquisa acerca do que está sendo produzido.

A literatura teve e ainda tem um importante papel no avanço dos estudos da tradução. Contudo, antes que seja estabelecido qualquer ponto de partida sobre tradução literária, é preciso apontar que um texto literário “é aquele que, ainda que possa ter outras funções, tem um valor intrínseco para aqueles que o utilizam; ou seja, ele é valorizado como objeto estético”. (BRITTO, 2012). Assim, entende-se que, ainda que possua outras funções, o texto literário tem como objetivo o entretenimento do leitor.

Portanto, a tradução literária “é a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada”. (BRITTO, 2012). A partir disso, é possível concluir que o objetivo da tradução literária é que, ao traduzir um texto literário, a tradução possa ser identificada da mesma forma como o original é identificado, ou seja, se o tradutor, por exemplo, traduz um texto literário cujo intuito é causar suspense, a tradução deste texto deve surtir o mesmo efeito. Levando isso em consideração, segundo Britto (2012), o tradutor literário é responsável por transmitir o sentido do texto original e deve “levar em conta também a sintaxe, o vocabulário, o grau de formalidade, as conotações e muitas outras coisas”.

É importante citar a questão da intraduzibilidade, um dos possíveis desafios dos tradutores literários. Oliveira (2018) comenta que a intraduzibilidade está ligada

à impossibilidade de tradução de um vocábulo por um outro. A autora cita o caso da tradução da palavra “saúde” para o inglês e diz que “apesar de ser perfeitamente possível recriar em outra língua uma construção que defina esse sentimento, essa tarefa não será possível utilizando apenas uma palavra que corresponda exatamente ao sentido de ‘saúde’”. (OLIVEIRA, 2018).

A tradução técnica pode ser considerada como uma tradução especializada. Em contraste com a tradução literária, a tradução técnica não necessariamente requer uma prática linguística de caráter criativo; no entanto, exige essencialmente o conhecimento da terminologia e fraseologia da área de especialidade que será traduzida para garantir a precisão técnica dos termos que serão utilizados. Esta área da tradução costuma ser pouco discutida e normalmente é conhecida equivocadamente como uma atividade automatizada ou mecânica. Dentre os tipos de textos que são normalmente traduzidos nesta área estão os manuais de instruções e artigos científicos.

Dentro da tradução técnica, é possível ressaltar a tradução jurídico-comercial, nome genérico utilizado no Brasil para denominar a prática que envolve a tradução de contratos, documentos bancários, corporativos e pessoais. Este tipo de tradução é realizada por um tradutor público e intérprete comercial (TPIC), vulgarmente conhecido como tradutor “juramentado”. (SAID, 2011). É importante apontar que, caso esse tipo de tradução não seja executada por um TPIC, o qual é aprovado por um concurso público oferecido no estado em que o tradutor é residente, a tradução não possui “valor de documento oficial que possa ser apresentado a um órgão público”. (SAID, 2011).

A profissão do TPIC “é regulamentada [...] pelo decreto presidencial nº 13.609, de 21 de outubro de 1943, e pela Instrução Normativa nº 84 do DNRC (Departamento Nacional do Registro do Comércio), de 29 de fevereiro de 2000”. (SAID, 2011). Apesar de ser uma profissão regulamentada, é válido citar que o fato de o TPIC exercer um ofício público não faz deste um funcionário público.

Dentre as particularidades que este tipo de tradução apresenta, vale ressaltar a declaração de Said (2011), que afirma:

[...] a legislação aplicável não prevê distinção entre tradutor e intérprete e muito menos entre tradutor nativo e tradutor não-nativo. Assim, se você é TPIC, é obrigado a trabalhar como tradutor e também como intérprete, independente de ter preparo ou não [...]. E é obrigado ainda a traduzir tanto do idioma estrangeiro para o idioma materno [...] como na direção inversa. (SAID, 2011).

A tradução audiovisual (TAV) é considerada “toda e qualquer prática de tradução de produtos audiovisuais”. (SELVATICI, 2018). Entre as modalidades mais conhecidas estão a tradução para dublagem e a tradução para legendagem. Apesar de fazerem parte da mesma prática, as modalidades possuem técnicas e procedimentos distintos. Sobre essa diferença, Paulo Noriega (s.d. apud SELVATICI, 2018) afirma:

[...] a diferença entre a legendagem e a dublagem também ocorre porque, na maioria dos casos, são fornecedores distintos que realizam a tradução para dublagem e para legendas. Isso significa que, muitas vezes, o tradutor responsável pela dublagem não será o mesmo pela legendagem. É por isso que o telespectador vê tantas diferenças ao realizar a comparação entre essas modalidades, principalmente no que se refere às soluções tradutórias. (NORIEGA, s.d. apud SELVATICI, 2018).

É importante apontar que as diferenças entre a tradução para dublagem e para legendagem não se limitam ao fato de que, em geral, são tradutores diferentes que realizam o processo de tradução. No Capítulo 3, a TAV será abordada de maneira mais aprofundada, buscando, assim, explicar detalhadamente os procedimentos, técnicas, normas e papel dos tradutores envolvidos na área.

2.3.1 **A interpretação**

Conforme citado em 2.1, antes mesmo do surgimento da escrita, povos de diferentes línguas precisavam estabelecer comunicação entre si; logo, recorriam à interpretação. De modo geral, a interpretação é conversão de um discurso oral de uma língua-fonte para uma língua-meta. Esta atividade possui algumas modalidades e, entre elas, cabe citar a interpretação consecutiva e a simultânea. (AICC, s.d.; CHILD, 1992; JONES, 1998; SELESKOVITCH, 1978 apud PAGURA, 2015).

Tanto a interpretação consecutiva quanto a simultânea consistem em estabelecer comunicação entre partes por meio de um intérprete que escutará a mensagem em uma língua-fonte e reproduzirá a mesma mensagem em uma língua-meta. A diferença entre as duas modalidades está na forma em que elas são executadas.

Na interpretação consecutiva – normalmente utilizada em negociações comerciais e palestras –, o intérprete fica encarregado de reproduzir o discurso em uma língua-meta após a finalização parcial ou completa do discurso. É importante citar que, neste caso, o intérprete tem a possibilidade de tomar notas do que é

falado durante o discurso e utilizar essas notas como auxílio para melhor reproduzir o discurso original na língua-meta. (ROMÃO, 2015).

Segundo Pagura (2015), a interpretação simultânea é a modalidade de interpretação mais utilizada atualmente. Esta modalidade apresenta submodalidades e, entre elas, é importante citar a interpretação sussurrada – também conhecida como *chuchotage*, termo em francês – e a interpretação de conferência. Na interpretação sussurrada, “o intérprete se senta próximo a um ou dois ouvintes e interpreta simultaneamente a mensagem apresentada em outro idioma”. (PAGURA, 2015).

Por outro lado, no caso da interpretação de conferência, o intérprete ficará em uma cabine e reproduzirá a mensagem traduzida recorrendo ao uso de um “microfone ligado a um sistema de som que leva sua fala até os ouvintes, por meio de fones de ouvido ou receptores semelhantes a rádios portáteis”. (PAGURA, 2015).

É importante citar que, ainda que a interpretação e a tradução partilhem o mesmo objetivo – comunicar uma mensagem originalmente emitida em um idioma que não é aquele falado pelo público-alvo –, elas trabalham com diferentes tipos de textos. Enquanto a interpretação lida com textos falados, a tradução trabalha com textos escritos. Esse fato é importante para ter uma melhor perspectiva de possíveis diferenças entre o trabalho do tradutor e do intérprete.

Assim como o tradutor, o intérprete precisa compreender com excelência os dois idiomas com que irá trabalhar. No entanto, por lidar com textos falados, o intérprete precisa estar atento a possíveis variações linguísticas da fala, que podem ser decorrentes de diferentes fatores, como, por exemplo, os fatores sociais, geográficos e culturais. Segundo Pagura (2015):

No curso de seu trabalho, o tradutor pode interrompê-lo e consultar dicionários, enciclopédias, sites da internet e uma infinidade de obras de referência. Pode ainda consultar colegas tradutores e especialistas da área de conhecimento com a qual esteja trabalhando. Além disso, produz o texto de chegada em seu próprio ritmo, podendo e devendo revisá-lo diversas vezes, até encontrar a melhor forma de expressão ou ainda fazer mudanças se, mais à frente, descobrir um termo mais preciso para determinado conceito. (PAGURA, 2015).

Por outro lado, o intérprete não tem tempo para fazer consultas durante a execução de seu trabalho e, sendo assim, precisará adquirir conhecimento e vocabulário sobre determinado assunto previamente a fim de executar uma boa interpretação. Além disso, Pagura (2015) cita a questão da revisão do trabalho realizado. Enquanto o tradutor possui a oportunidade de revisar o seu trabalho antes

de entregar, a tradução feita pelo intérprete é final e não possui muita margem para correção. Diante disso, é possível afirmar que, ainda que o objetivo da tradução e da interpretação seja o mesmo, a forma como essas atividades são executadas se opõem.

3 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL (TAV)

Atualmente, as produções audiovisuais possuem um grande espaço no cotidiano da população mundial. Os meios audiovisuais cresceram notavelmente no século XX e este crescimento está, principalmente, relacionado ao surgimento do cinema falado e da televisão. (CARVALHO, 2005). Apesar destes serem dois dos grandes marcos responsáveis pelo desenvolvimento e crescimento das produções audiovisuais, principalmente por terem proporcionado o acesso da grande massa a estes materiais, o avanço tecnológico também contribuiu para o aumento do número de produções, além de ter possibilitado novas experiências aos telespectadores.

A internet e os aparelhos eletrônicos, por exemplo, permitem o acesso a produtos audiovisuais a qualquer hora e em qualquer lugar, o que ajuda na circulação destes produtos. Consequentemente, todo crescimento e avanço contribui para a disseminação de conteúdos que, por serem principalmente estrangeiros, carregam alguma forma de tradução audiovisual.

Segundo Araújo (2017), “a tradução audiovisual (TAV) pode ser conceituada como toda tradução que envolve produtos audiovisuais”, ou seja, a tradução de um produto que envolva imagem e áudio. Sob uma perspectiva similar, Lobato (2016) afirma:

A tradução audiovisual (TAV) engloba qualquer texto audiovisual (séries, filmes, documentários, propagandas) e seu objeto de trabalho, o vídeo, tem, antes mesmo de passar pelo processo tradutório, uma característica particular: a presença de dois códigos. Os elementos visual e oral atuam simultaneamente para transmitir a mensagem do autor e, em muitos casos, também são acrescidos do elemento musical, ou seja, a trilha sonora. (LOBATO, 2016).

Em vista disso, é necessário apontar que no processo de TAV, ainda que esta seja uma prática que envolve a tradução de textos, é preciso considerar suas possíveis finalidades, pois, dependendo da modalidade em questão, diferentes resultados serão produzidos.

O surgimento da tradução audiovisual, como aponta Henrik Gottlieb (1998 apud MARTINEZ, 2007), ocorreu com a internacionalização dos primeiros filmes falados. A partir de então, fez-se necessário estabelecer a comunicação entre as telas e o telespectador, o qual acabou se tornando, de certa forma, dependente da tradução audiovisual para ter acesso a estes materiais, que eram principalmente estrangeiros.

Levando em consideração a subdivisão da tradução feita por Jakobson (s.d. apud GENTZLER, 2009) mencionada em 2.3, será proposta uma subdivisão da TAV, a fim de melhor classificá-la. Com isso, é possível distinguir os diferentes tipos de TAV e quais modalidades são apresentadas por cada tipo. A TAV, portanto, seria subdividida entre TAV intralingual e TAV interlingual.

A TAV intralingual consiste da tradução em que o produto audiovisual original apresenta a mesma língua que o produto audiovisual final. Como exemplo, cabe citar a *closed caption* (CC). Martinez (2007) considera a CC como uma modalidade da legendagem e cita que esta serve, principalmente, para auxiliar surdos a compreenderem materiais televisionados. Segundo Araújo (2016), a CC “é escrita em letras brancas, em caixa alta ou baixa, sobre tarja preta”.

A TAV interlingual, por outro lado, refere-se à tradução de um produto audiovisual de uma língua-fonte para uma língua-meta. Esta irá auxiliar, principalmente, na compreensão de uma obra estrangeira por um telespectador de outra língua que não a da obra original. Como exemplo, é possível citar a dublagem, o *voice-over*¹ e a legendagem.

No Brasil, tanto a TAV intralingual – a qual inclui sobretudo os surdos na lista de telespectadores –, quanto a TAV interlingual são bastante utilizadas. No entanto, ao comparar as duas, a última tem crescido cada vez mais no país como consequência da globalização.

Por muito tempo, a legendagem foi a principal modalidade de TAV utilizada no Brasil pelos canais de televisão fechados. A dublagem, por outro lado, era principalmente utilizada nos canais abertos e quando o assunto eram programas e filmes infantis. (LOBATO, 2016). No entanto, com a facilidade de acesso da grande massa aos canais fechados, a dublagem começou a tomar novas proporções.

Apesar de a TAV apresentar diversas modalidades, a legendagem e a dublagem são as mais comuns no Brasil. O notável crescimento dessas duas modalidades tem gerado novos estudos com a finalidade de tentar estabelecer definições, pontos de partida, normas e técnicas padrões para profissionais e

¹ Utilizado sobretudo em documentários e programas de televisão pré-gravados, o *voice-over* é uma modalidade da TAV que consiste em apresentar um áudio traduzido sobreposto a um áudio original, o qual, apesar de continuar sendo audível, tem seu volume diminuído para que o *voice-over* se sobressaia. (FRANCO; ARAÚJO, 2011).

estudiosos da área, além de avaliar obras que estão circulando para auxiliar na melhora da qualidade de futuras traduções.

A seguir, será feito um apanhado sobre legendagem e dublagem a fim de esclarecer as particularidades de cada modalidade e as diferenças entre elas para que, assim, seja criado um ponto de partida para melhor abordar a modalidade principal deste trabalho: a legendagem.

3.1 Modalidades da TAV

A dublagem e a legendagem são duas das modalidades mais veiculadas atualmente pela comunicação de massa no Brasil. (MARTINEZ, 2007). Ainda que muito tenha sido acrescentado e estudado em relação às modalidades, o telespectador leigo continua tendo uma visão bastante subjetiva sobre a área. Este fato pode ser afirmado através da contínua discussão sobre dublagem e legendagem e sobre qual dessas é a melhor e a mais fiel em relação ao original.

No que diz respeito ao telespectador leigo, Lívia Barros ressalta:

A falta de conhecimento do público das técnicas usadas para a dublagem de filmes ou da elaboração de legendas, e, também dos procedimentos técnicos usados em tradução, faz que sejam crescentes as críticas ao trabalho de tradução de filmes. (BARROS, 2006).

Cabe apontar que tanto a dublagem quanto a legendagem são modalidades com processos, normas e exigências distintas e, por isso, torna-se difícil compará-las.

Paulo Noriega (s.d. apud SELVACITTI, 2018) ajuda a entender como as duas modalidades divergem ao apontar que o produto final da tradução para dublagem é um texto que será falado e, como consequência disso, pode admitir marcas de oralidade. Por outro lado, o produto final da tradução para legendas é um texto que será lido pelo telespectador e, por isso, costuma apresentar uma linguagem mais padrão. (NORIEGA, s.d. apud SELVACITTI, 2018).

Noriega (s.d. apud SELVACITTI, 2018) diz ainda que:

[...] a diferença entre a legendagem e a dublagem também ocorre porque, na maioria dos casos, são fornecedores distintos que realizam a tradução para dublagem e para legendas. Isso significa que, muitas vezes, o tradutor responsável pela dublagem não será o mesmo pela legendagem. É por isso que o telespectador vê tantas diferenças ao realizar a comparação entre essas modalidades, principalmente no que se refere às soluções tradutórias. (NORIEGA, s.d. apud SELVACITTI, 2018).

Outra diferença que pode ser apontada entre as duas modalidades é a questão da sincronia, a qual é apontada por Carolina de Carvalho (2005). Ela menciona que:

[...] a sincronia no caso da dublagem é visual – o espectador espera uma proximidade entre os movimentos labiais das pessoas que vê e os sons que ouve –, enquanto na legendagem ela é prioritariamente sonora – espera-se que as legendas apareçam quando ouve-se algo pronunciado em língua estrangeira e que elas desapareçam quando a fala termina. (CARVALHO, 2005).

A tradução para dublagem, ainda que não percebida por muitos telespectadores, é uma das modalidades da TAV mais utilizadas no Brasil. Ela facilita a comunicação para o telespectador de uma mensagem originalmente em outro idioma. Franco e Araújo (2011) apontam que a utilização da dublagem pela televisão brasileira possui um cunho social, considerando que o número de analfabetos no Brasil é significativo. (BRASIL, 2019).

No que diz respeito à caracterização da tradução para dublagem, Franco e Araújo (2011) citam três características consideradas básicas:

1. É uma tradução interlingual de um discurso oral para outro discurso oral, das falas dos personagens de um filme ou programa de ficção pré-gravado. Por esse motivo, é também chamada de “revocalização”.
2. Elimina a presença do discurso oral estrangeiro.
3. É regida pelo sincronismo labial, fundamental para fazer com que o público-alvo acredite na ilusão de que o personagem esteja falando na sua língua. Por causa disso, a dublagem é às vezes chamada, em países de língua inglesa, de *lip-sync translation* ou simplesmente de *lip-sync* (tradução de sincronismo labial). (FRANCO; ARAÚJO, 2011).

Apesar de Franco e Araújo (2011) citarem que a dublagem está ligada à tradução do discurso oral de personagens de um filme ou programa de ficção, cabe ressaltar que a dublagem não se limita a ficção e, atualmente, já compreende outros tipos de materiais, como, por exemplo, documentários.

Por outro lado, considerando a tradução para legendas, convém citar a definição proposta por Ariane Ciegliniski (2018), que define esta modalidade como “a tradução de um texto em língua falada que faz parte de um produto audiovisual – geralmente para um texto escrito que é superposto a uma imagem do produto original, normalmente na parte inferior da tela”. (PEREGO, 2003 apud CIEGLINSKI, 2018).

Diferente de como é feito na tradução para dublagem, processo que resultará em um texto que será falado, a tradução para legendas acarreta na perda de características como “tom, modulação de voz, sotaques regionais e marcadores

sociolinguísticos”. (CIEGLINSKI, 2018). Como consequência, o tradutor de legendas deve ter em mente que a sua tradução deve compensar essas perdas para que as falas traduzidas não sejam descaracterizadas.

Além dessas possíveis perdas, o tradutor de legendas deve saber sintetizar a mensagem sem que nada seja perdido. Esse processo é definido por Barros (2006) como sintetização. Segundo a autora:

A chave da tradução para legendagem é a síntese. O tradutor precisa saber sintetizar, acima de tudo, para poder proporcionar legendas de qualidade ao espectador, ao mesmo tempo em que esse precisa “levantar os olhos” da legenda para também ver as imagens. (BARROS, 2006).

A ideia da sintetização é defendida por Teixeira (2001 apud BARROS, 2006), que aponta:

A boa legenda constitui uma forma de leitura que não desvie a atenção do espectador do filme, senão passará ele a maior parte do tempo tentando decodificar o que se pretendeu dizer, tirando-lhe o prazer de assistir a um produto feito, no caso da TV, do cinema e do DVD, principalmente para entretenimento. (TEIXEIRA, 2001 apud BARROS, 2006).

Mais sobre a tradução para legendagem será apresentado no Capítulo 4. Entretanto, a partir do que já foi apresentado, é possível compreender que há diferenças claras entre os processos e exigências de ambas as modalidades, e, portanto, fica claro que não há como definir qual delas é melhor ou mais fiel ao original, considerando que os tradutores responsáveis por tais modalidades enfrentam diferentes processos e normas, as quais apresentam seus próprios níveis de dificuldade, e o público que faz uso dos produtos das diferentes modalidades são, em grande parte, distintos.

3.2 A TAV no Brasil

Como dito no início deste capítulo, a TAV surgiu com a internacionalização do cinema falado. No Brasil, essa invenção alavancou o número de obras vindas do exterior e, como consequência, fez emergir a necessidade de estabelecer o entendimento entre as diferentes mensagens das obras que começaram a circular no país e o telespectador.

Por muitos anos, a dublagem foi utilizada como modalidade de TAV principal pelos canais de televisão abertos, conforme imposto por um decreto assinado pelo governo João Goulart em 1962. (SOUZA, 1999 apud MARTINEZ, 2007). Segundo Martinez (2007):

[...] a promulgação dessa lei sugere uma motivação política, uma tentativa de proteger a cultura e a língua locais da impregnação estrangeira. Mas o monopólio da dublagem na TV aberta brasileira também possui uma motivação socioeconômica: o nível geral de instrução da população é baixo. Isso descarta o uso da legendagem de programas destinados a esse público, uma vez que, para acompanhar as legendas de forma natural e sem um esforço cognitivo muito grande, o espectador deve ser capaz de ler com rapidez, o que é difícil para pessoas pouco instruídas. (MARTINEZ, 2007).

No entanto, com a facilidade de aquisição da televisão por assinatura, o público em geral passou a ter acesso aos canais com material audiovisual legendado, gerando, assim, um aumento na preferência pela legendagem. É importante citar que a televisão por assinatura também contribuiu para a disseminação do *voice-over*, modalidade da TAV que, segundo Martinez (2007), era antes utilizada “quase que exclusivamente por repórteres televisivos na tradução de depoimentos e entrevistas em língua estrangeira”.

Vale ressaltar que no Brasil, ainda que a preferência, tanto nos cinemas quanto nos canais de televisão por assinatura, seja por conteúdo legendado, os filmes e programas infantis são, em quase todos os casos, distribuídos dublados. (LOBATO, 2016).

Com o crescimento do cenário audiovisual brasileiro, os estudos sobre TAV têm crescido e contribuído para o avanço no estabelecimento de normas e procedimentos da área. Além disso, faz-se relevante apontar que, ainda que o número de instituições de ensino superior que oferecem especialização nas áreas de tradução audiovisual seja mínimo, há estabelecimentos de ensino e empresas oferecendo cursos de especialização na área de TAV.

4 LEGENDAÇÃO E LEGENDAGEM

Os estudos sobre tradução audiovisual são recentes e estão em crescente desenvolvimento. No entanto, ainda é possível encontrar uma certa deficiência na padronização de nomenclaturas. Por isso, este capítulo tem como objetivo esclarecer o conceito de legendação e legendagem, quais são os procedimentos que cada atividade envolve, quem são os responsáveis por cada uma dessas atividades e como esses responsáveis influenciam o produto final.

4.1 Conceitos e procedimentos

A distinção entre legendação e legendagem foi proposta por Alvarenga (1998 apud ARAÚJO, 2016), que adota o termo legendação para tratar especificamente do processo de tradução das legendas e adota o termo legendagem para tratar do processo completo, desde a confecção das legendas até sua gravação nos vídeos. Essa distinção é feita porque, segundo a autora, diferente de como acontece na Europa, o tradutor brasileiro não é responsável por todas as etapas que envolvem o processo de legendagem, como, por exemplo, a marcação e a gravação das legendas nos vídeos. (ALVARENGA, 1998 apud ARAÚJO, 2016).

A legendação é de responsabilidade do legendista, nome dado ao tradutor de legendas. Segundo Luyken (et al., 1991 apud NOBRE, 2002), a legendação pode ser dividida em três etapas: a tradução do texto audiovisual de uma língua para outra, a conversão de texto oral em texto escrito e a confecção das legendas, levando em consideração que o texto precisa ser adaptado de acordo com possíveis restrições, como, por exemplo, tempo de legenda na tela e número de caracteres por linha. Cabe destacar que essas três etapas devem ser realizadas consecutivamente e devem ser sempre lembradas pelo legendista. (ARAÚJO, 2016).

As três etapas da legendação propostas por Luyken (et al., 1991 apud NOBRE, 2002) são cruciais para que o produto final, a legenda, apresente boa qualidade. No que diz respeito à tradução do texto audiovisual de uma língua para outra, há alguns aspectos que precisarão ser levados em consideração. O legendista, por exemplo, precisa ter habilidade linguística para fazer adaptações necessárias, como a adequação do registro, variando entre formal e semiformal, para que a legenda reflita as características de quem fala no vídeo.

Quando o produto audiovisual é material ficcional, é preciso levar em consideração a afirmação de Barros (2006), que declara que “o tradutor tem a responsabilidade de observar todas as características emprestadas a cada personagem, para que este não seja descaracterizado em seu modo de falar”. Por isso, é possível afirmar que o legendista precisa considerar todas as características específicas de um personagem para que a legenda, quando possível, reflita essas características.

No que diz respeito à conversão do texto oral em texto escrito, Ciegliniski (2018), declara que “a transferência de uma língua falada para uma escrita implica a perda de muitos recursos prosódicos próprios do código falado, como tom, modulação de voz, sotaques regionais e marcadores sociolinguísticos”. Como consequência disso, o legendista deve ser capaz de suprir possíveis perdas, principalmente quando elas ocasionam possíveis descaracterizações em relação à fala original.

Esta é uma tarefa que exigirá um certo nível de criatividade do legendista, considerando que a legenda possui algumas limitações durante sua confecção. Dentre as possíveis limitações, é possível citar o limite de caracteres por linha, o qual varia entre 30 e 35 no mercado brasileiro, podendo mudar de acordo com o tamanho da fonte utilizada. (MARTINEZ, 2007).

É importante citar, então, que o legendista possui um papel importante quando o assunto é simplificação e sintetização. (ÁLVAREZ, 2011). Visto que as legendas possuem limite de caracteres por linha e limite de duas linhas por legenda, o texto traduzido precisa ser reduzido pelo legendista a fim de que consiga transmitir a mensagem original com o menor número de palavras possível. Além disso, a síntese ajuda a produzir legendas de qualidade, permitindo, assim, que o telespectador concentre-se principalmente na tela, utilizando as legendas apenas como auxílio. (BARROS, 2006).

Cabe ressaltar que as normas para confecção de legendas, como, por exemplo, o número de caracteres por linha, podem variar segundo as determinações de cada estúdio e o conteúdo do produto audiovisual que será traduzido. (BARROS, 2006).

Por outro lado, quando o assunto é legendagem, o legendador é o profissional que fica responsável pela atividade. (ALVARENGA, 1998 apud ARAÚJO, 2016). Ele fica encarregado de fazer a marcação do tempo de entrada e saída da legenda na

tela – o que ajuda a manter uma sincronização entre o que é falado no vídeo e o que é mostrado pela legenda –, pela revisão de alguns pontos executados inicialmente pelo legendista – como certificar-se de que as legendas respeitam o número de caracteres por linha e o número de linhas por legenda – e, em alguns casos, pela gravação da legenda no vídeo. (BARROS, 2006).

Os procedimentos que compõem a legendagem são principalmente técnicos e exigem o auxílio de um *software* de legendagem – os mais utilizados são o *Subtitle Workshop* e o *Subtitle Edit*, ambos gratuitos – para certificar-se de que todas as normas sejam atendidas, sendo elas: o número de caracteres por linha e o número de linhas por legenda; a marcação de entrada e saída da legenda em tela; a duração mínima e máxima da legenda em tela; e a formatação.

Conforme apontado anteriormente, o limite de caracteres por linha é, segundo Martinez (2007), de 30 a 35, podendo variar de acordo as normas do estúdio contratante. Por outro lado, Luyken (et al., 1991 apud ARAÚJO, 2016) aponta que o limite de caracteres por linha depende do formato do filme fotográfico. Em um filme de 35 mm, o limite de caracteres é de 32 a 40 e de 24 a 27 caracteres em um filme de 16 mm. Todavia, o padrão de número de linhas por legenda é sempre dois. Além disso, vale ressaltar que, quando a legenda possui duas linhas, o limite de caracteres pode variar. Alguns estúdios apontam que 30 é o limite de caracteres por linha em legendas de duas linhas. (MARTINEZ, 2007).

A marcação de entrada e saída da legenda em tela é muito importante, pois ela contribui para que o telespectador possa assimilar a fala com a legenda que aparece em tela. Karamitroglou (1998 apud MARTINEZ, 2007) afirma que “o ideal é que a legenda com a fala traduzida surja na tela cerca de 1/4 de segundo depois do início da fala original – tempo que o cérebro humano leva para identificar o som da fala e guiar a visão para o local onde a legenda deve aparecer”. É importante citar que o aparecimento antecipado da legenda pode incomodar e distrair o telespectador. (MARTINEZ, 2007).

No que diz respeito ao tempo de duração mínima e máxima da legenda em tela, no geral, é determinado um segundo no mínimo e seis segundos no máximo. (CARVALHO, 2005). Martinez (2007) especifica que legendas de duas linhas devem ter duração de no mínimo quatro e no máximo seis segundos. Além disso, quando a legenda possui uma única palavra, de acordo com a autora, no Brasil é adotada a norma de duração mínima de um segundo e a legenda deve ser inserida alguns

frames antes da fala original, para que ela desapareça no tempo correto e não seja possivelmente confundida com próximas falas.

No que diz respeito à formatação, Carvalho (2005) aponta que o tamanho da fonte, por exemplo, é determinante para o limite de caracteres por linha. Legendas com tamanho de fonte muito grande podem fazer com que o limite de caracteres por linha diminua para que, assim, as legendas continuem ocupando o mesmo espaço em tela. Cabe ressaltar que, quando contribui para a compreensão do enredo do produto audiovisual, é importante traduzir letreiros, faixas, cartazes e bilhetes, e que estes devem ser grafados em caixa-alta. (MARTINEZ, 2007).

É importante citar que o uso de itálico, o qual é utilizado em fala de narradores, em canções e quando a pessoa está em cena, mas está fora da tela (*off-screen*). Além disso, o itálico também pode ser utilizado para sinalizar o pensamento de um personagem. (MARTINEZ, 2007).

Conforme foi mostrado, há determinações tanto para o trabalho do legendista, quanto para o do legendador. Respeitar essas determinações é fundamental, pois elas irão influenciar diretamente a qualidade do produto final.

4.1.1 **A legenda e o telespectador**

Através das informações sobre as normas e determinações de legendagem e legendação apresentadas em 4.1, é possível afirmar que a tradução para legendagem é uma prática bastante específica. No entanto, há certos aspectos que são cruciais para a confecção de legendas, considerando que elas devem apenas auxiliar o telespectador a compreender a mensagem que o produto audiovisual deseja transmitir e que não podem se tornar o foco do telespectador. A partir disso, esta seção abordará a maneira como as legendas podem contribuir ou prejudicar o entendimento que o telespectador terá da obra e a maneira como as legendas podem roubar a atenção do telespectador.

Primeiramente, vale ressaltar que as legendas transmitem uma mensagem originalmente falada. Por isso, torna-se importante citar que o tempo que o telespectador leva para ler a legenda é maior que o tempo de duração da fala que corresponde à legenda. Por isso, cabe ressaltar a afirmação de Teixeira (2001 apud BARROS, 2006) que diz:

A boa legenda constitui uma forma de leitura que não desvie a atenção do espectador do filme, senão passará ele a maior parte do tempo tentando decodificar o que se pretendeu dizer, tirando-lhe o prazer de assistir a um produto feito, no caso da TV, do cinema e do DVD, principalmente para entretenimento. Isso não significa – é bom ressaltar – que a ordem seja alterar o que se diz para tornar a mensagem mais simples. (TEIXEIRA, 2001 apud BARROS, 2006).

A partir disso, é importante levar em consideração a afirmação feita por Nobre (2012 apud BRANCO, 2014), que diz que é preciso que “[as legendas] sejam tão discretas que, no decorrer da projeção do audiovisual, deem a ilusão de que não estão na tela, embora permaneçam ali bem legíveis”. Sendo assim, as legendas devem ser sintetizadas e devem também respeitar o tempo de velocidade de leitura do telespectador, pois, dessa forma, as legendas serão capazes de proporcionar uma leitura rápida e simples para que nenhuma informação seja perdida e para que as legendas não tirem a atenção do mais importante: o filme. (ÁLVAREZ, 2011; BRANCO, 2014).

Outro aspecto que também deve ser levado em consideração é a velocidade de leitura dos telespectadores, que varia de 150 a 180 palavras por minuto. (ARAÚJO, 2016). Nobre (2012 apud BRANCO, 2014) diz que o tempo de exibição das legendas varia de acordo com a quantidade de texto em tela e que cada linha deve corresponder a até dois segundos de exibição. Com base nesta afirmação, é possível lembrar que a legenda não deve desaparecer antes do tempo, pois isso pode acarretar prejuízo do entendimento por parte do telespectador das informações presentes na tela. Portanto, a marcação do tempo de entrada e de saída das legendas na tela deve ser feita de forma minuciosa para que as legendas permaneçam em exibição por tempo suficiente, respeitando as determinações básicas.

Além disso, é importante que o número de palavras presentes nas legendas corresponda ao limite de palavras por minuto, respeitando a velocidade de leitura do telespectador para que, assim, ele possa absorver as informações necessárias. Também é importante certificar-se de que a legenda não continue em tela por muito tempo após a fala ter sido encerrada, visto que isso polui a tela e pode contribuir para que a atenção do telespectador seja desviada do filme. (MARTINEZ, 2007).

Deste modo, é possível perceber que a confecção das legendas deve ser feita com bastante cautela, respeitando as normas e determinações para que, assim, o produto final possua boa qualidade e para que as legendas possam cumprir seu

papel: auxiliar o telespectador a entender a mensagem que o produto audiovisual deseja transmitir.

5 *INSECURE*

Atualmente com quatro temporadas, *Insecure* é uma série de televisão da HBO, criada por Issa Rae e coescrita por Larry Wilmore. Com Prentice Penny e Melina Matsoukas como produtores executivos, *Insecure* teve sua estreia em outubro de 2016 e apresenta uma mistura de drama e humor sobre a vida cotidiana de jovens negros situados em Los Angeles, Califórnia. (HBO, 2020; INSECURE, 2016).

5.1 A série

A primeira temporada da série tem lugar em Los Angeles e é protagonizada por Issa Dee, uma jovem negra de 29 anos, cuja vida não está da maneira que ela gostaria. Insatisfeita com seu emprego e com seu namoro com Lawrence, a jovem tem cada vez menos certeza de como será seu futuro.

Entretanto, Issa tem uma melhor amiga chamada Molly, uma jovem que vive arranjando encontros em aplicativos de relacionamento. A amizade entre as duas jovens é sólida e, mesmo com algumas desavenças, Issa e Molly sempre podem contar uma com a outra para qualquer situação.

Ao enfrentar problemas em seu relacionamento com Lawrence, Issa reencontra Daniel, uma antiga paixão. Issa fica animada com o reaparecimento de Daniel e, mesmo depois de Lawrence resolver se esforçar para fazer com que o relacionamento entre ele e a jovem dê certo, Issa acaba cedendo aos encantos de Daniel e trai Lawrence. O namorado decide terminar o relacionamento com Issa e, mesmo com todo esforço da jovem para reatar o namoro, Lawrence segue em frente e deixa claro que não tem mais volta.

Ainda mais confusa sobre seu futuro, Issa, com a ajuda da sua melhor amiga Molly, segue tentando descobrir o que será da sua vida.

Com personagens cheios de inseguranças e dúvidas sobre seus respectivos futuros, a série explora problemas profissionais, sociais, raciais, amorosos e os conflitos da vida adulta.

5.2 Personagens principais

Com base nas informações exibidas ao longo da série e nas informações apresentadas pela HBO (2020), a seguir será apresentado um breve resumo sobre os personagens principais da série.

5.2.1 *Issa*

Issa Dee – interpretada pela criadora da série, Issa Rae – é uma jovem negra de 29 anos, que tem um emprego em uma organização sem fins lucrativos do sul da Califórnia chamada *We Got Y'all*, que ajuda crianças de escolas públicas com reforço e orientação escolar, bem como serviço comunitário. Por ser a única pessoa negra em seu ambiente de trabalho, Issa assume sua personalidade passivo-agressiva quando seus colegas fazem perguntas e comentários racistas.

Issa também não tem muita sorte na sua vida amorosa. Ela vive um relacionamento amoroso com Lawrence, um jovem desempregado e acomodado com a situação em que o relacionamento do casal se encontra. Embora estejam juntos há anos, o relacionamento deles está cada vez pior e isso leva Issa a crer que não há futuro para o casal.

Apesar de enfrentar dificuldades e incertezas sobre seu futuro profissional e amoroso, Issa tem Molly, uma amiga fiel com quem ela pode contar não só para desabafar sobre suas dificuldades, mas para receber críticas e opiniões que contribuem para o crescimento pessoal de Issa. A amizade entre as duas é um dos pontos principais da série, pois entre tantas confusões e incertezas, Issa e Molly sempre encontram juntas uma saída para os problemas delas.

Dentre os problemas que Issa enfrenta, um dos mais complicados é o reaparecimento de uma antiga paixão, Daniel, com quem Issa teve um caso no passado; ele reaparece e faz com que ela repense suas escolhas. Um dos laços que ligam os dois é a música. Enquanto Issa passa grande parte do seu tempo fazendo rimas em frente a espelhos para expressar seus sentimentos e dizer em voz alta o que não tem coragem de dizer na frente das pessoas, Daniel é um produtor musical que trabalha com *rappers*.

Insegura, cheia de incertezas e de sonhos, Issa faz escolhas erradas, trai, mas busca redenção e mostra ser uma mulher forte e determinada a conquistar o que deseja.

5.2.2 **Molly**

Molly é uma jovem negra bem-sucedida profissionalmente, que trabalha como advogada em uma firma onde ela é adorada por todos os seus colegas de trabalho. Apesar de ser a única advogada negra da firma, Molly se habitua com facilidade ao ambiente e consegue lidar com situações que podem ser consideradas racistas, como, por exemplo, receber um pedido de sua chefe para que tenha uma conversa com uma estagiária negra, pois segundo a chefe, Molly também já foi estagiária da empresa; no entanto, fica nítido que o real motivo por trás dessa solicitação é o fato de Molly também ser negra.

No entanto, quando o assunto é sua vida pessoal, Molly não é tão bem-sucedida. Apesar de estar inscrita em diversos aplicativos de relacionamento, dos mais simples aos mais sofisticados, a jovem enfrenta problemas para conseguir um namorado, pois só encontra rapazes que não querem um relacionamento sério. Contudo, ao conhecer Jared, um rapaz disposto a ter algo mais sério com ela, Molly deixa que a opinião de suas amigas a influencie após descobrir que Jared teve uma experiência sexual com outro homem anos atrás.

A amizade de Issa é importante para a vida de Molly, considerando o fato de que a advogada sempre busca a opinião da amiga sobre as situações que está vivendo. Entre indecisões, descobertas e mudanças, Molly é determinada e não deixa que as situações ruins a impeçam de buscar o que realmente quer.

5.2.3 **Lawrence**

Lawrence é um jovem negro desempregado com quem Issa tem um relacionamento há anos. Confuso com seus planos para o próprio futuro profissional, Lawrence não consegue encontrar um emprego que atenda às suas expectativas. Como consequência da falta de oportunidades, Lawrence se entrega à rotina de uma vida pacata e, assim, contribui para que sua namorada repense o futuro do casal.

Sem emprego e prestes a ficar sem namorada, Lawrence começa a buscar soluções para ter a sua vida de volta. Seu primeiro passo foi tentar reconquistar a confiança de Issa, o que o jovem percebeu que seria um pouco mais difícil do que imaginava. Todavia, após conseguir um voto de confiança de sua namorada, Lawrence acaba aceitando um emprego bastante abaixo da sua qualificação, a fim de mostrar para Issa que está buscando melhorar e resolver os problemas que o casal estava enfrentando.

Apesar de Lawrence estar comprometido em fazer seu relacionamento e sua vida profissional darem certo, sua incapacidade de entender os sentimentos de sua namorada acaba abrindo uma brecha para que ela se envolva emocional e sexualmente com uma antiga paixão, Daniel. Ao descobrir sobre a traição, Lawrence resolve terminar o relacionamento.

Traído, porém com um emprego muito melhor e mais confiante, Lawrence resolve seguir em frente.

5.2.4 **Daniel**

Daniel é um produtor musical que teve um caso mal resolvido com Issa no passado. O reaparecimento do jovem na vida de Issa faz com que ela se sinta envolvida por toda a história que eles viveram um dia, além de despertar nela um sentimento de ousadia que ela costumava ter quando era mais jovem. Daniel inicialmente não deseja nada sério com Issa e deixa isso bem claro para a jovem; no entanto, acaba se arrependendo e começa a enviar mensagens e procurar por ela constantemente.

Sedutor, bem resolvido e ousado, Daniel não desiste da tentativa de seduzir Issa e, para isso, ele usa todas as suas armas para reconquistar a jovem.

A série *Insecure* conta com personagens coadjuvantes que contribuem de alguma forma para o enredo da obra; no entanto, o presente trabalho limita-se a apresentar apenas os personagens principais, os quais contribuem notavelmente não só para o enredo da série, mas também para o resultado da pesquisa que será apresentada nos próximos capítulos.

6 LÍNGUA E CULTURA

De acordo com Costa et al. (2011 apud OLIVEIRA, 2018), “a linguística tem um objeto de estudo próprio: a capacidade da linguagem, que é observada a partir dos enunciados falados e escritos”. Além disso, Costa et al. (2011 apud OLIVEIRA, 2018) afirmam que a linguagem é uma competência humana que permite a comunicação por meio de línguas.

A língua é uma ferramenta de comunicação que capacita seres humanos a expressarem seus pensamentos e sentimentos. Saussure (2007) entende a língua como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Além disso, Saussure (2007) declara que a língua é um fator social; sendo assim, é possível afirmar que a língua é desenvolvida socialmente, ou seja, por meio do contato entre as pessoas.

A língua pode ser dividida em língua escrita e língua falada; entretanto, é importante citar que elas são diferentes, possuem formas distintas e dispõem de recursos expressivos específicos. Segundo Vanoye (1998), a língua falada é formada por fonemas, unidades sonoras que são articuladas e combinadas por um falante para formar palavras e frases. Além disso, na língua falada é possível usar a entonação e pausas como recursos expressivos. Enquanto a entonação é possivelmente utilizada para dar ênfase a determinadas palavras de uma frase, as pausas são intervalos utilizados consciente ou inconscientemente por um falante durante uma frase e cooperam para que a mensagem seja compreendida pelo ouvinte. (VANOYE, 1998).

Por outro lado, a língua escrita é formada por grafemas, símbolos gráficos que são utilizados para formar palavras. A língua escrita também possui recursos expressivos, e a pontuação é um exemplo deles. A pontuação pode ser utilizada para marcar pausas no discurso e também para dar entonação. (VANOYE, 1998). Segundo Bechara (2009):

O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea

produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos. (BÉCHARA, 2009).

A partir disso, é possível afirmar que a pontuação correta é fundamental para a elaboração de um texto, pois a efetividade da comunicação dependerá, não somente, mas essencialmente deste recurso.

Levando em consideração que a língua é um fator social, é importante falar da cultura, uma vez que esta também é um fator social e exerce influência sobre a língua. Segundo Eagleton (2005), definir cultura é complicado, levando em conta que esta palavra pode significar diversas coisas; no entanto, será considerada a ideia de que cultura é um conjunto de costumes, crenças e valores de um determinado povo.

A cultura exerce um papel importante na vida das pessoas. Considerando que todo indivíduo possui características próprias que influenciam diretamente a sua forma de enxergar e de se conectar com o mundo, podemos entender a cultura como uma porta que permite acesso à sociedade e que ajuda no desenvolvimento pessoal, uma vez que o indivíduo não só modifica o meio, mas também é modificado por ele. Um exemplo que ilustra esta afirmação é, por exemplo, a adoção de um linguajar típico de uma região ou de um grupo de pessoas por um indivíduo que permanece durante um determinado período de tempo em uma cidade ou estado.

Laraia (2006) acredita que nenhum ser humano consegue participar de todos os elementos que compõem a sua cultura. A partir disso, é possível crer que uma pessoa não é capaz de conhecer todos os aspectos da língua que fala, considerando que grupos específicos de uma cultura possuem sua própria linguagem. A gíria, por exemplo, ilustra esse fato.

A gíria, segundo Preti (1984), nasce a partir da interação social e, inicialmente, dentro de um determinado grupo social. Em muitos casos, é utilizada para afirmar a identidade de determinado grupo, diferenciando, assim, tal grupo dos demais. O autor acrescenta que “quanto maior for o sentimento de união que liga os membros de um grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como meio de comunicação, além de forma de autoafirmação”. (PRETI, 1984).

É importante ressaltar que:

Ao vulgarizar-se, porém, para a grande comunidade, assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, esse vocabulário perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando, desde então, de ser signo grupal. (PRETI, 1984).

Portanto, é possível afirmar que só é considerado gíria o vocábulo utilizado por grupos específicos de forma exclusiva, pois, a partir do momento em que a gíria é adotada pelo público geral, ou seja, é vulgarizada, ela passa a ser considerada vocábulo comum da língua.

Tendo em vista que falar sobre gíria significa adentrar um mundo desconhecido, talvez devido ao pequeno número de gramáticas e instituições que decidem abordar o assunto, a seção 6.1 buscará esclarecer a origem, a razão pela qual é tão pouco abordada e a subdivisão da gíria.

6.1 Gíria

Ainda que não haja dados que comprovem com exatidão o momento em que a gíria surgiu, é possível afirmar que, independentemente de sua origem, ela é universal e pode ser encontrada em todos os idiomas. Antes de falar sobre a gíria, é importante apontar algumas definições a fim de estabelecer alguns pontos de partida.

De acordo com Astrinyani (2000 apud ARYAWAN, 2017), “[...] a gíria é um tipo de código ou linguagem secreta usada por algumas pessoas ou grupos comunitários na sociedade”. [tradução nossa]². Para Ellis (2002 apud ARUA; ALIM, 2019), no entanto, a gíria é “uma variedade da língua usada em certos contextos por meio da qual pessoas expressam seu senso de pertencimento a um grupo específico dentro de uma comunidade”. [tradução nossa]³. Ambas as definições apontam para aspectos sociais da gíria, a qual ajuda na comunicação e na harmonização entre pessoas e grupos.

Yanchun e Yanhong (2013 apud ARYAWAN, 2017) afirmam:

² [...] slang is a kind of code or secret language which is used by some people or community group in society. (ASTRIYANI, 2000 apud ARYAWAN, 2017).

³ [...] a variety of language used in certain contexts by means of which people express their sense of belonging to a particular group within the community. (ELLIS, 2002 apud ARUA; ALIM, 2019).

[...] a gíria é parte de uma língua que está fora do uso padrão da língua e que pode consistir de novos vocabulários e frases com significados ampliados ligados aos termos ou palavras originais que pertencem a um grupo específico. (YANCHUN; YANHONG, 2013 apud ARYAWAN, 2017). [tradução nossa]⁴.

A autora norte-americana Eble (1996), por sua vez, diz que a gíria pode ser definida como um grupo de palavras e frases coloquiais que passam por constantes mudanças e é utilizada por falantes da língua para reforçar sua identidade social ou sua conexão com um grupo. Além disso, a autora declara que:

A existência de um vocabulário desta natureza em uma língua é provavelmente tão antiga quanto a própria língua, porque a gíria parece fazer parte de qualquer língua usada no cotidiano por uma comunidade grande e diversificada o suficiente para ter subgrupos identificáveis. (EBLE, 1996). [tradução nossa]⁵.

A partir dessas informações, é possível afirmar que a gíria é uma linguagem utilizada, principalmente, por indivíduos dentro de um grupo. Além disso, a gíria pode variar de acordo com diferentes regiões e épocas. O que não varia, no entanto, é a marginalização e discriminação em relação a ela. Coleman (2012) afirma que a pessoa que usa gíria corre o risco de ser taxada de grosseira, iletrada ou até estúpida. Preti (2000) diz que a rejeição acerca da gíria talvez esteja ligada ao fato de ela ser, em sua maior parte, um recurso da língua falada; no entanto, ao analisar historicamente o uso da gíria, é possível perceber que tem mais a ver com “quem fala” do que com “o que se fala”.

Além disso, Preti (2000) afirma que:

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. (PRETI, 2000).

Levando em consideração a questão da preservação e segurança do próprio grupo, comerciantes ambulantes na Idade Média, por exemplo, criaram “seus próprios códigos secretos de identificação”. (PRETI, 2000). Em um determinado momento, a gíria do povo marginalizado e dos comerciantes passou a ser misturada com a dos ciganos, os quais são historicamente discriminados. Vale citar que,

⁴ [...] slang is part of a language that is out from the standard usage of language that may consist of new vocabularies and phrases with extended meanings attached to the original terms or words that belong to a particular group. (YANCHUN; YANHONG, 2013 apud ARYAWAN, 2017).

⁵ The existence of vocabulary of this sort within a language is possibly as old as language itself, for slang seems to be part of any language used in ordinary interaction by a community large enough and diverse enough to have identifiable subgroups. (EBLE, 1996).

segundo Preti (2000), os ciganos são responsáveis por levar a gíria para terras europeias e americanas, uma consequência da natureza nômade deste povo.

Por outro lado, ainda levando em consideração o surgimento da gíria, Preti (2000) diz que, possivelmente, as primeiras aparições em documentos ocorreram no século XV, em versos de um poeta popular francês chamado François de Villon. O autor relata ainda que, neste mesmo século, também há documentos originados na Inglaterra e na Itália. No entanto, a gíria só começou a surgir na Espanha – com grande influência dos ciganos – e em Portugal no século XVI.

Segundo Bessa (2013), o surgimento da gíria no Brasil aconteceu no século XVII e “o êxodo rural foi um dos fatores que contribuíram para expansão da gíria”, ou seja, a presença dos povos marginalizados nos meios urbanos contribuiu para uma miscigenação cultural da língua. Além disso, Preti (2000) afirma que há textos do início do século XX que “embora não tratem especificamente de gíria, demonstram que esse vocabulário estava presente na linguagem da época e começava a entrar, também, na literatura”. No que diz respeito à gíria nos Estados Unidos, Dalzell (2008) afirma que uma série de mudanças culturais ocorreram ao fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, contribuindo, assim, para a composição do léxico da gíria moderna e contemporânea.

Ainda no que diz respeito à marginalização da gíria, vale ressaltar que “a gíria raramente é a primeira escolha de escritores ou palestrantes cautelosos ou de alguém que tenta usar a língua para fins formais, persuasivos ou comerciais”. (SPEARS, 2010). [tradução nossa]⁶. Apesar de saber que a gíria é utilizada, principalmente, em conversas informais, essa exclusão de ambientes mais “formais” contribui, entretanto, para que ela seja “mal vista”.

Na língua inglesa, de acordo com Eble (1996), algumas palavras pejorativas presentes na linguagem gíria surgiram como referências rudes e grosseiras a atos sexuais e partes do corpo e, “com a crescente utilização em diversas situações, tais termos perdem seu efeito impactante, às vezes até se tornando eufêmicos”. [tradução nossa]⁷.

⁶ Slang is rarely the first choice of careful writers or speakers or anyone attempting to use language for formal, persuasive, or business purposes. (SPEARS, 2010).

⁷ With increased use in a variety of contexts, such terms lose their shock effect, sometimes even becoming euphemistic. (EBLE, 1996).

Levando em consideração que a forma de falar de um indivíduo pode ser vista como um fator que determina a sua classe social ou *status*, fica claro que não só o vocabulário gírio é marginalizado e discriminado, mas também a pessoa que adota esse tipo de vocabulário em seu discurso. Por mais que inúmeras vezes a gíria seja relacionada a pessoas com nível de escolaridade baixo ou às pessoas de menor prestígio social, é inegável que atualmente ela está nos lábios do rico e do pobre, ainda que nem sempre ambos tenham consciência de que utilizam tal vocabulário para se comunicar.

No entanto, além de a gíria ser utilizada para estabelecer comunicação entre pessoas, ela também é usada para fins sociais. A gíria reforça relacionamentos, reforça o pertencimento de um indivíduo no grupo em que está inserido e, além disso, contribui para distinguir os pertencentes dos não pertencentes de um determinado grupo. (THORNE, 2014).

Preti (1996 apud PRETI, 2000) analisa a gíria sob duas perspectivas: a gíria de grupo e a gíria comum. Esta separação, apesar de não ser frequentemente adotada, pode ser considerada inteligente pois ajuda a entender melhor a origem e o processo de evolução do vocábulo gírio na língua. Assim, será feito um apanhado sobre as particularidades de cada uma.

6.1.1 *Gíria de grupo*

De acordo com Preti (1996 apud PRETI, 2000), a gíria de grupo é uma linguagem de “grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade”. Sendo assim, é possível afirmar que a gíria de grupo é aquela que, além de ser um fator de afirmação de identidade do indivíduo, contribui para distinguir os membros de grupos diferentes. Nesta primeira perspectiva, destacam-se os grupos normalmente marginalizados, como, por exemplo, criminosos, homossexuais e prostitutas. (BORGES, 2007).

Essa categoria representa o processo inicial da gíria. Deste modo, cabe apontar que grande parte dos vocábulos gírios, antes de assumir tal função, já existia na língua como vocábulos comuns, ou seja, palavras dicionarizadas com significado já conhecido; entretanto, em virtude da necessidade de estabelecer uma comunicação codificada dentro de um grupo – seja ela de caráter distintivo ou

estilístico –, esses vocábulos passam a ser usados com outro significado, dando origem a uma gíria.

Na língua portuguesa, essa afirmação pode ser melhor ilustrada com o vocábulo “neca” que, segundo o DPLP (2020), é um advérbio que expressa negação e significa “não”, “nada”; no entanto, ainda segundo o DPLP (2020), essa palavra também pode significar “pênis” no Brasil, o que é confirmado por Marcell Figueiras, que explica em uma entrevista que “neca” é uma gíria de grupo para “pênis” criada pela comunidade LGBT. (XUXETA, 2016).

No inglês americano, por sua vez, é possível apontar *crown jewels* como exemplo. Segundo o dicionário *on-line Lexico* (2019), *crown jewels* significa “um pertence ou um bem muito valioso ou apreciado”. [tradução nossa]⁸. Entretanto, em sua obra chamada *The Queens’ Vernacular*, onde reuniu uma série de vocábulos gírios utilizados por homossexuais nos Estados Unidos, Bruce Rodgers (1972 apud COLEMAN, 2012) apontou *crown jewels* com sentido de “genitais masculinas”.

Ambos vocábulos gírios representam claramente a ideia de gíria de grupo, porque, assim como toda gíria em um momento inicial, tanto “neca” – com sentido de “pênis” – quanto *crown jewels* – com sentido de “genitais masculinos” –, são uma espécie de código secreto criado para codificar uma mensagem, restringir o número de pessoas que entendem a mensagem expressa por tais vocábulos gírios e, além disso, para distinguir os integrantes de tal grupo de outras pessoas.

Além disto, como exemplos de gíria de grupo da língua inglesa, é válido citar alguns vocábulos gírios que, segundo Eble (1996), são usados por alunos de faculdade norte-americanos. *Bounce refrigerators, bump uglies, do the naked pretzel, get paid, knock boots, scrog* e *scrump* são todas expressões da linguagem gíria com o mesmo significado: ter relações sexuais. Essa variedade de sinônimos para falar a mesma coisa acontece porque, segundo a autora, “usuários de gíria raramente ficam satisfeitos com uma ou duas variações” [tradução nossa]⁹; ou seja, é comum que grupos específicos possuam diversos vocábulos gírios que tenham o mesmo significado.

Ainda que determinada gíria não seja usada frequentemente, vale apontar que alguns exemplos explicitam de forma clara que “qualquer palavra submetida a

⁸ A particularly valuable or prized possession or asset. (LEXICO, 2019).

⁹ Slang users are rarely satisfied with one or two variants. (EBLE, 1996).

alteração semântica pode dar vida a termos relacionados, e que qualquer um que conhece os termos mais comuns terá condições de interpretar o restante”. (COLEMAN, 2012). [tradução nossa]¹⁰.

Além de a gíria de grupo ajudar a distinguir o grupo social em que o indivíduo está inserido, segundo Silva (2008), ela “tem também a função de identificar as pessoas pela idade”. Isto acontece porque o rápido fluxo de informação da sociedade moderna faz com que uma gíria fique “fora de moda” com a mesma velocidade com que é estabelecida. A autora também cita alguns exemplos de vocábulos gírios ainda utilizados como “chá de cadeira” (espera demorada), da década de 1950, “bacana” (bonito), da década de 1960, “bicho” (amigo), da década de 1970, “deprê” (deprimido), da década de 1980, e “mauricinho” (rapaz bem vestido), da década de 1990.

Vale citar que, enquanto alguns grupos são bastante restritos, fazendo com que seus vocábulos gírios não sejam facilmente compreendidos por não membros, outros grupos são menos exclusivos e sua gíria é mais “universal”, o que permite o contato linguístico entre os membros de um grupo e o público geral. Como consequência desse contato, a gíria acaba se misturando com a linguagem comum e perde sua natureza particular. (PRETI, 2000).

Neste caso, é interessante distinguir a gíria do jargão, que também é adotado por um grupo restrito, mas é considerado uma linguagem técnica criada dentro e em função de um grupo, sobretudo profissional, que abrange o uso de vocábulos específicos e comuns. (CÂMARA JR., 1989 apud BORGES, 2007).

Há casos em que palavras que iniciam na língua como jargão de um grupo específico tornam-se gíria para um grupo mais amplo. A palavra *gig*, segundo Eble (1996), com sentido de “emprego, serviço, bico”, atualmente, é usada em inglês pelo público geral e não só por músicos. A autora afirma também que:

¹⁰ [...] any word undergoing semantic change has the potential to pull related terms in its wake, and that anyone who knows the more common terms will be in a position to interpret the rest. (COLEMAN, 2012).

Em outros casos, as palavras mudam de jargão de um grupo para vocabulário comum sem nunca serem consideradas gíria. Por exemplo, *input*, *output* e *interface* são itens do vocabulário padrão frequentemente usados que ganharam sua atual popularidade por causa da maior exposição do público ao jargão da área da ciência da computação. (EBLE, 1996). [tradução nossa]¹¹.

A partir destas informações, a palavra *feedback* é um jargão interessante de se citar como exemplo, por causa da sua trajetória na língua. Inicialmente, a palavra era – e continua sendo – utilizada como jargão pelos profissionais da área da tecnologia. Segundo o *Merriam-webster* (2019), “*feedback*, inicialmente um substantivo composto escrito separadamente (*feed* e *back*), aparentemente surgiu do emprego anterior de *back* com *feed* usado como verbo”. [tradução nossa]¹². O dicionário *on-line* também aponta que, em um primeiro momento, o vocábulo *feedback* foi utilizado para designar “algo (como informações ou eletricidade) que retorna para uma máquina, um sistema ou um processo” [tradução nossa]¹³; no entanto, em determinado momento, *feedback* passou pelo processo de vulgarização e atribuição de novo significado e, assim, começou a ser utilizado com sentido de “informação ou crítica útil dada a alguém para informar o que pode ser feito para melhorar o desempenho, produto, etc.”. (MERRIAM-WEBSTER, 2019). [tradução nossa]¹⁴.

É interessante apontar que a palavra, que vem do inglês, foi tão utilizada pelos falantes do português que foi consagrada como estrangeirismo pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, mais conhecido como VOLP. (ABL, 2020).

Logo, a partir de tais informações, é possível afirmar que, ainda que o jargão e a gíria de grupo sejam utilizados dentro de um grupo específico, o papel social de cada um é diferente: o jargão, de certa forma, aproxima e a gíria de grupo, por outro lado, restringe.

¹¹ In other instances, words pass from the jargon of a group into the general vocabulary without ever being slang. For example, input, output and interface are frequently used standard vocabulary items that gained their current popularity because of increased public exposure to the jargon of computer science. (EBLE, 1996).

¹² Feedback, which began as an open compound noun (feed & back), appears to have come from the slightly earlier use of back combined with feed used as a verb. (MERRIAM-WEBSTER, 2019).

¹³ Something (such as information or electricity) that is returned to a machine, system, or process. (MERRIAM-WEBSTER, 2019).

¹⁴ Helpful information or criticism that is given to someone to say what can be done to improve a performance, product, etc. (MERRIAM-WEBSTER, 2019).

6.1.2 *Gíria comum*

Conforme visto em 6.1.1, o momento inicial do vocábulo gírio na língua é dentro de um grupo privado, enquanto gíria de grupo; no entanto, considerando que a língua se desenvolve por meio da interação social e que a gíria é uma ferramenta de comunicação da língua, é possível ver a transmutação desse vocábulo gírio, saindo do grupo privado e sendo estabelecido na grande massa.

Essa mudança no caráter da gíria acontece a partir da “descaracterização do signo grupal e a consequente dispersão desses vocábulos na linguagem comum, nos mais variados contextos e situações de comunicação” (CARADEC, 1988 apud PRETI, 2000), ou seja, “o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação inicial”. (PRETI, 1996 apud PRETI, 2000). Com isso, então, surge a gíria comum.

Segundo Preti (2004 apud BORGES, 2007), entende-se por gíria comum “vocábulos gírios misturados à linguagem da conversação espontânea diária, onde perdem para o falante a sua condição de gíria e são assumidos como vocabulário comum, com presença no dialeto culto ou popular”. É possível afirmar, então, que a gíria comum é o resultado da vulgarização da gíria de grupo e que ela surge após o contato entre diferentes grupos sociais.

Preti (1996 apud PRETI, 2000) dá exemplo de um vocábulo gírio vulgarizado:

[...] quando dizemos que estamos baratinados, quer dizer, preocupados, perturbados por qualquer problema, sem condição de decidir, estamos empregando um vocábulo da gíria dos toxicômanos, vulgarizado pelo contato desse grupo fechado com a sociedade. (PRETI, 1996 apud PRETI, 2000).

A fim de exemplificar a questão da vulgarização com vocábulos mais atuais, é possível citar “babado” e “gongar”, ambos criados pela comunidade LGBT. “Babado” é uma gíria que indica um acontecimento que pode ser bom ou ruim e pode substituir palavras como “notícia” e “informação”. “Gongar”, por sua vez, é uma gíria que significa agir de forma negativa em relação a alguém ou alguma coisa, tendo como possíveis sinônimos os verbos “caçoar”, “rejeitar”, “ridicularizar”. (VIP; LIBI, 2013). Segundo Eble (1996), a palavra inglesa *ho*, que significa “mulher promíscua”, é uma gíria inicialmente utilizada por afro-americanos, ou seja, um grupo fechado, e que foi emprestada para o vocabulário gírio de universitários norte-americanos.

Todavia, faz-se necessário apontar que a gíria comum nem sempre permanece na fala da grande massa, pois essa “permanência” dependerá da sua aceitação e utilização pela sociedade. Eble (1996) aponta que a gíria costuma cair em desuso bem mais rápido que palavras do vocabulário comum. No entanto, ainda segundo a autora, a gíria em desuso não morre, mas fica em um limbo até que os falantes da língua decidam ressuscitá-la. Como exemplo, é possível citar o adjetivo *hot*, com sentido de “sexualmente atraente”, o qual a autora afirma já ter estado em voga milhares de vezes ao longo dos anos.

Em algumas situações, a gíria passa para o vocabulário comum da língua e possui pouca ou quase nenhuma associação com seu caráter gírio inicial. (EBLE, 1996). Há outros casos, no entanto, em que a gíria é tão utilizada que acaba, de certa forma, substituindo as palavras padrão da língua que expressam a mesma ideia da gíria. Silva (2008) diz que:

[...] algumas gírias comuns podem se tornar mais expressivas do que as palavras já cristalizadas dentro da língua comum, fazendo com que essas gírias, futuramente migrem para o âmbito da língua comum e tornem-se mais usuais do que as antigas formas, como por exemplo, *bronca* para *reprimenda*, *curtir* para *desfrutar*. (SILVA, 2008). [grifo da autora].

Com isso em mente, é possível dizer que a vulgarização da gíria pode ser tanto negativa quanto positiva. Negativa porque a utilização da gíria pela grande massa nem sempre é bem-vista pelo grupo privado que a criou, e, em alguns casos, por pessoas fora do grupo, pois, conforme já citado em 6.1.1, o propósito inicial do vocábulo gírio é comunicar uma mensagem criptografada a outra pessoa de um mesmo grupo; no entanto, a partir da vulgarização da gíria, esta mensagem torna-se compreensiva por indivíduos de outros grupos. Além disso, alguns conservadores também enxergam a gíria negativamente e acreditam que ela é, de certa forma, um recurso que mancha ou degrada a língua.

A vulgarização da gíria também pode ser positiva. Levando em consideração que a gíria ainda é mal vista por muitos falantes e estudiosos da língua, a partir do momento em que começa a fazer parte da fala da grande massa, ela passa a carregar um grau menor de estigma, ou seja, o nível de preconceito acerca da gíria é atenuado. (PRETI, 1996 apud PRETI, 2000). Aliás, segundo Coleman (2012), o uso correto da gíria facilita a participação de pessoas em grupos sociais, aumenta sua atratividade e pode até salvar a vida de uma pessoa.

6.1.3 A gíria sob outra perspectiva

Apesar de a proposta feita por Preti (1996 apud PRETI, 2000) – que divide a gíria em *gíria de grupo* e *gíria comum* – possibilitar uma análise diacrônica dos vocábulos gírios, há outras funções que podem ser exercidas por estes e que devem ser levadas em consideração. Além de servir para distinguir pertencentes e não pertencentes de um grupo e para codificar uma mensagem privada, a gíria também pode ser usada para elogiar, para criticar, para dar intensidade, para expressar algum sentimento ou simplesmente para se referir a algo de maneira diferente.

Segundo Mattiello (2007 apud SANTOS, 2014), a gíria pode surgir por meio da atribuição de diferentes significados e funções às palavras já existentes na língua. É possível ver substantivos comuns sendo usados como adjetivos, como por exemplo, a palavra “gata”, que originalmente significa “fêmea do gato”, mas que passou a ser usada com significado de “mulher atraente” no Brasil. (DPLP, 2020). Desta forma, vê-se que a gíria pode ser observada não somente por seu caráter privado ou popular, mas também por sua função semântica no discurso.

Com isso em mente, será abordada aqui a categorização proposta por Santos (2014)¹⁵, que divide a gíria em *depreciativa*, *neutra*, *positiva* e *expletiva*.

Segundo a autora, a gíria depreciativa tem como finalidade “depreciar a pessoa ou objeto a que se refere”. Um dos exemplos indicados pela autora dentro desta categoria é *loser* – em português, “perdedor” – pois esta gíria tem como intuito insultar a pessoa a quem se refere. Além disso, Santos (2014) afirma também que os vocábulos gírios desta categoria são utilizados para falar de atividades consideradas ilícitas ou vis, como vendas de drogas, por exemplo.

A gíria neutra foi criada com o intuito de opor-se à gíria depreciativa e à gíria positiva, pois, segundo Santos (2014), nenhuma manifestação linguística é neutra, “já que mesmo quando se escolhe que palavra usar abre-se mão da imparcialidade e neutralidade”. Assim, a autora explica que a gíria neutra é a representação de um ponto médio entre a gíria positiva e a gíria negativa, ou seja, os vocábulos gírios

¹⁵ A autora Caroline Santos (2014) estabeleceu as quatro categorias – gíria depreciativa, gíria neutra, gíria positiva e gíria expletiva – levando em consideração as funções comunicativas apresentadas pelos vocábulos gírios tratados por ela. Além disso, Santos (2014), para essa divisão, considerou exclusivamente a gíria em sua língua-fonte, ou seja, levou em conta o significado que a gíria apresenta na língua inglesa. (SANTOS, 2014).

dessa categoria “não depreciam nem enaltecem a pessoa, ação ou objeto a que se referem, servindo apenas como uma nova forma de se referir a algo”. (SANTOS, 2014). Um dos vocábulos gírios que, de acordo com a autora, expressa a ideia desta categoria é *bloke* – gíria britânica que pode significar “cara”, “mano” em português –. (SANTOS, 2014). Esta gíria não apresenta nenhuma conotação positiva ou negativa; logo, é utilizada como um sinônimo, uma nova maneira de se referir a algo que já existe na língua.

Os vocábulos gírios que se enquadram na categoria de gíria positiva são os que “denotam aprovação de uma ação ou enaltecem uma pessoa”. (SANTOS, 2014). Desta forma, toda gíria que elogia, engrandece ou exalta algo ou alguém, ou gera uma sensação de pertencimento de um indivíduo a um grupo, pode ser considerada positiva. Para ilustrar esta categoria, é possível utilizar tanto a gíria brasileira “gata” quanto a gíria inglesa *looker*, as quais apresentam sentido de “atraente”, servindo, assim, para enaltecer a boa aparência física de uma mulher. (DPLP, 2020; SANTOS, 2014; TFD, 2019).

A última categoria criada por Santos (2014) é a de gíria expletiva. De acordo com a autora, os vocábulos gírios que se enquadram nesta categoria podem ser depreciativos, positivos ou neutros, dependendo do contexto em que estão inseridos. O intensificador *fucking* é um exemplo que se encaixa bem nesta categoria porque, enquanto gíria, pode ser usado como determinante e como advérbio e ainda apresentar diversas conotações dependendo não só do contexto, mas também da intenção de quem o usa. (DPLP, 2020; LEXICO, 2019; SANTOS, 2014).

Entretanto, é importante apontar que uma gíria pode fazer parte de mais de uma categoria por conta do seu caráter polissêmico. O vocábulo gírio “gata”, com sentido de “atraente”, conforme citado anteriormente, é considerado uma gíria positiva, pois é utilizado para elogiar uma mulher; no entanto, a gíria “gata” também pode apresentar sentido de “namorada” no Brasil, sendo, desta forma, classificada como gíria neutra, uma vez que é usada como sinônimo para se referir a uma ideia que já era antes conhecida por meio de outra palavra existente na língua. (DPLP, 2020).

Assim, é possível ver que a gíria não só pode assumir diversas funções na língua, mas também serve para enriquecer o vocabulário de quem a utiliza, já que a

gíria pode substituir palavras já conhecidas, pode ser usada como fator inclusivo, pode expressar sentimentos.

Logo, a partir do que foi visto, é possível afirmar que, ainda que só passe a ser abertamente aceita pelos falantes de uma língua quando seu massivo uso dificulta a distinção entre ela e os vocábulos populares, a gíria é um recurso linguístico que possui valor e importância em todas as suas formas – tanto como gíria de grupo quanto como gíria comum – e que deve poder ser utilizada por todo e qualquer falante de uma língua, independentemente do grupo social a que este pertence.

7 A TRADUÇÃO DA GÍRIA EM *INSECURE*

De acordo com as informações presentes no Capítulo 1, é possível afirmar que traduzir não é uma tarefa simples; no entanto, ainda mais enigmático é analisar uma tradução. Isto porque as motivações tradutórias do profissional encarregado de tal atividade podem ser diversas e, além disso, as ferramentas dispostas para auxiliar a tradução são inúmeras, o que torna ilimitada as opções e escolhas vocabulares.

Quando o assunto é tradução audiovisual, no entanto, mais especificadamente a legendação, além de ter de lidar com dois códigos, e, possivelmente, duas culturas distintas, o legendista tem de reproduzir uma mensagem originalmente falada por meio de uma língua escrita, o que é um desafio e tanto, considerando que, apesar de a língua falada ser mais suscetível a mudanças, a língua escrita é mais conservadora. (PAGANINE; FONSECA, 2015 apud OLIVEIRA, 2018).

Segundo Lima (2009):

[o legendista] precisa estar atento às construções linguísticas, envolvendo gírias comuns e específicas, termos e expressões obscenos, para que sua tradução proporcione ao leitor-espectador da cultura de chegada o mesmo entendimento que proporcionou o original ao leitor-espectador da cultura de partida, além de ter que encontrar um termo ou termos que se encaixe(m) nos números de caracteres, no tempo de leitura e em outras normas de legendagem, a fim de que seu trabalho possa alcançar o objetivo final, que é tornar o texto o mais adequado ao público-alvo. (LIMA, 2009).

A partir destas informações, pretende-se aqui analisar a tradução da gíria presente nas legendas de *Insecure*, objeto de análise desta pesquisa. Cabe apontar que o intuito desta análise não é criticar ou apontar erros cometidos na tradução, mas refletir sobre as escolhas tradutórias e verificar se o aspecto gírio foi mantido ou não no texto de chegada. Para realizar esta análise, os itens encontrados serão separados de acordo com as divisões propostas por Santos (2014) – gíria depreciativa, gíria neutra, gíria positiva e gíria expletiva – abordadas em 6.1.3. Vale ressaltar que a classificação dos vocábulos gírios foi realizada de acordo com seu significado na língua-fonte, o inglês.

Como os objetos desta análise são legendas, o Quadro 1 abaixo foi elaborado para apresentar de forma detalhada as informações dos textos transcritos da obra original.

Episódio	Marcação	Original	Tradução

Quadro 1 – Informações sobre as legendas

Como visto no Quadro 1, serão apresentadas as informações sobre “Episódio”, “Marcação”, “Original” e “Tradução”. Na coluna “Episódio”, será indicado de qual temporada e episódio a legenda – ou legendas – foi retirada. Se, por acaso, a legenda em evidência for referente à temporada 1, episódio 5, será mostrado nesta coluna “T1E5”. Na coluna “Marcação”, será mostrado o tempo de entrada da legenda na tela no formato HH:MM:SS, onde HH representa o tempo em horas, MM em minutos e SS em segundos. Como o objetivo deste trabalho não é verificar a parte técnica da legendagem, este trabalho não apresentará o tempo de saída da legenda da tela.

Na coluna “Original”, será apresentado o texto na língua-fonte, inglês. Por fim, a coluna “Tradução” apresentará a transcrição das legendas originalmente traduzidas pela HBO. Cabe ressaltar que, tanto na coluna “Original” quanto na coluna “Tradução”, serão feitas as distinções de personagens, incluindo o nome de cada um antes de sua respectiva fala. Além disso, também serão feitas distinções que possam contribuir para melhor entendimento da fala; por exemplo, se a personagem está sussurrando, o fato será indicado entre parênteses após o nome desta e antes da fala que foi sussurrada. Cabe apontar que os vocábulos analisados não serão mostrados em ordem de aparição e que haverá casos em que mais de um vocábulo será analisado dentro de uma mesma conversa.

É importante apontar que as quebras de linhas nas falas foram utilizadas para indicar mudança de legendas, ou seja, quando a coluna “Tradução” apresenta uma quebra de linha no meio do texto traduzido, isso significa que houve mudança de legenda. Além disso, em alguns casos, as falas são precedidas pelo hífen (-), sinal que, na legendagem, é utilizado no lugar do travessão (—) por ocupar menos espaço em tela e indica que há a presença da fala de dois personagens ou pessoas distintas em uma mesma cena. O hífen, no entanto, aparecerá apenas na coluna “Tradução”, considerando que este recurso foi utilizado na legenda oficial da HBO.

Assim, as seções 7.1, 7.2, 7.3 e 7.4 abordarão, respectivamente, a gíria depreciativa, a gíria neutra, a gíria positiva e a gíria expletiva.

7.1 Gíria depreciativa

Conforme apontado em 6.1.3, entende-se por gíria depreciativa todos os vocábulos gírios que servem para insultar, rebaixar ou inferiorizar, amaldiçoar ou maldizer algo ou alguém, e que fazem alusão a obscenidade e a atividades e coisas consideradas ilícitas ou vis. Com isso em mente, foram separados todos os vocábulos gírios encontrados na obra analisada neste trabalho, que, na língua-fonte, apresentam uma definição que se enquadra nesta categoria.

Exemplo 1

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:06:13	MOLLY: And then this <u>motherfucker</u> got the audacity to hit me with this <u>bullshit</u> . “Sorry. I’m not looking for a relationship right now”. ¹ Sad face. ²	MOLLY: E o <u>cretino</u> teve a audácia de me mandar essa <u>besteira</u> . “Lamento, não quero um relacionamento.” ¹ Carinha triste. ²

¹ O uso das aspas, neste caso, representa a reprodução de uma mensagem originalmente escrita.

² Nesta fala, Molly diz que recebeu um *emoji* de carinha triste.

Quadro 2 – Exemplo 1

No Exemplo 1, as palavras sublinhadas incluem os vocábulos gírios *motherfucker* e *bullshit*. No caso da gíria *motherfucker*, a HBO apresentou como tradução a palavra “cretino”. De acordo com Soanes e Stevenson (2005), *motherfucker* significa “uma pessoa ou coisa desprezível ou muito desagradável”. [tradução nossa]¹⁶. Nash e Ferreira (2008) trazem como significado em português para esta gíria “pessoa que não presta, filho da puta”; no entanto, a expressão “filho da puta” é considerada tabuísmo na língua portuguesa, ou seja, é uma expressão chula ou, como é mais vulgarmente identificado, um palavrão. (DPLP, 2020). O *Lexico* (2019) aponta que *motherfucker* é uma gíria vulgar usada para se referir a uma pessoa ou coisa desprezível. Vale citar que o fato de uma palavra considerada gíria em um idioma ser considerada palavrão em outro é o retrato de que cada língua é sistema linguístico único e que nem sempre o equivalente de uma palavra será a escolha mais indicada, dependendo da intenção que se quer atingir.

Uma característica que tanto Soanes e Stevenson (2005) quanto Nash e Ferreira (2008) apontam sobre *motherfucker* é que este é um vocábulo gírio

¹⁶ A despicable or very unpleasant person or thing. (SOANES; STEVENSON, 2005).

considerado vulgar. No entanto, a escolha tradutória, “cretino”, não é considerada gíria nem possui indicação de informalidade. De acordo com o Aulete (2020), “cretino” pode significar “quem tem comportamento inconveniente, ou atitude atrevida, insolente” ou “pessoa tola, pouco inteligente, pouco sensata, estúpida”. Sendo assim, é possível afirmar que *motherfucker* foi traduzido por uma palavra da língua-meta, “cretino”, que apresenta significado similar ao da gíria original, ainda que não apresente características informais.

No caso da gíria *bullshit* – indicada por Soanes e Stevenson (2005) como “estupidez, bobagem” e por Nash e Ferreira (2008) como “mentira, papo-furado, conversa fiada” –, a escolha de tradução foi a palavra “besteira”. Apesar de a gíria na língua-fonte ser indicada como gíria vulgar, a escolha tradutória não possui cunho vulgar; no entanto, tanto *bullshit* quanto “besteira” possuem significados similares e podem ser consideradas palavras equivalentes.

Logo, é possível afirmar que, embora ambos os vocábulos gírios sejam considerados vulgares na língua-fonte, as escolhas tradutórias não expressam tal característica. Tanto *motherfucker* quanto *bullshit* foram traduzidos por vocábulos comuns da língua portuguesa que apresentam significado equivalente ao original, mas que são coloquiais. (AULETE, 2020; DPLP, 2020; SOANES; STEVENSON, 2005; NASH; FERREIRA, 2008).

Exemplo 2

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:07:20	ISSA: I think your pussy's broken. [...] MOLLY: You're an <u>asshole</u> . Fuck you, Issa.	ISSA: Sua vagina está quebrada. [...] MOLLY: Você é uma <u>idiota</u> . Vá se danar.
T1E2	00:22:23	MAN 1: This was fun. MOLLY: Yeah. You wanna grab some coffee? MAN 1: Definitely. You trying to fuck, though? [...] MOLLY: I spent all this time trying to make sure that my pussy is fixed, but it turns out you are just like every other single <u>asshole</u> out here.	HOMEM 1: -Foi divertido. MOLLY: -Sim. Quer ir tomar um café? HOMEM 1: Claro. Você quer transar? [...] MOLLY: Tanto tempo tentando consertar minha vagina... e você é igual a todos os outros <u>cretinos</u> .

Quadro 3 – Exemplo 2

De acordo com Thorne (2014), *asshole* é uma gíria do inglês americano que apresenta sentido de “uma pessoa muito estúpida, alguém que é pateticamente ou

ofensivamente tolo”. [tradução nossa]¹⁷. Por sua vez, Eble (1996) cita que esta gíria é uma designação ofensiva utilizada para se referir a uma pessoa desagradável. Nash e Ferreira (2008), todavia, também definem *asshole* como uma gíria vulgar do inglês americano e apresentam como significado “pessoa desprezível, canalha, safado, filho da puta”.

O vocábulo escolhido como tradução para *asshole* em T1E1 (Exemplo 2) foi “idiota”, que, segundo o DPLP (2020), tem como significado “que ou quem denota estupidez”. O Aulete (2020), por sua vez, diz que “idiota” é utilizado para se referir a “quem diz ou faz tolice”. Desta forma, presume-se que a escolha deste vocábulo como tradução para a gíria *asshole* condiz com o significado que o vocábulo gírio apresenta na LF. Por outro lado, em T1E2 (Exemplo 2), a gíria foi traduzida por “cretino”, que pode significar “quem tem comportamento inconveniente, ou atitude atrevida, insolente” ou “pessoa tola, estúpida”. (AULETE, 2020). Além disso, vale ressaltar que, no Exemplo 1, “cretino” foi utilizado como tradução para a gíria *motherfucker*, que, assim como *asshole*, pode ser usado para se referir a uma pessoa desagradável. (LEXICO, 2019; SOANES; STEVENSON, 2005).

Em ambos os casos, *asshole* foi traduzido por vocábulos comuns da língua, que denotam o mesmo sentido expressado pela gíria na LF; sendo assim, é possível considerar adequadas as escolhas tradutórias para expressar a mensagem do original.

Exemplo 3

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:08:25	ISSA: No, seriously. I’m starting to resent him. Like, I spent my entire 20s with a dude that I’m not even gonna end up with. [...] I don’t have time for the <u>bullshit</u> anymore.	ISSA: Sério. Estou cansando dele. Passei meus 20 anos... com um cara com quem não me casarei. [...] Não tenho mais tempo para <u>bobagens</u> .

Quadro 4 – Exemplo 3

Na cena em que a fala do Exemplo 3 aparece, a personagem Issa está reclamando com sua amiga Molly sobre seu relacionamento com Lawrence e usa a gíria *bullshit* para mencionar a situação em que se encontra com seu namorado. De

¹⁷ A very stupid person, someone who is pathetically or offensively foolish. (THORNE, 2014).

acordo com o TFD (2019), *bullshit* é uma gíria vulgar que pode significar algo sem muita importância ou enganoso.

Assim como ocorreu no Exemplo 1, além de ter sido traduzido por um vocábulo comum da língua e não por outra gíria, *bullshit* foi traduzido por “bobagens”. Tendo em mente a definição proposta pelo TFD (2019) em relação a gíria *bullshit* e considerando que o DPLP (2020) define “bobagem” como “disparate”, é possível considerar aceitável a escolha tradutória, já que ela condiz com o significado da gíria na LF.

Exemplo 4

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:13:05	MOLLY: You know, I'm not trying to be <i>shady</i> , but why does she deserve to get married, and I don't?	MOLLY: Não quero ser <u>má</u> ... mas por que ela merece isso e eu não?

Quadro 5 – Exemplo 4

A gíria *shady* – traduzida no Exemplo 4 por “má” – é um exemplo do caráter polissêmico das línguas e uma prova de que a gíria pode surgir da ressignificação de um vocábulo já consagrado na língua. De acordo com Soanes e Stevenson (2005), *shady* é um adjetivo classificado como informal, com sentido de “honestidade ou legalidade duvidosa”. No entanto, de acordo com Thorne (2014), *shady* é uma gíria que pode ser usada para indicar que algo possui qualidade duvidosa ou que pode ser perigoso, aproximando-se, assim, da definição de Soanes e Stevenson (2005). Por outro lado, de acordo com as principais definições presentes no *Urban Dictionary* (2019), é possível observar que este vocábulo gírio é utilizado atualmente para se referir a alguém que age com falsidade ou de maneira hipócrita.

Considerando que, na cena de que esta fala foi retirada (Exemplo 4), Molly está falando ao telefone com Issa sobre uma colega do trabalho que irá se casar e, mesmo tendo parabenizado a colega, ela demonstra estar desgostosa. A personagem tem como intenção exprimir que não deseja desmerecer o momento que a colega está vivendo, mas deixa claro que está triste por ver mais uma pessoa próxima a ela envolvida em um relacionamento que está ficando ainda mais sério, sendo que Molly custa a encontrar uma pessoa que queira mais que encontros casuais.

A tradução de *shady* por “má”, considerando a definição proposta pelo Aulete (2020), que define a palavra da língua portuguesa como “pessoa mal intencionada, de má índole”, pode ter sido motivada pelo caráter negativo que *shady* apresenta, uma vez que agir com falsidade pode ser considerado uma atitude má; no entanto, uma pessoa má não necessariamente agirá com falsidade ou hipocrisia. Sendo assim, é possível concluir que a tradução é inadequada, uma vez que não reflete devidamente o sentido da gíria no original. A palavra “falsa”, feminino de “falso” – que pode significar “que é desleal”, “que se faz passar por outrem” e “que parece real mas não é” (AULETE, 2020) – poderia ter sido utilizada como tradução para *shady*, uma vez que, ainda que não seja uma gíria, “falsa” apresenta significado similar ao de *shady* na LF.

Exemplo 5

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:14:32	LAWRENCE: What are you all dressed up for? ISSA: I'm taking Molly out tonight. [...] LAWRENCE: What's wrong with her now? ISSA: She doesn't think she'll ever get married. LAWRENCE: She might be onto something. ISSA: Don't be a <u>dick</u> .	LAWRENCE: -Por que está arrumada? ISSA: -Vou sair com Molly. [...] LAWRENCE: O que houve agora? ISSA: Ela acha que nunca vai se casar. LAWRENCE: Ela pode ter razão. ISSA: Não seja <u>cretino</u> .
T1E2	00:00:35	MOLLY: Wait a minute. So you're trying to tell me you went all the way to Daniel's house and nothing happened? Like, at all? ISSA: I didn't even go inside. MOLLY: Hold the fuck up! You got on stage and went all Dej Nope about my broken pussy for nothing? Like, all that drama for zero <u>dick</u> ? Bitch, you buggin'.	MOLLY: Espere. Você está me dizendo que foi à casa de Daniel... e nada aconteceu? Nada mesmo? ISSA: Nem entrei. MOLLY: Que diabo! Você cantou sobre minha vagina quebrada por nada? Aquele drama todo e nem <u>transou</u> ? Você é louca.

Quadro 6 – Exemplo 5

Exemplo 6

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:04:01	<p>MOLLY: Girl, Lawrence ever suck your toes? ISSA: Once, but it made us both uncomfortable. [...] ISSA: Bitch, I love him, but... I mean, maybe I'm not satisfied. You know? Maybe I wanna be <u>dicked</u> down properly.</p>	<p>MOLLY: Garota, Lawrence já chupou seus dedos dos pés? ISSA: Uma vez, mas não gostamos. [...] ISSA: -Vadia, eu o amo, mas... Talvez eu não esteja satisfeita, ou queira uma <u>transa</u> diferente.</p>

Quadro 7 – Exemplo 6

A gíria *dick* é mais um exemplo do caráter polissêmico das línguas. No Exemplo 6, há três diferentes casos em que o vocábulo gírio aparece e é possível vê-lo sendo utilizado com diversos sentidos e formas. No Exemplo 5, *dick* foi apresentado nas duas ocorrências como substantivo e no Exemplo 6, como verbo. Antes de analisar a tradução dessas ocorrências, é preciso apontar os significados que *dick* pode apresentar.

De acordo com Thorne (2014), enquanto substantivo, *dick* pode significar “pênis”, “idiota” ou até mesmo “nada, coisa alguma”. Vale citar que Nash e Ferreira (2008) apresentam os mesmos significados para esta gíria. Enquanto verbo, a gíria *dick* pode significar “transar” e pode ser usada para expressar a ideia de tratar alguém mal ou injustamente. (TFD, 2019; THORNE, 2014). Tanto Thorne (2014) quanto o TFD (2019) indicam que *dick* é considerado vulgar tanto como substantivo quanto como verbo. O motivo pelo qual este vocábulo gírio é considerado vulgar pode ser explicado, de acordo com Eble (1996), pela relação que ele tem com a palavra “pênis”. Segundo Thorne (2014), *dick* é usado com sentido de “pênis” pelos falantes da língua inglesa desde o final do século XIX.

Logo, após apresentar possíveis significados para esta gíria, é possível falar da tradução apresentada pela HBO. Em T1E1, no Exemplo 5, *dick* foi traduzido por “cretino”. De acordo com o Aulete (2020), “cretino” pode ser utilizado para se referir a uma pessoa estúpida. Levando em conta a definição de Thorne (2014) acerca da gíria *dick*, é possível afirmar que a escolha tradutória – “cretino” – condiz com os significados do vocábulo gírio na LF, expressando, assim, a ideia do original.

Em T1E2, no Exemplo 5, no entanto, a gíria *dick* foi traduzida por “transou”, que, segundo o DPLP (2020), é uma maneira informal de se referir a “relação

sexual” no português do Brasil. Neste caso, é possível observar que a gíria sofreu uma alteração de classe gramatical, ou seja, enquanto na LF era um substantivo, passou a ser um verbo na LM. Ao analisar a tradução semanticamente, vale ressaltar que a palavra escolhida, “transou”, também apresenta conotação sexual.

Por outro lado, no Exemplo 6, *dicked*, que é a forma verbal no passado simples do verbo *dick*, também sofreu alteração de classe gramatical e foi traduzido por “transa”, que é um substantivo. Cabe citar que, assim como aconteceu com a segunda ocorrência do Exemplo 5 – em que *dicked* foi traduzido por “transou” –, a escolha tradutória, “transa”, também manteve a conotação sexual expressada pela gíria no texto original.

Logo, é possível afirmar que, nos três casos – dois apresentados no Exemplo 5 e um no Exemplo 6 –, esta gíria foi traduzida por seus respectivos equivalentes na língua-meta e que não houve perda de sentido. Vale ressaltar, ainda, que “cretino”, escolhido como tradução para *dick* em T1E1 (Exemplo 5), já foi utilizado como tradução para *motherfucker* no Exemplo 1 e para *asshole* no Exemplo 2. A escolha de “cretino” como tradução para *dick*, *motherfucker* e *asshole* pode ser explicada pelo fato de as três gírias poderem ser utilizadas para se referir a uma pessoa idiota.

Exemplo 7

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:05:19	MOLLY: Tinder used to be cool, but now it's basically a <u>fuck</u> app.	MOLLY: O Tinder era legal, agora é um app para <u>sexo</u> .

Quadro 8 – Exemplo 7

Exemplo 8

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:22:23	MAN 1: This was fun. MOLLY: Yeah. You wanna grab some coffee? MAN 1: Definitely. You trying to <u>fuck</u> , though?	HOMEM 1: -Foi divertido. MOLLY: -Sim. Quer ir tomar um café? HOMEM 1: Claro. Você quer <u>transar</u> ?

Quadro 9 – Exemplo 8

No Exemplo 8 e no Exemplo 9, é possível observar a gíria *fuck* sendo usada de duas maneiras diferentes. No Exemplo 7, por exemplo, ela foi usada como substantivo e, de acordo com o TFD (2019), Eble (1996) e Thorne (2014), *fuck* é uma gíria vulgar que significa “relação sexual”. Considerando que foi traduzido por

“sexo” no Exemplo 7 – que também significa “relação sexual” (DPLP, 2020) –, percebe-se que, mais uma vez, o vocábulo gírio foi traduzido por um equivalente semântico da língua padrão.

A gíria *fuck* no Exemplo 8 foi usada como verbo na língua inglesa e, de acordo com o TFD (2019) e Thorne (2014), ela apresenta sentido de “ter relações sexuais”. Segundo Nash e Ferreira (2008), *fuck*, enquanto verbo, pode significar “fazer sexo, transar, trepar, comer, foder alguém”. Neste caso, a palavra foi traduzida por “transar”. O site de referência *on-line* Infopédia (2020) aponta que “transar” é um verbo coloquial utilizado no Brasil com sentido de “namorar” e “ter relações sexuais”. No entanto, o DPLP (2020), além de apresentar uma definição similar do Infopédia (2020), também indica que este é um verbo utilizado com este sentido no português do Brasil.

Na cena de que o Exemplo 7 foi retirado, as amigas Issa e Molly conversam em um salão de beleza sobre aplicativos de relacionamento *on-line*. Na cena do Exemplo 8, Molly está em um encontro com um rapaz que conheceu em um dos aplicativos apresentados para Issa. Desta forma, é possível observar que, apesar das duas cenas apresentarem situações informais e de os dicionários de língua inglesa apontarem esta gíria como vulgar, apenas no Exemplo 8 foi utilizada para tradução da gíria uma palavra informal, que, ainda que não seja também considerada gíria na língua portuguesa, pode servir para expressar o tom informal que a gíria no original apresenta. (NASH; FERREIRA, 2008; SOANES; STEVENSON, 2005; TFD, 2019).

Exemplo 9

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:07:45	ISSA (RAPPING): Do you know who you are? You the bossiest bitch. You a grown-ass woman like Solange's sis. You gonna take control like Janet, or lose control like Missy? The decision is yours... boss up or be a <u>pussy</u> .	ISSA (RIMANDO): Sabe quem você é? A vadia mais mandona. Uma mulher adulta como a irmã de Solange. Vai mandar como Janet ou se perder como Missy? A decisão é sua, assuma ou seja uma <u>covarde</u> .

Quadro 10 – Exemplo 9

O vocábulo gírio *pussy* possui diversos significados na língua inglesa. De acordo com Thorne (2014), esta gíria é usada para se referir às genitais femininas, a

mulheres sexualmente objetificadas e a homens considerados fracos e pessoas tímidas. Nash e Ferreira (2008) apresentam como possíveis traduções para *pussy* palavras como “vagina” – com indicação de vulgar –, “mulher”, “sexo” e “homossexual (homem)”. Ainda que apresente as mesmas definições apontadas por Thorne (2014), o TFD (2019) – além de mencionar que esta gíria pode ser considerada vulgar, ofensiva e tabu na língua inglesa – inclui o sentido de “pessoa considerada fraca ou tímida”, que abrange tanto o sexo masculino quanto o feminino.

Na cena apresentada pelo Exemplo 9, Issa está rimando sobre ela mesma e usa a palavra *pussy* como antônimo para *boss up* – expressão usada com sentido de agir com determinação para resolver um problema. (TFD, 2019). Considerando que o TFD (2019) é a única fonte que apresenta uma definição para *pussy* que abrange também o sexo feminino, pressupõe-se que esta gíria evoluiu e teve seu significado ampliado. Desta forma, a tradução de *pussy* por “covarde” pode ser considerada adequada, uma vez que a tradução expressa a mesma ideia da gíria na LF.

Além disso, vale ressaltar que, apesar de não ter sido analisada, a gíria *pussy* apareceu no Exemplo 2 – uma vez em T1E1 e duas vezes em T1E2 – e no Exemplo 3 – em T1E2. Tanto nas ocorrências do Exemplo 2 quanto na ocorrência do Exemplo 3, *pussy* foi usado para se referir à genital feminina e foi traduzido por “vagina” – que pode significar “órgão sexual feminino” de acordo com o Infopédia (2020).

Exemplo 10

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:22:23	MAN 1: This was fun. MOLLY: Yeah. You wanna grab some coffee? MAN 1: Definitely. You trying to fuck, though? MOLLY: You <u>motherfucker</u> .	HOMEM 1: -Foi divertido. MOLLY: -Sim. Quer ir tomar um café? HOMEM 1: Claro. Você quer transar? MOLLY: -Seu <u>filho da mãe</u> .

Quadro 11 – Exemplo 10

Exemplo 11

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E6	00:01:06	ISSA: I slept with my ex. I didn't mean to do it and it just happened. And I didn't do it on purpose. LAWRENCE: Bitch, I don't want your sloppy second ass! I ain't Russell Wilson in this <u>motherfucker!</u>	ISSA: Dormi com meu ex. Não tive a intenção, aconteceu. Não fiz de propósito. LAWRENCE: Vadia, não quero as suas sobras! Não sou Russell Wilson!

Quadro 12 – Exemplo 11

De acordo com Thorne (2014), *motherfucker* é uma gíria do inglês americano usada para se referir a uma pessoa desprezível e a algo ou a uma situação incrível ou terrível. O TFD (2019) aponta que esta é uma gíria vulgar e que pode ser considerada tabu. Apesar de definir *motherfucker* como Thorne (2014), o dicionário *on-line* TFD (2019) não exibe definições com conotações positivas.

No Exemplo 10, a gíria *motherfucker* foi traduzida por “filho da mãe”, expressão considerada informal e depreciativa, que tem sentido de “pessoa que se considera muito desprezível ou sem caráter”. (DPLP, 2020). Conforme apontado no Exemplo 1, Nash e Ferreira (2008) trazem como tradução para *motherfucker* “pessoa que não presta” e “filho da puta”; contudo, a última expressão é considerada palavrão. (DPLP, 2020). O *site* de referência *on-line* Infopédia (2020) define “filho da mãe” como expressão de caráter popular com sentido de “insulto que manifesta revolta e desprezo em relação a determinada atitude ou comportamento”. Levando essas definições em conta, é possível afirmar que a gíria *motherfucker* foi traduzida por uma expressão informal com o mesmo significado expressado na LF.

Na cena apresentada pelo Exemplo 11, Lawrence e Issa estão discutindo; logo, o contexto em que a gíria *motherfucker* está sendo utilizada permite afirmar que ela apresenta o sentido de “situação terrível”. (THORNE, 2014). No entanto, a gíria foi omitida na tradução, o que pode ser resultado da neutralização de traços informais e coloquiais a fim de manter a formalidade da língua padrão escrita nas legendas.

Exemplo 12

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E3	00:05:13	ISSA: I made one mistake during my presentation and they lost all faith in me. You know, now I'm the black girl who <u>fucked up</u> . And white people at my job <u>fuck up</u> all the time!	ISSA: Cometi um erro na apresentação... e não confiam mais em mim. Sou a negra que <u>estragou tudo</u> . Os funcionários brancos estão sempre <u>errando</u> !
T1E5	00:07:43	CHAD: What about you and the old girl? LAWRENCE: We good. CHAD: For real? Last time I talked to you, you told me you didn't give a fuck about her. LAWRENCE: No, I told you I <u>fucked up</u> her birthday.	CHAD: E sua namorada? LAWRENCE: Estamos bem. CHAD: Sério? Você disse que tinha estragado tudo. LAWRENCE: Eu tinha <u>estragado</u> o aniversário dela.

Quadro 13 – Exemplo 12

O Exemplo 12 apresenta três ocorrências em que a expressão gíria *fuck up* aparece. Antes de apontar qualquer informação em relação à tradução, é importante ressaltar os significados que tal expressão pode apresentar. De acordo com Nash e Ferreira (2008), *fuck up* é uma gíria vulgar com sentido de “estragar, arruinar, acabar, foder com algo”. Além disso, *fuck up* pode significar, segundo o TFD (2019), “complicar as coisas”, “cometer um erro” ou “agir de forma imprudente, estúpida ou errônea”.

Há duas ocorrências da expressão gíria *fuck up* em T1E3 (Exemplo 12), e cada uma foi traduzida de uma maneira. Para a primeira ocorrência em T1E3 (Exemplo 12), *fucked up* – flexão no passado simples de *fuck up* –, foi apresentado como tradução o sintagma “estragou tudo”; no entanto, a segunda ocorrência – também em T1E3 (Exemplo 12) –, *fuck up*, foi traduzida por “errando”, flexão no gerúndio do verbo “errar”. (DPLP, 2020). Vale citar que a ocorrência presente em T1E5 (Exemplo 12) aparece na mesma forma que a primeira ocorrência em T1E3 (Exemplo 12), ou seja, flexionada no passado simples em inglês; no entanto, foi traduzida por “estragado”, forma flexionada no particípio do verbo estragar. Contudo, é possível julgar adequada a tradução das três ocorrências presentes no Exemplo 12, considerando que as escolhas tradutórias são capazes de exprimir o mesmo significado manifestado pela gíria na LF.

Exemplo 13

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E3	00:21:09	MOLLY: Guess who got into The League. ISSA: Wait, didn't you say you were done with those dating apps? MOLLY: No, no, I said I was done with <u>shitty-ass</u> dating apps.	MOLLY: Adivinhe quem entrou para o The League. ISSA: Não disse que tinha desistido desses apps? MOLLY: Não, desisti dos apps de encontros <u>ruins</u> .

Quadro 14 – Exemplo 13

No Exemplo 13, a gíria *shitty-ass* foi traduzida por “ruins”. Antes de definir essa gíria, vale citar que ela é a junção da gíria *shitty* com o sufixo *-ass*. Levando em conta que, de acordo com Nash e Ferreira (2008) e o TFD (2019), *shitty* é utilizada para dizer que algo ou alguém é “desagradável”, “desprezível” ou “de péssima qualidade” e que *-ass* é um sufixo da língua inglesa utilizado para intensificar o substantivo ou adjetivo a que está ligado (DALZELL, 2008), é possível afirmar que a gíria *shitty-ass* expressa uma ideia ainda mais negativa que *shitty*. Vale citar que o *Urban Dictionary* (2019) apresenta como sentido para *shitty-ass* “uma pessoa ou coisa de baixíssima qualidade”.

No entanto, o Quadro 14 apresenta como tradução para *shitty-ass* a palavra “ruins” – plural de “ruim”, que pode significar “de má qualidade”, “desagradável”. Apesar de não apresentar a mesma carga semântica do original – *shitty-ass* – e de não ser uma gíria, “ruins” é um vocábulo simples e com poucos caracteres, o que pode explicar a preferência por esta palavra como escolha tradutória, pois, conforme apontado em 4.1, o legendista deve sempre buscar produzir legendas simples.

Por outro lado, considerando que a palavra “horível” – que significa “muito ruim” (AULETE, 2020) – apresenta poucos caracteres a mais que “ruins” e que, de acordo com o seu significado, aproxima-se mais do sentido da gíria no original, talvez fosse uma escolha tradutória mais adequada e contribuiria, assim, para que o telespectador pudesse não só realizar uma leitura rápida que não atrapalhasse sua concentração no conteúdo em tela, mas também compreender melhor a mensagem original.

Exemplo 14

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E4	00:07:35	MOLLY: Bitch, what? That nigga came up to your job? [...] ISSA: He just wanted to apologize for what went down. It was crazy! MOLLY: Wait, that's it? That's why I told everyone I needed the conference room for an hour? ISSA: No, girl. That's how this <u>shit</u> always happens. Okay?	MOLLY: O quê? Ele foi ao seu emprego? [...] ISSA: Ele só queria se desculpar pelo que aconteceu. Foi uma loucura! MOLLY: Espere. Só isso? Foi para isso que pedi a sala de reuniões? ISSA: Não. É assim que as <u>coisas ruins</u> acontecem.
T1E5	00:07:43	CHAD: What about you and the old girl? LAWRENCE: We good. CHAD: For real? [...] LAWRENCE: Seriously, man. I mean, we went through some <u>shit</u> , but we in a good place.	CHAD: E sua namorada? LAWRENCE: Estamos bem. CHAD: Sério? [...] LAWRENCE: -Fale sério, cara. Tivemos <u>problemas</u> ... mas estamos bem.

Quadro 15 – Exemplo 14

Exemplo 15

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E5	00:10:03	ISSA: Fuck! This is what the fuck I get. DANIEL: For what? ISSA: Why'd I have to go up on that stage? This... this is why I don't do <u>shit</u> .	ISSA: Que droga! Eu mereço isso. DANIEL: Por quê? ISSA: Por que subi naquele palco? Por isso não faço <u>nada</u> .
T1E6	00:18:27	MOLLY: Y'all gonna have to tell me what's going on, 'cause I can't see <u>shit</u> behind this big-ass hat.	MOLLY: O que está acontecendo? Não vejo <u>nada</u> detrás deste chapéu.

Quadro 16 – Exemplo 15

Conforme indicado no Exemplo 4 e no Exemplo 5, alguns vocábulos gírios são conhecidos por seu caráter polissêmico. Considerada uma gíria vulgar, *shit* também apresenta diversos significados na LF. De acordo com Thorne (2014), este vocábulo gírio pode significar “excremento”, “droga ilícita”, “conversa mentirosa”. O dicionário *on-line* TFD (2019), além de apresentar as mesmas definições apontadas por Thorne (2014), também define *shit* como “problemas”, “coisas, no geral”, “dificuldades”, “nada” ou “coisa alguma”.

Nash e Ferreira (2008) apontam como tradução para *shit* “fezes”, “merda”, “mentira”, “papo furado”, “coisa”, “pertences”, “algo sem valor”, “droga”. Entretanto,

vale ressaltar que, segundo Eble (1996), ainda que possa apresentar conotações positivas, *shit* é uma gíria habitualmente negativa.

Desta forma, vale citar as escolhas tradutórias apresentadas no Exemplo 14, que foram “coisas ruins”, em T1E4, e “problemas”, em T1E5. Levando em consideração as definições apresentadas para *shit* por Thorne (2014) e por Nash e Ferreira (2008), é possível afirmar que ambas as traduções condizem com o significado da gíria na LF. No entanto, o vocábulo “nada” – usado para negar a existência de algo (DPLP, 2020) – foi escolhido como tradução para as duas ocorrências no Exemplo 15, que também podem ser consideradas corretas, levando em conta que o TFD (2019) apresenta uma definição para *shit* que condiz com o significado de “nada”.

Logo, é possível apontar que as traduções escolhidas expressam significados similares aos dos vocábulos gírios, porém estes não apresentam traços informais e muito menos são considerados gíria na língua-meta.

Exemplo 16

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E4	00:14:08	MOLLY: It's just some work drama. One of the partners asked me to talk to the other black girl at work. They thought she was being a little <u>extra</u> .	MOLLY: Drama no trabalho. Uma das sócias me pediu para falar com a outra negra. Acham que ela está <u>exagerando</u> .
T1E6	00:06:06	JARED: You know, it's fine if you and I didn't work out. But it just feels like you're playing games, and I'm not really about that. MOLLY: You're right. You know, I was <u>doing the most</u> , but, you know, I really did like you.	JARED: Sabe... tudo bem não termos dado certo. Mas parece que você está brincando e não gosto disso. MOLLY: Você tem razão. <u>Brinquei por um tempo</u> , mas... Gostei de você de verdade.

Quadro 17 – Exemplo 16

No Exemplo 16 é possível encontrar a gíria *extra* em T1E4 e a expressão gíria *doing the most* em T1E6. O vocábulo gírio *extra* é definido por Thorne (2014) como “exagero” e pelo *Urban Dictionary* (2019) como “excessivo” e “desnecessário”. No entanto, a expressão gíria *doing the most* pode significar, segundo o *Urban Dictionary* (2019), “tentar excessivamente parecer impressionante” e “fazer mais que o necessário em determinada situação”.

A primeira ocorrência – apresentada em T1E4 (Exemplo 16) – foi traduzida pelo verbo “exagerando”, forma nominal do verbo “exagerar”. Considerando que

“exagerar” significa “dizer ou fazer algo atribuindo (ao que é dito ou feito) intensidade, valor, medida, etc. acima do cabível ou normal” (AULETE, 2020), é possível considerar adequada a tradução de *extra* por “exagerando”. Por outro lado, a tradução de *doing the most* por “brinquei por um tempo” pode ter sido motivada pela fala anterior do personagem Jared, que diz acreditar que Molly parecia estar brincando com ele. No entanto, é possível afirmar que a tradução não condiz com o significado expressado pela expressão gíria na língua-fonte, que, desta forma, poderia ter sido traduzida por “exagerei”.

Exemplo 17

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E6	00:01:06	ISSA: I slept with my ex. I didn't mean to do it and it just happened. And I didn't do it on purpose. LAWRENCE: <u>Bitch</u> , I don't want your sloppy second ass!	ISSA: Dormi com meu ex. Não tive a intenção, aconteceu. Não fiz de propósito. LAWRENCE: <u>Vadia</u> , não quero as suas sobras!
T1E8	00:17:41	MIKE: I know it don't seem like it right now, but, my nigga, it's gonna be popping for you in the streets. [...] CHAD: Mike, show him the girl you were just fucking with. Show him the <u>bitch</u> .	MIKE: Pode não parecer, mas você verá isso agora. [...] CHAD: Mike, mostre-lhe a garota com quem estava saindo. Mostre a <u>vadia</u> .

Quadro 18 – Exemplo 17

No Exemplo 17, há duas ocorrências da gíria *bitch* e, nos dois casos – em T1E6 e em T1E8 –, ela foi traduzida por “vadia”, palavra considerada informal pelo DPLP (2020) e de uso popular pelo Aulete (2020). Ao analisar esta gíria, vale ressaltar que, de acordo com Eble (1996), *bitch* tem conotação negativa. Segundo Thorne (2014), este vocábulo gírio pode ser um termo pejorativo e bastante ofensivo e difamatório usado para se referir a uma mulher. Nash e Ferreira (2008) apresentam como possível tradução para *bitch* “mulher desagradável ou mal-humorada”, “megera”, “vaca”. O TFD (2019), por sua vez, aponta que este vocábulo gírio pode significar “uma mulher maliciosa, vingativa ou vulgar”, “uma mulher obscena”. Vale apontar que todos os autores mencionados consideram esta gíria vulgar.

Na primeira ocorrência, em T1E6 (Exemplo 17), *bitch* é usado pelo namorado de Issa, Lawrence. Nesta cena, ela imagina estar contando para ele que o traiu e

ele, conseqüentemente, fica furioso e agride a namorada. Considerando, assim, o contexto em que a gíria foi utilizada, é possível considerar apropriada a tradução. Vale ressaltar que, de acordo com o Aulete (2020), a palavra “vadia” é considerada pejorativa e significa “mulher de vida licenciosa, sem ser necessariamente prostituta”.

Na segunda ocorrência, em T1E8, a gíria *bitch* é usada por Chad, amigo de Lawrence, enquanto fala com seus amigos sobre mulheres e sexo em uma boate de *striptease*. Desta forma, acredita-se que a tradução de *bitch* por “vadia” é apropriada, considerando o contexto em que a gíria foi utilizada e o caráter pejorativo da palavra escolhida como tradução.

Exemplo 18

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E6	00:14:20	JARED: When I was 20, I kind of had a sexual experience like yours. MOLLY: What you mean? JARED: I messed around with a guy before. [...] MOLLY: What... kind of happened? JARED: He <u>went down on</u> me.	JARED: Aos 20 anos, tive uma experiência sexual como a sua. MOLLY: Como assim? JARED: Fiquei com um cara. [...] MOLLY: O que... aconteceu? JARED: Ele <u>fez sexo oral</u> em mim.

Quadro 19 – Exemplo 18

A expressão gíria encontrada no Exemplo 18, *went down on*, é uma forma conjugada no passado de *go down on* e, de acordo com o TFD (2019), é considerada vulgar e significa “realizar sexo oral em alguém”. Thorne (2014), além de apresentar o mesmo significado para esta expressão, afirma que ela pode ser usada tanto por homens quanto por mulheres e que, até o fim da década de 1960, era de uso predominante dos falantes do inglês americano.

A solução tradutória, “fez sexo oral”, expressa o mesmo sentido que a gíria na língua-fonte e, desta forma, pode ser considerada satisfatória, ainda que a escolha como tradução seja mais formal – se comparada com a expressão gíria na LF – e não expresse coloquialidade.

Exemplo 19

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E7	00:08:23	<p>MOLLY: Girl, did I just see two white families walking their dogs? Since when did Baldwin Hills get all gentrified? [...] MOLLY: Guess who I ran into. You remember Crystal? [...] ISSA: How's she doing, though? MOLLY: She good. She through <u>hoeing</u>. But she's in therapy, though.</p>	<p>MOLLY: Acabei de ver duas famílias brancas? Quando Baldwin Hills ficou tão chique? [...] MOLLY: Puxa! Adivinhe quem encontrei. Lembra-se de Crystal? [...] ISSA: -Como ela está? MOLLY: -Está bem. Não é <u>prostituta</u> mais. Mas faz terapia.</p>

Quadro 20 – Exemplo 19

No Exemplo 19, a gíria *hoeing* é uma forma verbal de *hoe* ou *ho*. Segundo Eble (1996), *hoe* é “[...] a pronúncia de *whore* com a queda da letra -r” [tradução nossa]¹⁸. Além disso, a autora afirma que esta gíria significa “mulher promíscua”. Thorne (2014), por sua vez, afirma que *ho* é uma variante de origem do sul dos Estados Unidos ou afro-caribenha e que se espalhou pelo vocabulário gírio usado no cenário do *hip-hop* e por *rappers*. Thorne (2014) também afirma que esta gíria pode significar “prostituta”, “mulher promíscua e/ou imoral”.

Nash e Ferreira (2008) apresentam “prostituta” como significado de *ho* e, de acordo com o Infopédia (2020), “prostituta” – que foi escolhido como tradução para *hoeing* no Exemplo 19 – significa “mulher que pratica atividades sexuais por dinheiro”. Como foi apontado no Capítulo 6, a gíria pode evoluir e assumir novos significados. Assim, vale citar que a principal definição apresentada pelo *Urban Dictionary* (2019) afirma que *hoeing* expressa a ideia de praticar atos sexuais obscenos por prazer. Logo, é possível apontar que “prostituta” talvez não seja a melhor opção de tradução, considerando que na língua portuguesa, “prostituta” é quem faz sexo por dinheiro e *hoeing*, na língua inglesa, pode ser usado para se referir a quem faz sexo por prazer.

No entanto, na língua portuguesa, não há um equivalente para a gíria *hoeing* que possa ser utilizado para se referir a uma mulher que faz sexo por prazer e que não seja pejorativo ou negativo. Desta forma, é possível apontar que o tradutor utilizou uma palavra na língua-meta – “prostituta” – que, apesar de ser pejorativa e

¹⁸ [...] the pronunciation of *whore* with the -r dropped. (EBLE, 1996).

poder levar o telespectador a interpretar mal o sentido que a gíria apresenta na LF, apresenta sentido semelhante ao da gíria *hoeing*.

Exemplo 20

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E8	00:15:54	TIFFANY: Of course these heifers are late. MOLLY: Who cares? They're probably at the crib passed out. [...] TIFFANY: I mean, you know how your <i>ratchet</i> friends are.	TIFFANY: -As vadias estão atrasadas. MOLLY: -E daí? Devem estar desmaiadas na cama. [...] TIFFANY: Você sabe como suas amigas são.

Quadro 21 – Exemplo 20

A gíria *ratchet*, de acordo com o TFD (2019) e o *Urban Dictionary* (2019), é um adjetivo usado para se referir a pessoas sem classe ou sem bom gosto. Neste caso (Exemplo 20), a gíria foi omitida da tradução. Uma das possíveis explicações para essa omissão pode ser a falta de espaço para traduzir tal gíria, considerando o fato mencionado em 4.1, de que há um limite de caracteres por linha, o qual pode até variar, mas sempre precisará ser respeitado.

Logo, com exceção de algumas ocorrências que foram traduzidas por palavras consideradas informais, como *motherfucker*, *asshole* e *dick*, que foram traduzidas por “cretino”, além de *fuck* por “transar” e *bitch* por “vadia”, é possível afirmar que a maior parte dos itens encontrados e analisados nesta categoria foram traduzidos por palavras comuns da língua portuguesa que expressam o mesmo sentido – ou similar – que os vocábulos gírios na LF. Conclui-se, então, que, além de terem sido traduzidas por vocábulos mais comuns da língua, as ocorrências foram suavizadas ou, em alguns casos, omitidas.

7.2 Gíria neutra

Antes de apresentar a análise das ocorrências encontradas para esta categoria, cabe ressaltar a definição apresentada em 6.1.3 para gíria neutra. Assim, os vocábulos gírios considerados neutros são os que não terão como função exaltar ou maldizer algo ou alguém, mas os que são usados como forma de “sinônimos”, ou

seja, para expressar, de maneira diferente, uma ideia que já possui palavras na língua capazes de expressar.

Exemplo 21

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:05:11	MOLLY: I never thought I'd end up with someone who wasn't black. You know? DIANE: Totally. Me and Jamal are always talking about how we're not each other's types, but I don't know, it works. MOLLY: Girl, Jamal is <u>fronting</u> . Niggas love Asians and Latinas and Indians and white chicks and mixed chicks.	MOLLY: Sempre achei que só ficaria com negros. Entende? DIANE: Sim. Jamal e eu sempre falamos... como não fazemos o tipo um do outro, mas demos certo. MOLLY: Jamal está <u>mentindo</u> . Negros adoram asiáticas, latinas... índias, brancas e mestiças.

Quadro 22 – Exemplo 21

No Exemplo 21, a gíria do inglês americano *fronting*, forma nominal do verbo *front*, foi traduzida por “mentindo”. De acordo com Eble (1996), *front* significa “mentir, fingir”. As definições encontradas no *Urban Dictionary* (2019) também apresentam o mesmo significado. Na língua inglesa, é possível encontrar verbos consagrados na língua e que possuem o mesmo significado da gíria, como, por exemplo, *pretend* e *fake*. (SOANES; STEVENSON, 2005).

Nesta cena, Molly e Diane – duas amigas que trabalham em um escritório de advocacia – estão falando sobre namorados. Ainda que elas estejam em um ambiente de trabalho, o qual exige um nível de fala mais formal, o assunto entre elas é pessoal. Assim, considerando que a gíria pode ser utilizada para reforçar laços, presume-se, então, que a escolha do falante por uma gíria no lugar de uma palavra do vocabulário padrão seja para tornar a conversa mais informal e mais íntima.

Considerando que a gíria foi traduzida por “mentindo”, forma nominal do verbo mentir – que significa “dizer o que não é verdade”, “enganar” (DPLP, 2020) –, é possível afirmar que mais uma vez foi escolhida como tradução para gíria uma palavra da língua padrão, o que não é uma má escolha, levando em conta que a escolha tradutória reflete a ideia apresentada pela gíria na língua-fonte.

Exemplo 22

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:26:49	ISSA: Bitch, you still mad? MOLLY: Bitch, you still <u>trippin'</u> ?	ISSA: -Ainda está zangada? MOLLY: -Ainda está <u>falando nisso</u> ?

Quadro 23 – Exemplo 22

Exemplo 23

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E7	00:19:31	ISSA: Girl, you all right? MOLLY: I'd be better if they'd stop pouring these weak-ass drinks. ISSA: Okay, what the fuck is up? MOLLY: Nothing. I'm just... over this day. ISSA: It's not nothing 'cause you were rude as hell to Justin back there. And I have to work with him. Why you <u>tripping</u> ? MOLLY: So I'm <u>tripping</u> ?	ISSA: Você está bem? MOLLY: Estaria melhor se os drinques fossem mais fortes. ISSA: O que está acontecendo? MOLLY: Nada. Só estou... cansada deste dia. ISSA: Não é nada. Você foi rude com Justin. Eu trabalho com ele. Por que a <u>grosseria</u> ? MOLLY: Eu fui <u>grossa</u> ?

Quadro 24 – Exemplo 23

É necessário apontar, em princípio, que, de acordo com Green (2002 apud OLIVEIRA, 2018), em alguns casos ocorre a substituição da letra “g” pelo apóstrofo em palavras da língua inglesa com terminação “-ing”. Desta forma, é possível indicar que *trippin'*, no Exemplo 22, é o mesmo que *tripping*, conforme aparece no Exemplo 23.

De acordo com o *Urban Dictionary* (2019), a gíria *trippin'* pode ser usada para se referir a exagerar, a agir de forma estranha, a dar importância demais a algo ou a fazer de uma situação simples um problema. Dalzell (2008) indica que *trip*, forma do verbo no infinitivo, pode significar “enfurecer-se”, “perder o controle por causa da raiva” e “insultar”.

No Exemplo 22, *trippin'* foi traduzido por “falando nisso”. A gíria foi utilizada por Molly em uma cena em que Issa a encontra após uma briga e pergunta se ela ainda está chateada. Considerando que o *Urban Dictionary* (2019) indica que *trippin'* pode exprimir a ideia de dar muita importância a algo, é possível concluir que a tradução é apropriada devido ao significado apresentado pela gíria no original.

Há duas ocorrências no Exemplo 23. Na primeira, a gíria *tripping* foi traduzida por “grosseria” e, na segunda, por “grossa”. Essas escolhas tradutórias podem ser explicadas pelo fato de que Issa menciona que Molly estava sendo rude antes de usar *tripping* para se referir à forma como Molly estava agindo. No entanto, a

definição apresentada por Dalzell (2008) acerca desta gíria também pode explicar tal escolha tradutória.

Levando em conta que os vocábulos gírios que se enquadram nesta categoria têm como intuito expressar uma ideia que outra ou outras palavras de uma língua seriam capazes de exprimir, na primeira ocorrência (Exemplo 22) é possível observar uma gíria – *trippin'* – que pode ser usada para se referir a “falar sobre algo repetidamente”. No entanto, na segunda e terceira ocorrências (Exemplo 23), a gíria *tripping* pode expressar a ideia de “exagerar” ou de “agir de forma estranha”.

Exemplo 24

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:00:35	MOLLY: Wait a minute. So you're trying to tell me you went all the way to Daniel's house and nothing happened? Like, at all? ISSA: I didn't even go inside. MOLLY: Hold the fuck up! You got on stage and went all Dej Nope about my broken pussy for nothing? Like, all that drama for zero dick? Bitch, you <i>buggin'</i> .	MOLLY: Espere. Você está me dizendo que foi à casa de Daniel... e nada aconteceu? Nada mesmo? ISSA: Nem entrei. MOLLY: Que diabo! Você cantou sobre minha vagina quebrada por nada? Aquele drama todo e nem transou? Você é <u>louca</u> .

Quadro 25 – Exemplo 24

No Exemplo 24, é possível observar que a gíria *buggin'* foi traduzida por “louca”. De acordo com Dalzell (2008), esta é uma gíria adjetiva do inglês americano que significa “louco ou louca”. Segundo o *Urban Dictionary* (2019), este vocábulo gírio pode apresentar sentido de agir de forma ridícula ou insana. Logo, considerando que, no inglês padrão, as palavras *crazy*, *insane* e *mad* são capazes de expressar o mesmo sentido que *buggin'*, fica claro como essa gíria se enquadra na categoria de gíria neutra.

Vale ressaltar que a escolha de “louca” como tradução para *buggin'*, assim como tem acontecido com outros vocábulos gírios, reflete a preferência por vocábulos padrão da língua, palavras mais formais, que apresentam sentido similar ao da gíria na LF.

Exemplo 25

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E3	00:07:55	MOLLY: All right, so Jared is coming through tonight. ISSA: Rent-a-Boo is coming? MOLLY: Why you <u>clowning</u> just 'cause he work at Enterprise? ISSA: -I'm sorry.	MOLLY: Jared vai lá em casa hoje. ISSA: O namorado de aluguel? MOLLY: Só porque ele trabalha na Enterprise? ISSA: -Desculpe.

Quadro 26 – Exemplo 25

Exemplo 26

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E3	00:20:27	ISSA (RAPPING): Bitch, you ain't my friend just 'cause you brown. Oh, shit went well, so now you wanna be down? I overheard your ass on the bus trying to <u>clown</u> . Get the fuck outta here or bow the fuck down.	ISSA (RIMANDO): Vadia, não somos amigas só porque é marrom. Agradei a todos e agora tudo foi bom? Ouvi no ônibus o seu tom. Saia do meu caminho, ou reconheça que não tem dom.

Quadro 27 – Exemplo 26

De acordo com as principais definições presentes no *Urban Dictionary* (2019), é possível afirmar que *clowning* é uma gíria usada para expressar a ideia de “fazer piada de alguém”. No Exemplo 25 e no Exemplo 26, além de apresentarem o mesmo significado, as duas ocorrências foram omitidas da tradução.

Na primeira ocorrência (Exemplo 25), *clowning*, a gíria está na forma nominal, no gerúndio. Apesar de não haver razões claras que indiquem o motivo de sua omissão, é possível considerar o fato de que marcas informais tendem a ser omitidas dos textos das legendas, conforme mencionado no Exemplo 11. Na segunda ocorrência (Exemplo 26), no entanto, a gíria *clown* – verbo na forma infinitiva – pode ter sido omitida pelo contexto em que está inserida. Considerando que a pessoa responsável pela tradução observou que a personagem Issa estava fazendo uma rima, é provável que a tentativa de manter uma rima entre os versos tenha levado o tradutor a omitir a gíria.

Exemplo 27

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E6	00:18:42	ACTOR1: Nigga! Why hast thou forsaken me? [...] ACTOR1: You only got yourself to blame. I can't fucks with you no more. ACTOR2: You can't just <u>bounce</u> !	ATOR 1: Amigo! Por que me abandonou? [...] ATOR 1: Você é o único culpado. Não posso lidar mais com você. ATOR 2: Não pode <u>ir embora</u> .

Quadro 28 – Exemplo 27

No Exemplo 27, há uma ocorrência da gíria *bounce*. De acordo com Dalzell (2008) – que afirma que esta é uma gíria do inglês americano – e com Thorne (2014), esta gíria significa “partir”. É possível apontar que esta gíria neutra serve como sinônimo para *leave*, *go*, *exit* e *walk away*.

A expressão “ir embora” como tradução de *bounce* é adequada e, ainda que não seja uma expressão informal, exprime com totalidade o sentido da expressão gíria na LF.

Exemplo 28

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E3	00:07:55	MOLLY: All right, so Jared is coming through tonight. [...] MOLLY: I just need for you to just gauge to see if he's giving me friend vibes or fuck vibes. ISSA: You can't tell? MOLLY: No. Sometimes Jared is <u>hella</u> dodgy.	MOLLY: Jared vai lá em casa hoje. [...] MOLLY: Quero que você me diga se ele só quer ser amigo... -ou amante. ISSA: -Você não sabe? MOLLY: Não. Às vezes, Jared é escorregadio.
T1E8	00:14:24	ISSA: So, you and Molly really went in last night? KELLI: Yeah, but my ass ended up facedown on my bed alone... drawers still on. I mean, I bought that little boy <u>hella</u> drinks last night. Men these days are <u>hella</u> trifling.	ISSA: Você e Molly se deram bem ontem. KELLI: Sim, mas acabei de bruços sozinha na minha cama... e de calcinha. Paguei <u>tantos</u> drinques para aquele cara ontem. Hoje em dia, os homens são uns aproveitadores.

Quadro 29 – Exemplo 28

No Exemplo 28, a gíria *hella* aparece em três ocorrências diferentes. De acordo com o *Urban Dictionary* (2019), *hella* é uma gíria utilizada por falantes da língua inglesa como sinônimo para *really* e *very*. O TFD (2019) apresenta este

vocábulo gírio como um advérbio que pode significar “muito” e “extremamente”. Assim como o TFD (2019), Dalzell (2008) aponta que essa gíria é um advérbio de intensidade que significa “extremamente”.

Na primeira ocorrência – em T1E3 – e na terceira ocorrência – em T1E8 –, apresentadas no Quadro 29, *hella* foi omitido na tradução. No entanto, na segunda ocorrência – em T1E8 –, foi traduzido por “tantos” – plural de “tanto”, que pode significar “em tão alto grau” ou “em tão grande quantidade” (AULETE, 2020; INFOPÉDIA, 2020) –, um advérbio da língua portuguesa. Desta forma, é possível afirmar que a gíria foi traduzida adequadamente, pois o sentido da escolha tradutória condiz com aquele apresentado pela gíria no original.

De acordo com os exemplos analisados nesta categoria, é possível afirmar que todas as ocorrências, quando não omitidas, foram traduzidas por vocábulos ou expressões do português padrão, o que é uma consequência da passagem da língua falada para a língua escrita. (CIEGLINSKI, 2018). Vale ressaltar que, ainda que as escolhas tradutórias expressem o sentido apresentado pelos vocábulos gírios na LF, a ausência deles no texto final torna o discurso menos informal, o que pode contribuir para a descaracterização de um personagem, por exemplo. No entanto, é importante ressaltar que não foram observadas descaracterizações decorrentes das traduções apresentadas.

Sendo assim, vale ressaltar que a omissão ou neutralização da gíria no texto traduzido pode até ser uma determinação que tem como objetivo a padronização do discurso; no entanto, o modo de falar de cada pessoa reflete, principalmente, a cultura dela. Sendo assim, omitir partes desse discurso pode significar o mesmo que eliminar partes da identidade dessa pessoa.

7.3 Gíria positiva

Nesta seção, serão apresentadas as análises dos itens que se enquadram na categoria de gíria positiva. Desta forma, conforme definido em 6.1.3, será compreendido como gíria positiva todo vocábulo gírio que serve para reafirmar a participação de um indivíduo em determinado grupo e que serve para elogiar ou bendizer algo, alguém ou alguma ação. Portanto, todo vocábulo gírio que será

analisado aqui apresentará, em sua língua-fonte – o inglês –, definição que apresente tal finalidade.

Exemplo 29

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:03:38	ISSA (RAPPING): Oh, look, nigga. Guess you're still single. Couldn't find another bitch to make your toes tingle. <u>Hot shit.</u>	ISSA (RIMANDO): Veja, negro. Ainda é solteiro. Não achou outra vadia Que o balançasse. <u>Que porcaria.</u>

Quadro 30 – Exemplo 29

No Exemplo 29, a expressão gíria *hot shit* foi traduzida por “que porcaria”. Segundo Dalzell (2008), essa expressão apresenta sentido de “alguma coisa ou alguém excepcionalmente bom”. O dicionário *on-line* TFD (2019) diz que esta é uma gíria rude que significa algo muito importante e especial. De acordo com Thorne (2014), esta gíria pode ser tanto um substantivo quanto um adjetivo. Além disso, o autor afirma que ela é utilizada desde o início do século XX nos Estados Unidos e pode ser usada para se referir a algo impressionante e excelente.

Diante das definições apresentadas acima, é possível afirmar que a tradução não condiz com o significado apresentado pela gíria na língua-fonte. Por outro lado, vale citar que a gíria *shit*, conforme apontado sobre as ocorrências apresentadas no Quadro 16, pode apresentar sentidos negativos. Além disso, na tradução – “que porcaria” – “que” é um advérbio usado para dar intensidade e “porcaria” é um adjetivo considerado informal que expressa a ideia de “coisa sem qualidade, sem importância ou sem utilidade”. (DPLP, 2020). Desta forma, ainda que não seja possível afirmar o que levou exatamente o profissional responsável pela tradução a fazer tal escolha, pois, conforme explicado no início deste capítulo, as motivações tradutórias podem ser inúmeras, supõe-se que tal tradução tenha sido resultado de má interpretação da gíria em sua LF. Logo, é possível afirmar que a palavra “incrível” seria uma escolha tradutória que expressaria o sentido de *hot shit* no original.

Exemplo 30

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:16:07	MOLLY: Issa, why are we in 1997 Inglewood? ISSA: Bitch, I don't know. I've never been here before. But I've heard really good things. MOLLY: <u>Nigga</u> , from who, your middle-school Crips?	MOLLY: Issa, por que estamos em Inglewood de 1997? ISSA: Eu não sabia. Nunca vim aqui. Mas ouvi elogios. MOLLY: Dos seus amigos da escola?
T1E2	00:23:18	ISSA (SPEAKING TO THE MIRROR): So, I'm home. You still the same <u>nigga</u> ? "Yep, but who else you gonna be with?" ¹ I got options, <u>nigga</u> . I got options.	ISSA (FALANDO COM O ESPELHO): Estou em casa. -Você ainda é o mesmo? -"Sou. Com quem você ficaria?" ¹ Tenho opções, <u>cara</u> . Várias.
T1E6	00:09:50	MOLLY: Yo, you know what? Chrissy Teigan has a dope-ass cookbook. [...] ISSA: So, what happened with The League? MOLLY: Girl, I'm over them <u>niggas</u> . Like, they look good on paper, but they on some bullshit.	MOLLY: Sabe de uma coisa? Chrissy Teigan tem um livro de receitas ótimo. [...] ISSA: E o The League? MOLLY: Cansei daqueles <u>homens</u> . São ótimos no app, mas gostam de enrolar.

¹ Neste caso, as aspas estão sendo utilizadas para indicar uma suposta "resposta", considerando que a personagem Issa está falando com o seu reflexo no espelho como se fosse seu namorado, Lawrence.

Quadro 31 – Exemplo 30

Exemplo 31

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:03:38	ISSA (RAPPING): Oh, look, <u>nigga</u> . Guess you're still single. Couldn't find another bitch to make your toes tingle. Hot shit.	ISSA (RIMANDO): Veja, <u>negro</u> . Ainda é solteiro. Não achou outra vadia que o balançasse. Que porcaria.
T1E2	00:06:26	MOLLY: There's this one app called The League. It's for elite dating. Like, girl, you gotta be a professional just to get in. I mean, I've been on, like, a three-month waiting list. ISSA: Three months? To meet one <u>nigga</u> ? Yeah, this is... a lot.	MOLLY: Um app chamado The League é só para a elite. Você tem de ser expert só para entrar. Estou na lista de espera há três meses. ISSA: Três meses? Para conhecer um <u>negro</u> ? Isso é muito... tempo.

Quadro 32 – Exemplo 31

A gíria *nigga* foi uma das mais utilizadas ao longo da primeira temporada de *Insecure*. Com mais de 60 ocorrências, é possível observar este vocábulo gírio em diversos contextos com diferentes significados. Desta forma, cabe apresentar as

possíveis definições que essa gíria apresenta a fim de entender melhor seu significado e seus usos na língua-fonte.

Segundo o OED (2019), *nigga* é uma forma de *nigger*, que é utilizado principalmente por afro-americanos para se referirem a uma pessoa ou amigo de qualquer cor. O OED (2019) afirma também que esta é uma gíria que pode ser utilizada entre pessoas pretas com sentido de “amigo próximo”, “camarada”, “namorado ou namorada” e “cônjuge”, o que contribui para reforçar a intimidade entre quem fala e com quem se fala.

De acordo com Thorne (2014), a cultura do *hip-hop* é responsável por criar uma boa parte do léxico gírio existente na língua inglesa e *nigga* é uma gíria que nasceu dentro deste grupo. O autor afirma que *nigger* – forma original de *nigga* segundo o OED (2019) – significa “uma pessoa preta” e declara que esta gíria vem sendo usada desde o final do século XVII. Dalzell (2008), por sua vez, apresenta o mesmo significado que Thorne (2014); no entanto, aponta que *nigga* é uma “pronuncia errada” de *nigger* criada propositalmente por pessoas pretas para uso próprio.

Uma característica em comum sobre esta gíria que o TFD (2019), o OED (2019), Thorne (2014) e Dalzell (2008) apontam é que ela é considerada extremamente ofensiva se utilizada por uma pessoa branca. O dicionário *on-line Merriam-webster* (2019) afirma:

Desde o final do século 20, no entanto, as duas formas [*nigga* e *nigger*] divergem em uso entre alguns afro-americanos, com *nigga* tornando-se o termo preferido para utilizações positivas e neutras de autorreferência, como as associadas ao mundo do hip-hop. [...] o uso de *nigga* por uma pessoa que não é preta – em qualquer contexto – é considerado altamente ofensivo. (MERRIAM-WEBSTER, 2019). [tradução nossa]¹⁹ [destaques nossos].

O *DICTIONARY.COM* (2019), além de afirmar que *nigga* pode ser usado como chamamento entre pessoas pretas, declara:

¹⁹ Since the late 20th century, however, the two forms have been diverging in use among some African Americans, with *nigga* becoming the preferred term for neutral and positive self-referential uses, such as those associated with the world of hip-hop. [...] the use of *nigga* by a person who is not black—in any context—is considered highly offensive. (MERRIAM-WEBSTER, 2019).

[...] o sentido ao se referir a uma “pessoa preta” é às vezes usado de forma autorreferencial entre afro-americanos de maneira neutra ou familiar. O sentido ao se referir a outras vítimas de preconceito, especialmente quando usada descritivamente, como forma de denunciar esse preconceito, não é comumente considerado depreciativo, [...] mas os outros usos são considerados depreciativos e hostis. (DICTIONARY.COM, 2019). [tradução nossa]²⁰.

Desta forma, com todas as definições e observações importantes acerca desta gíria, é possível analisar as traduções realizadas. No Exemplo 30, há quatro ocorrências de três cenas diferentes. No Exemplo 31, há duas ocorrências de duas cenas diferentes. O intuito de utilizar ocorrências de diferentes cenas é observar como cada uma delas foi traduzida diante do contexto em que estão sendo utilizadas. No entanto, antes de apresentar a análise, vale ressaltar que não há no português um equivalente exato para *nigga*.

No Exemplo 30, tanto a primeira ocorrência – em T1E1 – quanto a segunda ocorrência – em T1E2 – foram omitidas. Na primeira, presente em T1E1, a personagem Molly usa a gíria para se referir a Issa. Como poucos dicionários deixam claro que *nigga* pode ser uma forma de tratamento para pessoas pretas de ambos os sexos, pressupõe-se que isto tenha levado o tradutor a omitir a palavra na tradução. Por outro lado, vale ressaltar que, segundo Álvarez (2011), recomenda-se que, quando possível, vocativos sejam omitidos na legenda para economizar espaço, o que também pode ser o motivo pelo qual esta ocorrência foi deixada de lado da tradução em T1E1 e em T1E2.

Na segunda ocorrência do Exemplo 30, presente em T1E2, Issa está simulando uma conversa e fala com seu reflexo no espelho. Neste caso, a gíria pode ter sido omitida por algumas razões, como a constante neutralização de traços informais na legenda e a omissão de palavras que não afetam o sentido para economia de espaço devido ao limite de caracteres por linha.

A terceira ocorrência de *nigga* – presente em T1E2 – foi traduzida por “cara”. De acordo com o DPLP (2020), “cara” é uma “forma de tratamento usada como vocativo” e é considerada informal e de uso específico no Brasil. Levando em conta que *nigga* é utilizado entre pessoas pretas como reafirmação de laços e como

²⁰ [...] the sense referring to a “black person” is sometimes used self-referentially among African Americans in a neutral or familiar way. The sense referring to other victims of prejudice, especially when used descriptively, as to denounce that prejudice, is not normally considered disparaging [...] but the other uses are considered contemptuous and hostile. (DICTIONARY.COM, 2019).

chamamento, é possível afirmar que a escolha tradutória, “cara”, ainda que não apresente características indicadoras de uso exclusivo de um grupo, é um chamamento informal próprio do Brasil, ou seja, pode ser reconhecida facilmente pelo telespectador sem estranheza.

Considerando que o OED (2019) afirma que *nigga* pode ser utilizado por pessoas pretas para se referir a uma pessoa independentemente da cor de sua pele, é possível considerar que a tradução desta gíria por “homens” (Exemplo 30) é adequada. Nesta cena – T1E6 (Exemplo 30) –, Issa pergunta sobre o *The League*, aplicativo pago de relacionamentos de que Molly estava feliz por fazer parte, e recebe como resposta que os homens do aplicativo não são o que aparentam ser. A tradução, “homens”, é um vocábulo da língua padrão e condiz com o significado que a gíria *nigga* apresenta na LF.

No Exemplo 31, as duas ocorrências de *nigga* foram traduzidas pela palavra “negro”. Antes de avaliar as traduções, é importante ressaltar algumas definições apresentadas por dicionários da língua portuguesa para que seja possível compreender o que pode ter levado o tradutor a fazer tal escolha.

De acordo com o Aulete (2020), “negro” pode significar “a cor do carvão, do piche, do ébano”, “escuridão; trevas”, “horrendo, execrável, maldito, pavoroso” e “que anuncia infortúnios; infausto; adverso, funesto”, sendo que as duas últimas definições apresentam sentido pejorativo.

O dicionário *on-line* DPLP (2020), por sua vez, apresenta as seguintes definições para “negro”:

1. Que recebe a luz e não a reflete; que tem a cor do alcatrão (ex.: cor negra; gato negro). = PRETO;
2. Que apresenta uma cor muito escura (ex.: nuvens negras). = ESCURO, SOMBRIO ≠ CLARO;
3. Que tem cor escura provocada por sujidade (ex.: tem as mãos negras por andar a mexer na terra);
4. [Figurado] Que demonstra ou aparenta tristeza (ex.: negro estado de espírito). = LÚGUBRE, SOMBRIO, TRISTE ≠ ALEGRE, FELIZ, FESTIVO;
5. [Figurado] Que contém em si desgraça ou infortúnio (ex.: tinha um destino negro pela frente; viveu momentos negros na sua vida). = DESGRAÇADO, FUNESTO, INFELIZ, NEFANDO, SINISTRO ≠ FAVORÁVEL, FELIZ, PROPÍCIO. (DPLP, 2020).

Além desses significados, o DPLP (2020) também apresenta “negrura, escuridão”, “indivíduo de pele muito escura” e “escravo de pele escura” como definições para “negro”, e aponta que a última é uma definição de uso antigo. Desta

forma, diante de todas essas possibilidades de significados, é possível afirmar que grande parte delas possui caráter negativo.

Conforme citado anteriormente, não há na língua portuguesa um equivalente para *nigga*, considerando que é uma recriação de um vocábulo anteriormente utilizado para ofender uma pessoa preta – *nigger* – com intuito de ser utilizado como forma de reafirmação. Logo, “negro” seria o equivalente de *nigger* e não de *nigga*.

Ainda que a palavra “negro” seja normalmente utilizada pelos falantes da língua portuguesa, esta não possui conotações positivas; no entanto, pessoas pretas também usam a palavra “negro” para se referir a outras pessoas pretas, o que pode representar uma ressignificação da palavra como forma de reafirmação, assim como *nigga*. Com isso em mente, acredita-se que, ainda que a palavra “negro” não apresente definições positivas no dicionário, o uso desta pode representar a atribuição de um novo – e positivo – significado para a palavra, o que permitiria considerar a tradução correta.

No entanto, em T1E1 (Exemplo 31), a gíria *nigga* no original está sendo utilizada como vocativo e foi traduzida por “negro”, que também apareceu na mesma forma. Sendo assim, é possível apontar que, neste caso, a tradução é inadequada, uma vez que os dicionários de língua portuguesa não apontam que “negro” é ou pode ser utilizado como vocativo e, além disso, a utilização deste vocábulo nesta forma pode trazer uma carga estigmatizante para a palavra. Assim como em T1E2 do Exemplo 30, esta ocorrência poderia ter sido traduzida por “cara”, que é uma “forma de tratamento usada como vocativo”. (DPLP, 2020).

Além disso, o contexto da fala em que a ocorrência de *nigga* em T1E2 (Exemplo 31) aparece permite apontar que a tradução por “negro” também é inadequada, uma vez que Issa e Molly estão conversando sobre um aplicativo de relacionamentos – *The League* – que não se restringe ao uso por pessoas pretas, mas pode ser utilizado por pessoas de qualquer cor de pele. Logo, é possível indicar que esta ocorrência de *nigga* também poderia ter sido traduzida por “cara”, considerando que o Aulete (2020) diz que “cara” pode ser considerado uma gíria no português do Brasil quando utilizado para se referir a um homem ou uma mulher de quem não se sabe o nome, ou seja, uma pessoa indefinida.

Exemplo 32

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E1	00:08:25	<p>ISSA: No, seriously. I'm starting to resent him. Like, I spent my entire 20s with a dude that I'm not even gonna end up with.</p> <p>MOLLY: Well, I mean, you're still 29. You got one more year.</p> <p>ISSA: <u>Bitch</u>, you're right.</p> <p>[...]</p> <p>ISSA: I'm breaking up with him tonight.</p> <p>MOLLY: <u>Bitch</u>, no, you're not.</p> <p>ISSA: Yeah, you're right I'm not.</p>	<p>ISSA: Sério. Estou cansando dele. Passei meus 20 anos... com um cara com quem não me casarei.</p> <p>MOLLY: Mas você tem 29 anos. Tem mais um ano.</p> <p>ISSA: -Você tem razão.</p> <p>[...]</p> <p>ISSA: -Vou terminar com ele hoje.</p> <p>MOLLY: -Não vai.</p> <p>ISSA: -Não vou.</p>
T1E1	00:16:07	<p>MOLLY: Issa, why are we in 1997 Inglewood?</p> <p>ISSA: <u>Bitch</u>, I don't know. I've never been here before. But I've heard really good things.</p>	<p>MOLLY: Issa, por que estamos em Inglewood de 1997?</p> <p>ISSA: Eu não sabia. Nunca vim aqui. Mas ouvi elogios.</p>

Quadro 33 – Exemplo 32

Exemplo 33

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:07:45	<p>ISSA (RAPPING): Do you know who you are? You the bossiest <u>bitch</u>. You a grown-ass woman like Solange's sis.</p> <p>You gonna take control like Janet, or lose control like Missy?</p> <p>The decision is yours... boss up or be a pussy.</p>	<p>ISSA (RIMANDO): Sabe quem você é? A <u>vadia</u> mais mandona. Uma mulher adulta como a irmã de Solange.</p> <p>Vai mandar como Janet ou se perder como Missy?</p> <p>A decisão é sua, assuma ou seja uma covarde.</p>
T1E6	00:22:27	<p>MOLLY: Fuck! I really liked him. I mean, why'd he have to tell me? I'm such a fucking mess.</p> <p>ISSA: I fucked Daniel.</p> <p>MOLLY: <u>Bitch</u>, you did what? Are you okay?</p> <p>You gonna do it again?</p>	<p>MOLLY: Droga! Eu gostava dele. Por que ele tinha de me contar? Estou muito chateada.</p> <p>ISSA: Transei com Daniel.</p> <p>MOLLY: <u>Vadia</u>, o que fez? Você está bem?</p> <p>Vai repetir a dose?</p>
T1E8	00:20:33	<p>KELLI: So, we just... we just all gonna sit here and pretend new Molly ain't the same <u>bitch</u> that we've known for forever?</p>	<p>KELLI: Vamos... ficar aqui... e fingir que a nova Molly não é a mesma <u>bruxa</u>... que conhecemos há anos?</p>

Quadro 34 – Exemplo 33

Outra gíria com significado bastante complicado de se definir na língua inglesa é *bitch*. Levando em consideração seu histórico funcional na língua, é possível ver que este vocábulo gírio foi ganhando novos significados com o passar dos anos; no entanto, nem todas as pessoas acompanharam esta evolução.

Vale ressaltar que, conforme mencionado em 6.1.3, uma gíria pode se enquadrar em diversas categorias, isto porque a gíria é considerada polissêmica e, dependendo do contexto em que está inserida, pode apresentar diferentes significados. Sendo assim, é possível indicar *bitch* como um exemplo que confirma esta declaração, uma vez que já foi apresentada no Exemplo 17 como gíria depreciativa e, a seguir, será apresentada nesta categoria como gíria positiva.

Diferente de *nigga* – que nasceu por meio de uma modificação morfológica, fonológica e semântica –, *bitch* continua apresentando a mesma grafia e pronúncia, porém ganhou um novo significado. Segundo o *YourDictionary* (2019), esta gíria, a partir do século XX, passou a apresentar sentido de “amiga” e é considerada coloquial.

De acordo com Triska (2013), a partir de 1925 surgiram inúmeras ocorrências da palavra *bitch* em artigos e livros com sentido depreciativo para se referir a uma mulher ou a mulheres, no geral. No entanto, a autora afirma que foi na década de 1960 que a palavra começou a ser reivindicada pelas mulheres. A partir de então, feministas têm lutado para dar uma conotação mais positiva para a gíria *bitch* e buscam fazer com que ela signifique “uma mulher forte e assertiva”.

Triska (2013) afirma que essa busca para dar um novo sentido para *bitch* não fez com que a palavra deixasse de ser utilizada de forma negativa. Além disso, a autora afirma que não há possibilidade de essa palavra ser usada positivamente por um homem em relação a uma mulher. Desta forma, é possível explicar o motivo de a gíria *bitch* poder encaixar-se em mais de uma categoria. Além disso, as ocorrências apresentadas no Exemplo 17 foram utilizadas por personagens homens, o que explica a tradução de *bitch* por “vadia”.

No Exemplo 22, as três ocorrências de *bitch* foram utilizadas como vocativo e, conseqüentemente, foram omitidas na tradução. Isto ocorre porque, segundo Álvarez (2011), os vocativos devem ser omitidos para economizar espaço na legenda sempre que possível. No Exemplo 33, há três diferentes ocorrências em que a gíria é utilizada por mulheres em contextos distintos. A ocorrência presente em T1E2 e aquela presente em T1E6 foram traduzidas por “vadia”; no entanto, a ocorrência em T1E8 foi traduzida por “bruxa”.

No que diz respeito ao significado da palavra “vadia”, o DPLP (2020) define-a como “mulher que se comporta de modo considerado devasso ou imoral”. O dicionário *on-line* Aulete (2020), por sua vez, indica que esta palavra tem sentido

pejorativo e significa “mulher de vida licenciosa, sem ser necessariamente prostituta”. Segundo o Infopédia (2020), “vadia” significa “mulher que leva uma vida devassa; vagabunda”.

Quanto ao significado da palavra “bruxa”, o Aulete (2020) afirma que esta palavra pejorativa pode ser usada para se referir a uma mulher com comportamento considerado desagradável.

Considerando, então, que a tradução apresenta sentido negativo e que esta gíria, na LF, tem sido utilizada por mulheres com o intuito de trazer um novo e positivo significado a ela, presume-se que a escolha tradutória não confere a mensagem que o original deseja.

Exemplo 34

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:18:46	<p>THUG YODA: Hey, something up? [...] THUG YODA: Talk to me, <u>blood</u>. Me and Nala was just about to go watch the “Bare Bears.” [...] THUG YODA: Yeah, a nigga’s stuck. You ain’t working, you ain’t providing. Shit, you probably ain’t even putting it down. [...] THUG YODA: Anyway, bling your shit up, <u>blood</u>.</p>	<p>THUG YODA: O que houve? [...] THUG YODA: Desabafe. Eu e Nala íamos ver os Ursinhos “Barinhosos”. [...] THUG YODA: Você estagnou. Não trabalha, não se sustenta. Talvez nem transe. [...] THUG YODA: Lute pelo que é seu, <u>mano</u>.</p>

Quadro 35 – Exemplo 34

No Exemplo 34, é possível observar duas ocorrências da gíria *blood*, e ambas estão sendo usadas como vocativo. Na primeira ocorrência, a gíria foi omitida na tradução, o que é compreensível, considerando que chamamentos são comumente suprimidos da legenda – quando a ausência deles não prejudica o sentido da mensagem – para economizar espaço.

Por outro lado, a segunda ocorrência foi traduzida por “mano”, uma palavra que significa “irmão” – no Brasil –, “muito amigo, íntimo”, “camarada, colega”. (AULETE, 2020). De acordo com Eble (1996), Dalzell (2008) e o TFD (2019), *blood* é uma gíria usada para se dirigir a ou abordar uma pessoa preta. Thorne (2014), por sua vez, afirma que *blood* é um termo afetoso utilizado por homens pretos para se referir a amigos homens.

Sendo assim, é possível afirmar que a tradução de *blood* por “mano” é conveniente, pois, ainda que a escolha tradutória não expresse com totalidade o sentido da gíria na LF, considerando que “mano” pode ser compreendida por qualquer falante da língua portuguesa e que *blood* é utilizada especificadamente por pessoas pretas para se referir a pessoas pretas, “mano” traz o sentido de informalidade que é capaz de expressar intimidade, de certa forma.

Exemplo 35

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E5	00:12:51	MAN 1: Hey, that was <u>hot</u> . MAN 2: I fucks with it. MAN 3: Heavy. Heavy!	HOMEM 1: Foi <u>demais!</u> HOMEM 2: Eu arrebentei. HOMEM 3: Muito!

Quadro 36 – Exemplo 35

A gíria *hot* é comumente utilizada na língua inglesa e pode apresentar diversos significados. De acordo com Thorne (2014), essa gíria apresenta sentido de “emocionante” e “na moda”. Nash e Ferreira (2008) afirmam que *hot* pode ser usado para indicar que algo ou alguém é “popular, cobiçado, na moda”. Dalzell (2008), por sua vez, diz que essa gíria pode ser utilizada para afirmar que algo é excelente, principalmente ao descrever uma canção ou músicos que geram emoção.

Nesta cena, os três homens não identificados estão em um estúdio com o personagem Daniel gravando e produzindo uma canção e as legendas apresentadas no Quadro 36 ilustram os comentários feitos por eles.

A gíria *hot*, que foi utilizada para descrever a canção que estava sendo gravada e produzida, foi traduzida por “demais”, um advérbio utilizado para expressar a ideia de intensidade, de excesso. (AULETE, 2020). Logo, considerando as definições apresentadas acerca da gíria, a tradução pode ser considerada adequada, uma vez que expressa a ideia original do vocábulo.

Nesta seção, foi possível observar que a gíria pode apresentar diversos significados, dependendo do contexto em que está inserida. Logo, em alguns casos, como no Exemplo 29 e no Exemplo 33, ocorreram situações em que a tradução não condiz com a intenção da gíria na LF e expressa sentido oposto; no entanto, em outros casos, como a segunda ocorrência do Exemplo 34 e a ocorrência do Exemplo 35, a tradução trouxe a ideia da gíria no original para a LM. No entanto, é importante

ressaltar que a tradução inadequada desse tipo de vocábulo pode não só prejudicar o entendimento da obra original por parte de um telespectador sem conhecimento da LF, mas também gerar certa estranheza no telespectador que conhece a LF. Desta forma, vale ressaltar que há grande necessidade de pesquisa e conhecimento cultural por parte do tradutor ao lidar com uma obra que apresenta aspectos tão característicos e importantes para o seu entendimento.

7.4 Gíria expletiva

Por fim, serão apresentados os vocábulos da última categoria criada por Santos (2014), a de gíria expletiva. De acordo com a definição apresentada em 6.1.3 acerca desta categoria, a gíria que será analisada nesta seção pode ser neutra, pode ser depreciativa e pode ser positiva. Isto porque o sentido que ela expressa depende do contexto em que está sendo utilizada, ou seja, é a intenção do falante da gíria expletiva que vai definir o seu significado.

Exemplo 36

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:02:33	LAWRENCE: Hey, who all is there? CHAD: Fast Mike and Brandon. Where you at? LAWRENCE: Man, Pasadena is far <u>as fuck</u> . [...] CHAD: Aw, shit is up right now, money. I sold a house to Tiger earlier, man. I was starstruck, tap dancing for his ass and shit. That nigga swole <u>as fuck</u> . Commission was crazy.	LAWRENCE: Quem está aí? CHAD: Mike Ligeiro e Brandon. Onde está você? LAWRENCE: Pasadena é <u>muito</u> longe. [...] CHAD: Ganhei uma bolada. Vendi uma casa para Tiger. Até sapatee para ele. Ele tem <u>muita</u> grana, bela comissão.
T1E6	00:03:43	LAWRENCE: Babe, my teeth feel clean <u>as fuck</u> . These new floss things, they really get in there.	LAWRENCE: Querida, meus dentes estão <u>super</u> limpos. Este fio dental novo tira tudo.

Quadro 37 – Exemplo 36

Exemplo 37

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:02:33	LAWRENCE: Hey, who all is there? CHAD: Fast Mike and Brandon. Where you at? [...] CHAD: Bro, Fast Mike got fat <u>as fuck</u> . I wanna call him Slow Mike, but you know how sensitive that nigga get.	LAWRENCE: Quem está aí? CHAD: Mike Ligeiro e Brandon. Onde está você? [...] CHAD: Cara... Mike Ligeiro engordou. Quero chamá-lo de Mike Lento, mas ele é sensível.
T1E6	00:16:01	ISSA: Okay, bitch, so she's supposed to stop seeing Jared just because he doesn't subscribe to the heteronormative rejection of sexual fluidity? [...] ISSA: Why can't black men explore their sexuality without being labeled gay or bi or whatever? MOLLY: Because I want my man to be a man. ISSA: That's homophobic <u>as fuck</u> , okay?	ISSA: E ela tem de parar de sair com Jared... porque ele não assina... a Rejeição Heteronormativa de Fluidez Sexual? [...] ISSA: Por que os negros não podem explorar sua sexualidade... sem serem rotulados de gay ou bissexual? MOLLY: Porque quero que meu homem seja homem. ISSA: Isso é homofóbico.

Quadro 38 – Exemplo 37

A primeira expressão gíria que será analisada nesta categoria é *as fuck*. De acordo com a definição principal do *Urban Dictionary* (2019), *as fuck* pode acompanhar praticamente todos os adjetivos para reforçar a ideia deles e tem sentido de “extremamente”. O TFD (2019), além de também afirmar que esta expressão intensifica a ideia do adjetivo a que está ligada, afirma que esta é uma gíria considerada grosseira.

No Exemplo 36, as duas ocorrências apresentadas em T1E2 foram traduzidas pelos advérbios “muito” e “muita” para concordar com o substantivo ao qual estão ligados. De acordo com o DPLP (2020), “muito” tem sentido de “com grande intensidade” e “em excesso”, e indica também que é utilizado para “formar o grau superlativo absoluto analítico de adjetivos”. O Aulete (2020) apresenta “em grande quantidade ou intensidade” como significado para “muito”.

No entanto, a terceira ocorrência – apresentada em T1E6 – foi traduzida por “super”, um prefixo que, segundo o DPLP (2020), denota sentido de excesso ou superioridade. Logo, é possível afirmar que as escolhas tradutórias apresentadas para o Exemplo 36 expressam o sentido da expressão gíria na LF.

Por outro lado, no Exemplo 37, as duas ocorrências foram omitidas da tradução. Isto pode ter sido consequência de os legendistas, muitas vezes, precisarem eliminar das legendas marcas de oralidade e possíveis traços informais.

Exemplo 38

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:08:49	LAWRENCE: Issa! ISSA: Lawrence? LAWRENCE: Where have you been? I've been calling you. ISSA: I... I... you know, I had my phone on airplane mode. LAWRENCE: <u>What the fuck?</u> ISSA: I'm just buying... LAWRENCE: You're buying panties? ISSA: Why you being all loud?!	LAWRENCE: -Issa! ISSA: -Lawrence. LAWRENCE: Onde esteve? Tenho ligado para você. ISSA: Deixei meu celular no modo avião. LAWRENCE: - <u>Que diabo?</u> ISSA: -Estou comprando... LAWRENCE: -Calcinhas? ISSA: -Por que está gritando?
T1E6	00:20:23	ISSA: <u>What the fuck?</u> Excuse me. Excuse me, we're right here! Can you please stop? PARKING ENFORCEMENT OFFICER: Sorry. I caught ya.	ISSA: <u>Que diabo?</u> Com licença! Com licença, estamos aqui! -Pode parar? GUARDA DE TRANSITO: -Desculpe. Peguei você.

Quadro 39 – Exemplo 38

A expressão *what the fuck* é bastante utilizada na língua inglesa. De acordo com o *Farlex International* (2017), esta expressão é considerada uma gíria ofensiva que pode ser utilizada para exclamar surpresa ou raiva, podendo também ser usada, segundo o TFD (2019), para exprimir ideia de incredulidade e indignação.

Nas duas ocorrências apresentadas no Exemplo 38, *what the fuck* foi traduzido por “que diabo”, junção do pronome indefinido “que” – usado para dar intensidade ao adjetivo a que está ligado (DPLP, 2020) – e “diabo” – que pode ser um substantivo utilizado para reforçar uma ideia e virá acompanhado de um pronome interrogativo, ou uma interjeição utilizada para expressar “raiva, impaciência”. (AULETE, 2020).

Considerando que, na primeira ocorrência, em T1E2 (Exemplo 38), Lawrence usa essa expressão ao encontrar Issa por acaso em uma farmácia, sendo que ela estava ignorando as ligações dele, pois estavam brigados, e que, na segunda ocorrência, em T1E6, Issa é surpreendida por um guarda de trânsito que a multa por estacionar em local proibido, é possível afirmar que a tradução de *what the fuck* por “que diabo” é adequada e exprime a mensagem do original.

Exemplo 39

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E2	00:18:46	THUG YODA: Hey, something up? I ain't seen your girl in a minute. Y'all good? [...] LAWRENCE: I've just been messing up. [...] THUG YODA: Yeah, a nigga's stuck. You ain't working, you ain't providing. <u>Shit</u> , you probably ain't even putting it down.	THUG YODA: O que houve? Não tenho visto sua namorada. [...] LAWRENCE: Tenho vacilado. [...] THUG YODA: Você estagnou. Não trabalha, não se sustenta. Talvez nem transe.
T1E5	00:17:32	TASHA: So, I'm about to go HAM on some jalapeño poppers and margaritas at Islands. LAWRENCE: Oh, that's cool. TASHA: You get off soon, right? LAWRENCE: <u>Shit</u> . I have a girlfriend, Tasha.	TASHA: Bem, estou indo desfrutar de jalapeño poppers... e margaritas no Islands. LAWRENCE: Que legal. TASHA: Você já vai sair, certo? LAWRENCE: <u>Droga</u> . Tenho namorada...
T1E6	00:20:23	ISSA: What the fuck? Excuse me. Excuse me, we're right here! Can you please stop? PARKING ENFORCEMENT OFFICER: Sorry. [...] ISSA: <u>Shit!</u> How'd I let that happen? I'm so fucking stupid.	ISSA: Que diabo? Com licença! Com licença, estamos aqui! -Pode parar? GUARDA DE TRANSITO: -Desculpe. [...] ISSA: <u>Droga!</u> Como deixei isso acontecer? Sou uma idiota.

Quadro 40 – Exemplo 39

Já apontada anteriormente como gíria depreciativa, *shit* é uma gíria que também apresenta caráter polissêmico e se enquadra em mais de uma categoria. Enquanto gíria expletiva, *shit* pode significar uma interjeição vulgar com sentido de “merda”. (NASH; FERREIRA, 2008). Além disso, o dicionário *on-line* TFD (2019) também considera esta gíria vulgar e afirma que ela é uma interjeição que pode ser utilizada para expressar raiva, surpresa e desprazer.

No que diz respeito à tradução, “droga”, é possível afirmar que, de acordo com o Aulete (2020), esta palavra pode ser utilizada como interjeição e “exprime descontentamento ou irritação”. Por sua vez, o DPLP (2020) afirma que esta interjeição é utilizada para expressar desagrado.

A primeira ocorrência, em T1E2, foi omitida da tradução, o que ocorre constantemente na legendação, conforme mencionado em 3.1. A segunda ocorrência – em T1E5 – e a terceira ocorrência – em T1E6 –, no entanto, foram

traduzidas por “droga”, vocábulo comum da língua portuguesa e que exprime a mesma ideia da gíria no original.

Exemplo 40

Episódio	Marcação	Original	Tradução
T1E6	00:13:58	JARED: I ran naked through a Best Western one time. I was so <u>fucking</u> high.	JARED: Corri nu dentro de um Best Western certa vez. Eu estava <u>muito</u> doidão.
T1E6	00:20:23	ISSA: What the fuck? Excuse me. Excuse me, we're right here! Can you please stop? PARKING ENFORCEMENT OFFICER: Sorry. [...] ISSA: How'd I let that happen? I'm so <u>fucking</u> stupid.	ISSA: Que diabo? Com licença! Com licença, estamos aqui! -Pode parar? GUARDA DE TRANSITO: -Desculpe. [...] ISSA: Como deixei isso acontecer? Sou uma idiota.
T1E6	00:22:27	MOLLY: Fuck! I really liked him. I mean, why'd he have to tell me? I'm such a <u>fucking</u> mess.	MOLLY: Droga! Eu gostava dele. Por que ele tinha de me contar? Estou <u>muito</u> chateada.
T1E8	00:24:59	ISSA: 40 minutes? <u>Fucking</u> Uber. Shit.	ISSA: Quarenta minutos? <u>Maldito</u> Uber. Droga.

Quadro 41 – Exemplo 40

No Exemplo 40, é possível observar quatro ocorrências da gíria *fucking*. A primeira ocorrência – presente em T1E6 e iniciada em 00:13:58 – e a terceira ocorrência – presente em T1E6 e iniciada em 00:22:27 – foram traduzidas por um advérbio de intensidade, “muito”. A segunda ocorrência – em T1E6 e iniciada em 00:20:23 – foi omitida da tradução. No entanto, a última ocorrência – em T1E8 – foi traduzida por um adjetivo, “maldito”. A partir disso, é importante apontar os significados de *fucking* para buscar entender as escolhas tradutórias apresentadas pela HBO para estas ocorrências.

De acordo com o TFD (2019), *fucking* é uma gíria vulgar que pode ser usada como advérbio ou adjetivo para dar intensidade e que pode significar “maldito” também para expressar intensidade. Além disso, o TFD (2019) afirma que, enquanto adjetivo, *fucking* pode expressar a ideia de algo muito bom ou muito ruim, o que irá depender do contexto em que for utilizado. Thorne (2014) apresenta esta gíria como um intensificador que é utilizado com adjetivos para dar ênfase a eles.

Nash e Ferreira (2008) apontam que *fucking* é um adjetivo vulgar que tem como tradução “maldito, desgraçado, filho da puta, porra”. Por sua vez, Dalzell (2008) aponta que esta gíria é um advérbio vulgar e enfático que é utilizado para dar intensidade e chamar a atenção para a palavra a que está ligado. A partir das definições apresentadas, é possível avaliar a tradução das ocorrências desta gíria.

Na primeira ocorrência – em T1E6 e iniciada em 00:13:58 – e na terceira ocorrência – em T1E6 e iniciada em 00:22:27 –, *fucking* foi traduzido por “muito”, um advérbio que expressa a ideia de intensidade, de grande quantidade. Considerando que a gíria na língua-fonte expressa a mesma ideia, é possível afirmar que, ainda que o advérbio “muito” não apresente características típicas da gíria, como, por exemplo, a informalidade, a escolha tradutória expressa a ideia do original.

A segunda ocorrência – em T1E6 e iniciada em 00:20:23 –, conforme acontece com palavras que apresentam marcas de informalidade, foi omitida da tradução. Por outro lado, na quarta ocorrência – em T1E8 –, a gíria *fucking* é utilizada como adjetivo e condiz com os significados apresentados por Nash e Ferreira (2008) – “maldito, desgraçado”.

Há como afirmar, então, considerando que “maldito” – tradução apresentada para *fucking* – também não é uma gíria, mas um vocábulo padrão da língua portuguesa, que essa ocorrência é mais um exemplo da neutralização de traços informais das legendas.

Dessa forma, levando em conta que alguns vocábulos gírios desta categoria foram omitidos, como *as fuck* e *fucking* , e outros traduzidos por vocábulos padrão da língua que expressem sentido similar aos apresentados pela gíria na língua-fonte, como *shit* , há uma tendência a neutralizar os traços informais nas legendas, o que, em alguns casos, poderia ocasionar a descaracterização de personagens, por exemplo.

8 CONCLUSÃO

Conforme mencionado no Capítulo 7, o objetivo deste trabalho era analisar a tradução dos vocábulos gírios encontrados nas legendas da série *Insecure*. Cabe ressaltar que o intuito não é julgar a tradução elaborada pela HBO, mas avaliar as escolhas tradutórias a fim de entender se elas exprimem o mesmo significado da gíria na língua-fonte. No entanto, antes de apresentar o resultado, vale apontar que, de acordo com Teixeira (2001 apud BARROS, 2006):

Em se tratando de material ficcional, como filmes, seriados, não se pode perder de vista que cada personagem tem um jeito peculiar de falar, com competência linguística diferente e universo lexical apropriado à sua caracterização. O bom tradutor jamais esquecerá esses traços, e deverá, para evitar a “pasteurização” de todas as falas, marcar estilisticamente em seu texto essa diversidade. (TEIXEIRA, 2001 apud BARROS, 2006).

A partir dessa declaração, é possível afirmar que a gíria – considerando que ela é uma linguagem utilizada como forma de reafirmação – deve ser observada atentamente pelo tradutor. Logo, é possível apresentar os resultados encontrados a partir da análise dos vocábulos gírios da primeira temporada de *Insecure*.

A gíria foi separada segundo as classificações criadas por Santos (2014) – gíria depreciativa, gíria neutra, gíria positiva e gíria expletiva – e abordadas em 6.1.3; no entanto, antes de explicitar qualquer resultado encontrado, é importante deixar claro que este trabalho limitou-se a analisar uma parte dos vocábulos gírios presentes na obra. Assim, o Quadro 42 ilustrará quantos e quais foram os vocábulos gírios analisados em cada categoria.

Vale apontar que no Quadro 42 será mostrado o número de ocorrências sem repetições, ou seja, se um vocábulo foi apresentado na análise com várias ocorrências e com soluções de tradução distintas – como a gíria *bitch* no Exemplo 32 e no Exemplo 33 –, este será contabilizado apenas uma vez.

Categorias	Vocábulos e expressões analisados	Quantidade	%
Depreciativa	<i>motherfucker, bullshit, asshole, shady, dick, dicked, fuck, fuck, pussy, fuck up, shitty-ass, shit, extra, doing the most, bitch, went down on, hoeing e ratchet.</i>	16,00	51,61
Neutra	<i>fronting, trippin', buggin', clowning, bounce e hell.</i>	6,00	19,35
Positiva	<i>hot shit, nigga, bitch, blood e hot.</i>	5,00	16,13
Expletiva	<i>as fuck, what the fuck, shit e fucking.</i>	4,00	12,90
Total:		31,00	100,00

Quadro 42 – Vocábulos gírios analisados

Como é possível ver no Quadro 42, a categoria de gíria depreciativa possui 51,61% do número total de vocábulos analisados, representando, assim, a categoria com maior variedade de vocábulos. A categoria de gíria neutra, por sua vez, possui 19,35% – com um total de seis vocábulos – e a categoria de gíria positiva representa 16,13% – com um total de cinco vocábulos gírios. Por fim, a categoria de gíria expletiva apresentou apenas quatro vocábulos gírios, o mesmo que 12,90% do número total de vocábulos analisados.

É importante dizer que o total de 31 vocábulos gírios apresentado no Quadro 42 não inclui repetições. No entanto, considerando que, na análise, foi levada em conta a repetição de cada ocorrência e o que foi feito com cada uma no processo tradutório, faz-se necessário apresentar também os números de ocorrências com repetições. Sendo assim, por exemplo, uma vez que foram apresentadas seis ocorrências para a análise da gíria *nigga* – no Exemplo 30 e no Exemplo 31 –, esta gíria, então, será contabilizada seis vezes.

Categorias	Quantidade	%
Depreciativa	29	41,43
Neutra	11	15,71
Positiva	16	22,86
Expletiva	14	20,00
Total:	70	100,00

Quadro 43 – Número de ocorrências por categoria com repetições

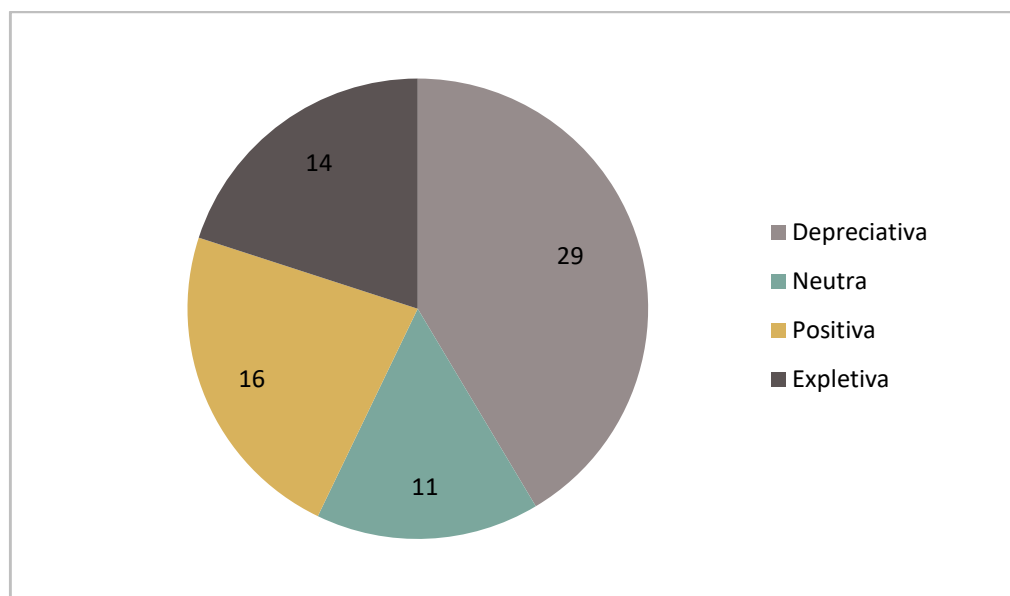


Gráfico 1 – Quantidade de ocorrências por categoria com repetições

Conforme aponta o Quadro 43, foram analisadas, ao todo, 70 ocorrências de vocábulos gírios. O Gráfico 1 aponta que, deste total, 29 vocábulos são da categoria de gíria depreciativa, 11 da categoria de gíria neutra, 16 da categoria de gíria positiva e 14 da categoria de gíria expletiva. Com isso em mente, o Quadro 44 apresentará o que foi observado ao analisar cada uma dessas 70 ocorrências.

Tradução nas ocorrências analisadas					
Categorias de análise	Número de soluções por categoria				
	Tradução por outra gíria (adequada)	Tradução por outra gíria (inadequada)	Tradução por outra palavra (adequada)	Tradução por outra palavra (inadequada)	Omissão
Depreciativa	0	0	23	4	2
Neutra	0	0	7	0	4
Positiva	0	0	4	8	4
Expletiva	0	0	10	0	4
Total:	0	0	44	12	14

Quadro 44 – Avaliação das ocorrências analisadas

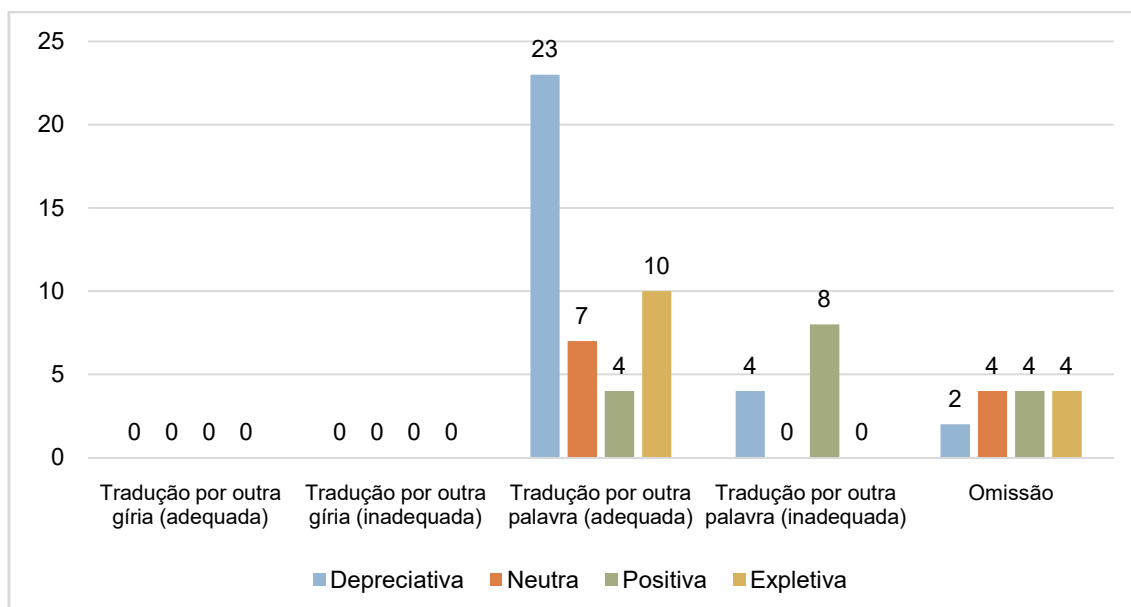


Gráfico 2 – Avaliação das ocorrências analisadas

Tendo em mente que o objetivo do Quadro 44 é apresentar o que foi encontrado ao analisar cada ocorrência, as possíveis soluções foram distribuídas em cinco colunas, que são: “Tradução por outra gíria (adequada)”, “Tradução por outra gíria (inadequada)”, “Tradução por outra palavra (adequada)”, “Tradução por outra palavra (inadequada)” e “Omissão”.

É importante esclarecer que as colunas “Tradução por outra gíria (adequada)” e “Tradução por outra gíria (inadequada)” – Quadro 44 –, apesar de não apresentarem ocorrências, foram criadas para mencionar que vocábulos gírios poderiam ter sido traduzidos – adequada ou inadequadamente – por outros vocábulos gírios da língua-meta, o que não ocorreu, como se mostra à frente.

A coluna “Tradução por outra palavra (adequada)” – Quadro 44 – engloba o número de vocábulos gírios que foram traduzidos por uma palavra padrão da língua-meta e que não é considerada uma gíria, mas que apresenta sentido similar ao do vocábulo gírio na LF. Por outro lado, a coluna “Tradução por outra palavra (inadequada)” – Quadro 44 – contabiliza o número dos vocábulos gírios que foram traduzidos por uma palavra padrão da LM e que não é considerada gíria nem apresenta sentido similar ao do vocábulo gírio no texto original. Por fim, a coluna “Omissão” (Quadro 44) contabiliza o número de todos os vocábulos gírios que foram omitidos no texto da LM.

Considerando o número total de 70 ocorrências – conforme aponta o Quadro 43 – e a partir das informações apresentadas no Quadro 44 e no Gráfico 2, é possível observar que, de todas as ocorrências analisadas, nenhuma apresentou

outra gíria – tanto adequada quanto inadequada – como tradução. Todavia, as colunas “Tradução por outra palavra (adequada)” e “Tradução por outra palavra (inadequada)” presentes no Quadro 44 indicam que palavras padrão da língua portuguesa foram majoritariamente utilizadas como tradução para os vocábulos gírios da LF. Vale indicar que, de todas as 44 ocorrências contabilizadas pela coluna “Tradução por outra palavra (adequada)” – Quadro 44 –, apenas duas apresentaram escolhas tradutórias com características informais – “transar” no Exemplo 8 e “filho da mãe” no Exemplo 10, ambas da categoria de gíria depreciativa (7.1). Além disso, por meio das informações apresentadas no Quadro 44, também é possível observar que, ainda que tenham sido utilizadas palavras do português padrão como escolhas tradutórias, 12 ocorrências foram consideradas inadequadas por não expressarem o sentido que os vocábulos gírios exprimem na LF. Ademais, 14 ocorrências foram omitidas do texto traduzido.

É importante mencionar que foram apresentadas soluções tradutórias para todas as ocorrências contabilizadas na coluna “Tradução por outra palavra (inadequada)” do Quadro 44, com exceção das três ocorrências de *bitch* no Exemplo 33, pois ocorreu o que se chama de intraduzibilidade, ou seja, não há na língua-meta um vocábulo que possa expressar a mensagem da gíria na língua-fonte. Ademais, cabe ressaltar algumas determinações apontadas em 2.1, como a importância de o tradutor fazer uso de bons dicionários e fontes de pesquisa, ter e/ou adquirir conhecimento cultural da LF e da LM, reconhecer fatores extralinguísticos que possam afetar diretamente a mensagem – como meio social e etnia –, e buscar informações sobre a obra, pois tudo isso contribui para que seja possível executar uma boa tradução.

Ao observar semanticamente as escolhas tradutórias apresentadas para as ocorrências analisadas e ao levar em conta que, das 70 ocorrências, 44 foram consideradas adequadas por apresentarem sentido similar ao dos vocábulos gírios na LF, seria possível, então, apontar que a tradução apresentada pela HBO é “parcialmente” adequada.

A escolha de vocábulos padrão da língua portuguesa como tradução para os vocábulos gírios da língua inglesa pode ser explicada, pois, segundo Barúqui (s.d. apud SELVACITI, 2018), o uso da gíria nas legendas é proibido por muitas empresas e contratantes. Ademais, de acordo com sua experiência profissional na área, Nunes (2012 apud LOBATO, 2016) afirma que muitos manuais oferecidos por

estúdios e empresas demonstram um cuidado excessivo com a “correção gramatical”, o que costuma levar o tradutor a omitir completamente características da língua falada e dar prioridade à norma culta escrita. Vale ressaltar também que a conversão do texto falado em texto escrito “implica a perda de muitos recursos prosódicos próprios do código falado”. (CIEGLINSKI, 2019).

Por outro lado, considerando que o objetivo deste trabalho foi analisar a tradução da gíria presente nas legendas da série *Insecure*, seria possível considerar inadequada a tradução, uma vez que, das 70 ocorrências analisadas, nenhuma delas apresentou outra gíria como escolha tradutória e 14 foram omitidas (Quadro 44). Partindo do pressuposto de que autores, constantemente, utilizam recursos de maneira proposital para refletir traços sociais e culturais, a ausência desses vocábulos gírios no texto traduzido também pode ser um fator importante para considerar inadequada a tradução dos vocábulos analisados neste trabalho, uma vez que essa ausência pode resultar na descaracterização de personagens e até mesmo da obra.

Além disso, vale ressaltar que, de acordo com Barros (2006), as legendas precisam refletir exatamente “as características peculiares da personalidade e da fala de cada personagem”. A autora também deixa claro que é necessário “encontrar um equilíbrio entre a norma e essas variedades linguísticas” para que as obras e seus respectivos autores sejam respeitados. (BARROS, 2006). Sendo assim, com base nos números apresentados no Quadro 44, acredita-se que a tradução é inadequada, já que não apresentou nenhuma gíria como tradução para os vocábulos gírios da LF analisados neste trabalho e ainda omitiu 14 da tradução.

Considerando que a TAV está em constante crescimento, acredita-se que as informações teóricas deste trabalho possam contribuir para o progresso dos estudos acerca da tradução para legendagem e acerca da gíria, uma vez que a gíria – conforme apontado em 6.1.2 – precisa ser reconhecida como um tipo de linguagem que enriquece o léxico da língua, uma vez que sua criação, muitas vezes, é feita de forma inteligente e bem pensada.

Visto que este trabalho limitou-se a analisar uma parte da tradução da gíria nas legendas da primeira temporada da série *Insecure*, seria interessante analisar futuramente as outras três temporadas já lançadas até o presente momento com o propósito de observar se a gíria continua fazendo parte do vocabulário dos personagens, se os vocábulos gírios também foram traduzidos por palavras padrão

da língua, se foram omitidos na tradução ou se há presença da gíria como escolha tradutória.

Uma vez que os vocábulos gírios *nigga* e *blood* – ambos analisados em 7.3 – são de uso exclusivo de pessoas pretas e que a gíria *frontin'* apresenta uma das características do Inglês Vernacular Afro-Americano (IVAA) – a substituição da letra “g” pelo apóstrofo – seria interessante analisar a presença do IVAA na obra e sua possível influência. De acordo com Green (2002 apud OLIVEIRA, 2018), o IVAA é “um dialeto social e étnico falado por pessoas negras nos Estados Unidos”.

Além disso, conforme é possível observar, há a presença de nomes de pessoas famosas nas legendas, como, por exemplo, Janet Jackson e Missy Eliot no Exemplo 9 e Russell Wilson no Exemplo 11. Desta forma, também seria interessante analisar as referências culturais apresentadas pela série *Insecure* e como elas dialogam com a obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABL. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. 5. ed. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- ÁLVAREZ, Adriana Carina Camacho. Da oralidade à legenda: reflexão em torno de um trabalho de legendagem. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, 2011. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18932/18932.PDF>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- ARAÚJO, Angélica Almeida de. **Os contatos de línguas na série *The Bridge***: uma proposta de legendagem criativa. 2017. 138 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/23909>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. O processo de legendagem no Brasil. **Revista do GELNE**, v. 4, n. 1, p. 1-6, 26 fev. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9143/6497>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**: A teoria na prática. São Paulo: Ática, 2003.
- ARUA, A.; ALIM, M. The creation of students' academic slang expressions in the University of Botswana. **Linguistik Online**, v. 40, n. 4, ago. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.13092/lo.40.429>>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- ARYAWAN, Luh Putu Karina Febriyanti. An analysis of the use of American slangs on Eminem's song lyrics. **Lingua Scientia**, v. 24, n. 2, dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.23887/lis.v24i2.18803>>. Acesso em: 9 fev. 2020.
- AULETE Digital. Dicionário *on-line* da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 2 jul. 2020.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 37. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BARBOSA, Heloísa G. **Procedimentos técnicos da tradução**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- BARROS, Livia Rosa Rodrigues de Souza. **Tradução audiovisual**: a variação lexical diafásica na tradução para dublagem e legendagem de filmes de língua inglesa. 2006. Dissertação (Pós-Graduação em Linguística) – Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-31072007-154148/publico/TESE_LIVIA_ROSA_R_S_BARROS.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BESSA, Waldemberg Araújo. **Gíria**: uma perspectiva em uso em sala de aula. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre. Disponível em:
<<https://biblioteca.uniritter.edu.br/imagens/035UNR89/0000E5/0000E544.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BONACIN, Larissa Degasperi; SCHÄFFEL, Dicleia Maria Bastos. Tradução poética: “O corvo” aos olhos de Machado de Assis e Fernando Pessoa. **Eletras**, v. 20, n. 20, jul. 2010. Disponível em:
<http://universidadetuiuti.utp.br/eletras/ea/eletras20/textos/Primeiros_ensaios_20.4_Traducao_poetica_O_corvo_BONACIN_SCHAFFEL.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

BORGES, Nara Rubia Martins. **A descaracterização da gíria nos blogs**. Dissertação (Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007. Disponível em:
<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15320>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

BRANCO, Sinara de Oliveira. Tradução intersemiótica e legendagem: adaptação de linguagens para compreensão de culturas. **Cadernos de Letras da UFF**, [S.l.], v. 24, n. 48, jul. 2014. Disponível em:
<<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/125>>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua**. Notas técnicas, v. 1.5, 5. ed., Rio de Janeiro, 2019. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101656_notas_tecnicas.pdf>. Disponível em: 20 ago. 2019.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARVALHO, Carolina Alfaro de. **A tradução para legendas**: dos polissistemas à singularidade do tradutor. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em:
<<https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.6613>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

CIEGLINSKI, Ariane Machado. **As legendas de *Two and a Half Men***: a tradução de expressões humorísticas. 2018. 107 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em:
<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/32098>>. Acesso em: 10 set. 2019.

CINTAS, Jorge Díaz; REMAEL, Aline. **Audiovisual Translation**: Subtitling. Nova York: Routledge, 2014.

COLEMAN, Julie. **The Life of Slang**. Estados Unidos: Oxford University Press, 2012.

DALZELL, Tom. **The Routledge Dictionary of Modern American Slang and Unconventional English**. 1. ed. Estados Unidos: Routledge, 2008.

DICTIONARY.COM. Dicionário *on-line* de língua inglesa. Disponível em: <<https://www.dictionary.com/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

DPLP. DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Dicionário *on-line* de língua portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

EBLE, Connie C. **Slang and Sociability**: in-group language among college students. 2. ed. Estados Unidos: The University of North Carolina Press, 1996.

FARAZANEH, Leyla. Reclaiming Bitch. **FEM Magazine**. Estados Unidos, 19 nov. 2014. Disponível em: <<https://femmagazine.com/reclaiming-bitch/>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

FARLEX INTERNATIONAL. **The Farlex Idioms and Slang Dictionary**: The Most Complete Collection of Idioms and Slang in the English Language. Farlex International, 2017.

FRANCO, Eliana P. C.; ARAÚJO, Vera Santiago. Questões terminológico-conceituais no campo da Tradução Audiovisual (TAV). **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, 2011. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.PDF>>. Acesso em: 11 set. 2018.

FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert. **Introdução à linguagem**. Trad. Isabel Casanova. Coimbra, Portugal: Editora Almedina, 1993.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Trad. Marcos Malvezzi. 2. ed. rev. São Paulo: Madras, 2009.

GREGOIRE, Carolyn. The psychological power of reclaiming oppressive language. **The Huffington Post**. Estados Unidos, 10 fev. 2017. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/psychology-reclaiming-language_n_589c96bde4b04061313bf423>. Acesso em: 26 jun. 2020.

HBO. Site oficial da emissora com informações sobre suas produções e outros títulos. Disponível em: <<https://www.hbo.com/>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

INFOPÉDIA. Site de referência e repositório multimídia *on-line* de Dicionários monolíngues e bilíngues. Porto: Porto editora, 2003-2020. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

INSECURE. Série de drama exibida pela HBO. Direção: Issa Rae. Produção: Prentice Penny e Melina Matsoukas. Estados Unidos: HBO. 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LEXICO. Dicionário *on-line* de língua inglesa. Disponível em: <<https://www.lexico.com/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

LIMA, Joséli Cunha de. O tradutor-legendista em Cidade de Deus. **Estudos Linguísticos**, v. 2, n. 38, p. 367-378. São Paulo: UNILAGO, 2009. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N2_29.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2020.

LOBATO, Carolina Rodrigues. **Stop talking to me like a fucking politician**: a tradução de expletivos na legenda da série *Veep*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Inglês) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/156951>>. Acesso em: 10 set. 2019.

MARTINEZ, Sabrina L. **Tradução para legendas**: uma proposta para a formação de profissionais. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.10689>>. Acesso em: 10 set. 2019.

MERRIAM-WEBSTER. Dicionário *on-line* de língua inglesa. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

NASH, Mark G.; FERREIRA, Willians R. **Michaelis Dicionário de Gírias Inglês-Português**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

NOBRE, Antonia Célia Ribeiro. A influência do ambiente audiovisual na legendação de filmes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 2, n. 2, p. 75-82. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v2n2/04.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2008.

OED. OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Dicionário *on-line* de língua inglesa. Disponível em: <<https://www.oed.com/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

OLIVEIRA, Alana Ariadne dos Santos. O inglês vernacular afro-americano na tradução do livro *Push* para o português brasileiro. **Revista do ISAT**, São Gonçalo, v. 10, 1. ed., p. 58-175, set. 2018. Disponível em: <https://www.revistadoisat.com.br/numero10/5%20Ingles_Alana.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

OLIVEIRA, Maria Luciana Teles de. **A gíria dos internos da FEBEM**. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14382>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

PAGURA, Reynaldo José. Tradução e interpretação. In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. (Orgs.). **Tradução e: perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 183-207. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-09.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2019.

PRETI, Dino (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

REIS, João Paulo Ribeiro. Tradução intersemiótica na Terra-Média. **Revista do ISAT**, São Gonçalo, v. 4, 1. ed., p. 115-176, set. 2013. Disponível em: <https://www.revistadoisat.com.br/numero4/04_Traducao_Intersemiotica_Joao_Paulo.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ROMÃO, T. A tomada de notas em interpretação consecutiva: algumas considerações históricas. **Tradterm**, v. 24, p. 281-300, 17 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/96572/95784>>. Acesso em: 14 out. 2019.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2012.

SAID, Fabio M. **Fidus Interpres: a prática da tradução profissional**. Clube de Autores, 2011.

SALERNO, Ana Carolina Garrido Rodrigues. Jogos Vorazes: uma breve análise da tradução para o português do Brasil. **Revista do ISAT**, São Gonçalo, v. 7, p. 15-91, dez. 2016. Disponível em: <<https://www.revistadoisat.com.br/numero7/2%20Ana%20Carolina%20Jogos%20Vorazes.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SANTOS, Caroline Reis Vieira. **Tradução de Gírias em Harry Potter: um estudo com base em Corpus**. Tese de Doutorado. Programa de Estudos de Tradução: Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128723>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

SELVATICI, Carolina. A tradução audiovisual. **Metáfrase**. Londrina, PR, ano 2, n. 11, p. 16-22, jul. 2018. Disponível em: <<https://abrates.com.br/materiais/metafrase-11/>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

SILVA, Alessandra Freitas da. Gíria: linguagem ou vocabulário?. **Revista Pholologus**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 35-48, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/41/RPh%2041.pdf>>. Acesso em: 29 fev. 2020.

SOANES, Catherine; STEVENSON, Angus. **Oxford dictionary of English**. 2. ed. rev. Oxford: Oxford University Press, 2005.

SOUZA, José Pinheiro de. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 20, n. 1/2, p. 51-67, jan./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SPEARS, Richard A. **NTC's dictionary of American slang and colloquial expressions**. 3. ed. Estados Unidos: The McGraw-Hill Companies, 2010.

TFD. THE FREE DICTIONARY. Dicionário *on-line* de língua inglesa com resultados de diversas fontes. Disponível em: <<https://www.thefreedictionary.com/>>. Acesso em: 23 out. 2019.

THORNE, Tony. **Dictionary of contemporary slang**. 4. ed. Londres: Bloomsbury Publishing Plc, 2014.

TRISKA, Zoë. You say “bitch” like it’s a bad thing: examining the implications of the notorious word. **The Huffington Post**. Estados Unidos, jan. 2013. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/post_4332_b_2526243>. Acesso em: 23 out. 2019.

URBAN DICTIONARY. Dicionário *on-line* de gírias e expressões da língua inglesa. Disponível em: <<https://www.urbandictionary.com>>. Acesso em: 23 out. 2019.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VELOSO, Waldir de Pinho. **Como redigir trabalhos científicos**: monografias, dissertações, teses e TCC. São Paulo: IOB Thomson, 2005.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da língua afiada**. 24. ed. São Paulo: Editora do Bispo, 2013.

XUXETA aprende gírias gays. Entrevista com Marcell Filgueiras exibida em 12 out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qA-_hrOWDHw>. Acesso em: 20 fev. 2020.

YOURDICTIONARY. Dicionário *on-line* de língua inglesa. Disponível em: <<https://www.yourdictionary.com/>>. Acesso em: 23 out. 2019.